

An oil painting of a tropical landscape. In the foreground, there are lush green plants and a thatched-roof building. The middle ground is dominated by several tall palm trees with dense, green fronds. The background shows a hazy, blue sky and distant hills. The overall style is expressive and colorful, with visible brushstrokes.

# Miguel Bakun

O OLHAR DE UMA COLEÇÃO











# Miguel Bakun

O OLHAR DE UMA COLEÇÃO

## Miguel Bakun: A collection's gaze

Sem Título, 1949, nanquim sobre papel, 16 x 11,5 cm





## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO Walter Gonçalves	11
UMA PINTURA MICROFÍSICA, DESAFORADA (BAKUN) Adolfo Montejo Navas	17
MAIS OU MENOS ARABESCOS Ronaldo Brito	35
CRONOLOGIA	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
ENGLISH VERSION	161



## O colecionismo

Primordial para o desenvolvimento de uma coleção de arte, bem como foi para a realização deste livro, é seguir aprendendo, estando ao lado de artistas, galeristas, restauradores e colaboradores em torno de objetivos comuns. Que a arte justamente seja capaz de nos unir sempre, para podermos entender melhor seu significado.

Como colecionador, sinto-me amparado por uma rede de pessoas com a qual convivo. Existe uma colaboração intensa de profissionais da área que promovem e preservam o patrimônio artístico. Muito da arte brasileira chega até nós devido à dedicação dessas pessoas.

Podemos observar que o colecionismo em nosso país vem ganhando maior relevância ao cumprir a função de apoio às instituições públicas, à cultura e à arte. Evidentemente que as políticas culturais públicas, para atender às desigualdades econômicas e sociais que ainda temos no Brasil, enfrentam limitações financeiras em seus museus, acervos e bens culturais. Portanto, novas aquisições de obras que se destinam a nossa formação e educação deixam de ocorrer e há deficiência na manutenção e restauro do patrimônio artístico-cultural. Nesse sentido, as coleções e as instituições privadas trazem um importante reforço ao caminhar junto às necessidades desse contexto e na revelação de conteúdos expressivos da nossa arte.

Embora possa parecer estranho, minha hipótese sobre os colecionadores privados é a de que eles não são, de fato, os únicos proprietários das obras de arte. Se pensarmos a longo prazo, saberemos que eles se vão, morrem, mas as obras permanecem. Obras de arte são um patrimônio artístico do país e da humanidade. Os colecionadores apenas cuidam das obras durante um determinado período e a responsabilidade moral que recai sobre eles é, além do encargo da conservação, o desafio de abrir suas coleções para o acesso e a democratização.

O que colecionar é uma pergunta essencial para um colecionador e uma das maiores contribuições de uma coleção é exatamente a de eleger um determinado recorte histórico, tendência ou artista. No meu caso, a coleção se direcionou ao pintor paranaense Miguel Bakun (1909-1963).

Em nosso país, cabe-nos ainda destacar algumas ações colecionistas significativas para a formação da arte brasileira, pelo divisor de águas que isso representou: Assis Chateaubriand, em sua empreitada gigantesca para fundar o MASP com uma nova sede e acervo de grande representação histórica nacional e internacional; Francisco Matarazzo, com a Fundação Bienal de São Paulo, internacional propulsora de atualizações, enfrentamentos e diálogos para a compreensão da arte e do mundo, foi também o fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo; e, mais recentemente, temos Bernardo Paz com o Instituto Inhotim, local fundamental de promoção da arte contemporânea. Enfatizo o quanto essas três grandes aventuras junto ao colecionismo no Brasil, despertaram um forte interesse pela arte, com um público cada vez maior e muitas vezes inesperado. Em especial, pode-se dizer: há fome de arte.



Sem Título, sem data, óleo sobre aglomerado de madeira, 36 x 26 cm

## Sobre uma coleção e a obra de Miguel Bakun

Para mim as coleções de arte estiveram presentes desde a infância. Meu pai foi um ativo negociante de antiguidades atuando em toda a região Sul do Brasil. Ao trabalhar no comércio de antiguidades, recolhia sempre uma gama de peças incríveis, que passavam por nossa casa ao longo dos anos, mas nunca permaneciam por muito tempo, afinal, tratava-se do negócio da família. Em casa, sempre tivemos uma boa biblioteca de história da arte e literatura. Minha mãe, por sua vez, era uma exímia desenhista, pintora e, quando jovem, foi aluna de Theodoro De Bona, em Curitiba. Quando moramos na cidade de Rio Negro, no Paraná, lembro-me das visitas que recebíamos para ver nosso acervo de obras de Alfredo Andersen, mestre da pintura paranaense. Apesar de nunca ter abandonado meu interesse por arte, me formei na década de 1980 como engenheiro químico pela Universidade Federal do Paraná desenvolvendo uma carreira como executivo de empresas multinacionais. As frequentes viagens pelo exterior me ajudaram a percorrer os principais museus do mundo, em especial, os europeus.

Minha história de colecionador de arte se inicia com a aquisição de uma marinha de Pancetti, depois uma têmpera sobre tela de Volpi. Há cerca de uma década me aproximei da obra de Bakun com mais afinco. É difícil de explicar, mas, reconheço-me dentro de suas pinturas e desenhos, talvez por ser paranaense também. Suas obras expressam as particularidades de uma percepção de mundo curiosa, delicada e gentil diante da natureza e, ao mesmo tempo, evidenciam uma força criativa através de impetuosas e ritmadas pinceladas na fatura de seus trabalhos. Esta coleção, focada em Miguel Bakun, visa trazer maior reconhecimento a sua obra, demonstrar sua historicidade, trajetória de produção e oportunizar novos estudos e entendimentos.<sup>1</sup>

Desde a década de 2000, a produção do artista vem ganhando maior reconhecimento nacional e internacional. Surgem novas e importantes pesquisas, leituras críticas atualizadas, publicações, exposições e participações em feiras de arte. Enfatizo algumas ações que reposicionaram a obra do artista: Miguel Bakun: Natureza e Destino, Instituto de Arte Contemporânea (IAC), em São Paulo e Casa Andrade Muricy, Curitiba (2009), Miguel Bakun: Na Beira do Mundo, Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba (2010), Aprendendo com Miguel Bakun – Subtropical, no Instituto Tomie Ohtake, individual na Galeria Simões de Assis, em São Paulo (2019), Gabinete Miguel Bakun, na feira Art Basel pela Galeria Simões de Assis, em Miami (2021), e, recentemente, individual do artista na Galeria Mendes Wood, em Bruxelas (2024). É uma satisfação também poder, de certo modo, fazer parte desse momento para a obra de Miguel Bakun.

Neste livro foi essencial o trabalho em equipe coordenado por Eliane Prolik, artista, pesquisadora e admiradora de Miguel Bakun. Contamos com a significativa contribuição de textos críticos de Adolfo Montejo Navas sobre a pintura e de Ronaldo Brito sobre o desenho do artista. Adolfo Navas (poeta, artista plástico, escritor e crítico de arte) nos proporciona uma leitura de fôlego sobre Bakun e sua construção pictórica na apreensão poética do mundo. E pela primeira vez, a produção gráfica do artista recebe uma leitura crítica específica que Ronaldo Brito (professor, crítico e historiador da arte) realiza com maestria, após ter participado do processo atual de reconhecimento da obra de Miguel Bakun, por várias ocasiões. No final do livro, a cronologia do artista procura alimentar a pesquisa sobre sua vida e obra, da qual junto a Eliane e Luiza Urban, tenho o prazer de ter me dedicado. Agradeço a todas as pessoas que estiveram presentes e colaboraram para essa publicação, e em especial, ao Claudiney Belgamo que me aproximou de Bakun e acompanhou a formação desta coleção.

**Walter Gonçalves**

<sup>1</sup> Através das redes sociais, pelo perfil do Instagram @miguelbakun\_finearts, ocorre comunicação, troca de dados e informações sobre essa coleção e a obra de Bakun.





Sem Título, 1948, grafite sobre papel, 16 x 12 cm



# UMA PINTURA MICROFÍSICA, DESAFORADA (BAKUN)

Adolfo Montejo Navas

“A pintura apreende nosso modo de olhá-la.”  
David Salle

## I

Bakun, nominalmente, soa tão sonoro, que reverbera com nomes intensos como Bakunin (o anarquista russo) ou Willem de Kooning (o pintor expressionista-abstrato norte-americano). Seu nome de origem, também eslavo, retumba na arte brasileira ainda como um artista lateral, meio maldito, quando se associa à marca do suicídio, criando ainda um problema de contextualização histórica, que só mais ou menos recentemente, vem se metamorfoseando em outra leitura mais justa e certa. Um encaixe artístico e de valor. Alguns esforços nessa direção são já produtivos<sup>1</sup> de umas maiores e valiosas coordenadas, seja nas análises próprias de sua obra quanto nas concomitâncias com outras poéticas. O próprio modernismo brasileiro deve a si mesmo, quase que periodicamente, interpretações mais generosas, algo que fica mais conflitante, quando se chama tardo-modernismo e os artistas em questão são de entre épocas.

De fato, como costuma acontecer com artistas de regiões afastadas dos eixos dominantes (no Brasil, Rio e São Paulo exerceram esse monopólio até quase finais do século passado), Miguel Bakun (1909-1963) é um exemplo mor de artista cuja deslocalização pessoal e espiritual vai moldar uma biografia artística, com caracteres *sui generis*, em grande parte isolado em terra de ninguém (apesar de ter um equidistante reconhecimento local na Curitiba da sua época). A condição de “eterno estrangeiro”, tão comum em outros tantos artistas brasileiros emigrados, chegará a ilustrar o signo de sua obra pictórica, com paisagens que respondem a seu *habitat* paranaense de forma episódica, porque nunca são correlatos, e sim, lugares de luz mais sacrificada e interiorizada, já não mera consequência pós-impressionista (como ilustraria sua formação óptica, estética), sendo assim um território imagético mais acidentado, tanto na composição e corte, o seu lugar e projeção do olhar, quanto nos motivos e a própria feitura, mais intensa e vibrante que previsível ou acadêmica.

## II

Toda sua pintura se apresenta em certo estado de revolta estética, algo que em seus dias o isolou mais que o destacou. Nela há uma matéria informe de massas pictóricas, como uma pintura em combustão, latejante, pulsando as imagens que oferece, porque, no fundo, há um certo magma telúrico, palpitante, trazido à superfície. Pintura sempre vibrante, não estacionada, excitante. Porque nada nela é completamente apaziguador, calmo (como se pode respirar em José Pancetti ou em Alberto da Veiga Guignard). Até em suas telas mais pausadas, há uma vibração interna, abrupta, irredenta, certo desgarro na feitura e no foco: os *closes-up* são definitórios disso, de uma densidade cromático-figuracional, quase a ponto de explodir ou desabrochar, seja qual for o motivo escolhido: matas, plantas, flores, árvores, mar, céus, portões, casas...

<sup>1</sup> Em destaque desta conversão crítica personalizada, Eliane Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas, Rodrigo Naves e Luise Malmaceda/Paulo Myada.

Aliás, a coleção de motivos é quase “franciscana”, humilde, exíguas, raramente urbana, com a natureza não só em primeiro plano, como focalizada em destacados elementos secundários, incidentais: troncos, plantas, cercas, margens; mais interessada assim na visualidade secundária de porta dos fundos e quintais que da entrada principal, ou na grandiloquência de grandes vistas; de fato, as telas mais panorâmicas são as mais conservadoras na composição e razão do pintor.

Em certo sentido, a simplificação/síntese de elementos, como se o conjunto fosse feito de partes exaltadas, convulsas, como se elas fossem a verdadeira totalidade, tem um lado oriental. No fundo, resultado tudo de uma síntese imagética. E paradoxo: as telas são exultantes, fulgurantes como pintura, resultado visual, mas os motivos são menores, parciais, laterais: desimportantes (em sua maioria, em sua escolha, angulação, perspectiva e planos de interesse).

Tanto suas perspectivas e a sua paleta são distorcidas, pouco escolásticas: o corte de muitas obras é outro fator singular presente na composição e as marcas da paleta/do traço estão à vista: a cor areja suas asas e se formula, estrutura e configura mais que qualquer outro elemento. Com uma fatura densa de tinta, que vai apelar ao olhar em uma luz nada tropical (em climatologia do Sul do país), o próprio desenho de Bakun é *brut*, tosco, intempestivo, camuflado pela cor, configurada para mergulhar, lançar a imagem em construção.

Contudo, a perceptível sensualidade na pintura de Bakun infere que a natureza está sendo vingada, brotando, dada sua captura e pregnância. Há nisso uma marca selvagem, certo alvoroço na vegetação, nas águas, nas representações de árvores, lagoas, plantas, areias, folhagem, água... É uma pintura mais *in loco* que *in situ*, na medida em que o que prevalece não é tanto o local da ação (o lugar de projeção escolhido) quanto o resultado (a plataforma da tela): a voz pictórica.

Nessa mesma equação reduzida e potenciada do menor espaço e a tensão em jogo, Ronaldo Brito já antecipou a presença de uma instigante vertigem. Assim como sua consequência delatada: “daí a sensação visual contraditória de reclusão e infinito”<sup>2</sup>.

Na verdade, a tipologia da sua paisagem é estranha, turba, pela exaltação, vigor, não só da cor ou da figuração, mas pelo resultado quase epidérmico, a textura a à flor de pele; pelos traços, acentos, reflexos a ponto de pular da tela. Muitas vezes parece, inclusive, que a tela é um detalhe, fruto de um escolhido foco pontual, pela visceralidade visual muito evidente, aproximada a um olhar reclamado (nas antípodas mais apolíneas de Mario Rubinski<sup>3</sup> ou Antonio Arney que exigem outra atenção). Por outra parte, salvando as distâncias, diversos paisagistas posteriores, até contemporâneos, podem tê-lo como antecessor de mergulho imagético na natureza (Fernando Lindote ou também Luiz Zerbini)<sup>44</sup>.

É interessante registrar nesse contexto, como a presença humana aparece pouco, desfigurada, mera mancha deforme, inserida ou perdida na paisagem. Os personagens se fundem na malha cromática, porosa com o mundo e com a tela (dois âmbitos convergindo). Seu estatuto não configura importância alguma, pois é sempre outro âmbito que se privilegia, em ordem maior, quase religioso, como é a comunhão com a natureza (um divino da vida, da luz e do

2 Ronaldo Brito, *Concisos, convulsos*, em PROLIK, E. (Org.). Miguel Bakun: a natureza do destino. Curitiba: edição do autor, 2009. p. 7.

3 À diferença de Bakun, o conceito de beleza de Rubinski não é convulso, é mais sintetizado que condensado, sem perspectiva, mas geométrico. Antonio Arney já realiza um construtivismo agreste (povera), mas também fruto de poética independente. Os três juntos representariam uma tríade artística paranaense com parecidos problemas de contextualização nacional. Ver as oportunas edições MORAES, G. Antonio Arney: Comparação de valores. São Paulo: Intermeios, 2019 e NAVAS, A. M.; PROLIK, E. (Orgs.). Mario Rubinski - O espaço imantado. São Paulo: MON/Iluminuras, 2024.

4 A mostra *Aprendendo com Bakun: subtropical* (curadoria Luise Malmaceda e Paulo Myada) estabeleceu conexões na órbita da paisagem: Iberê Camargo, José Pancetti, Fernando Lindote, Lucas Arruda, Caio Reisewitz, Marina Camargo, Marcelo Moscheta, entre outros (Instituto Tomie Ohtake, 2019). Marcelo Moscheta, entre outros, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2019.

movimento perseguido em seus quadros, conforme o pintor declarou, encontrado nas cores, nas frutas, nas flores...). Exploração sempre de forças levadas à consciência artística, não sem aguda luta interior, como diria Mauro Maldonato<sup>5</sup>, em sintonia com a perplexidade que habitamos e somos. Como pintura embrenhada em seu registro e tradução, a operação de trazer o mundo para a imagem (representação), é oferecê-lo transformado, em outra percepção e dimensão.

### III

Enquanto a matéria pictórica de Bakun é reconhecidamente sobreabundante, visível, pastosa, informe, é ela que constrói, desenha<sup>6</sup>, com sua massa de tinta em efervescência, invasiva, de contornos nada delimitados em seus motivos. Está sempre em evidência, por sua condensação e turgência. Suas manchas estão mais vivas do que parecem, abrigam uma vibração autônoma – até da paisagem origem, pretexto local – aportando uma visualidade diferente, criada, mais planar e achatada: “é o empaste que literalmente constrói os espaços” coloca certamente Artur Freitas<sup>7</sup>.

Sendo a natureza quase destino, conforme algumas leituras feitas (Eliane Prolik, por exemplo), o naturalismo com seus predicados clássicos (a natureza como verdade, a percepção direta do olhar, a perspectiva em valor, o regimento do desenho) não correria a mesma sorte em Bakun, na medida em que sua poética escapa dessa tradução estética. Longe, obviamente, do paisagismo curitibano influenciado por Alfredo Andersen, Bakun oferece outra pauta: uma pintura em primeiro plano que não parece estar ao fundo da tela, como resultado e sim como processo, pintura mais ativada que sedimentada. A pincelada pode ser saltitante, sincopada, aquática, fenomenológica (no sentido mais físico). A esse respeito, resulta iluminadora a observação pioneira de Guido Viaro na época, quando diz que se elimina “o ar das paisagens como se fosse uma experiência da física”<sup>8</sup>. Não interessa, portanto, o ar naturalista, mas sim a respiração da matéria (da tinta, da cor, seu entrelaçamento), como outra chave de entendimento menos arcaica ou passadista.

Desse modo, não é estranha nunca a sensação de latência pictórica pela vibração, de dispersão e equação tonal pela turbulência do gesto do Bakun. Uma concepção e um *modus operandi* que reporta outro imaginário não só visual, quanto cognitivo, pois a natureza-paisagem e as referências iconográficas que maneja (quintais, cercas, lagoas, margens) não são nada delimitadas ou seguras como tais, se metamorfoseiam. Dir-se-ia que Bakun aporta um ponto cego que desnorteia a observação tradicional das coisas, e que já no século XXI, pode ser melhor observado, quando até os fatos brigam com a imaginação pelo domínio do estatuto do real.

Até a lógica da racionalidade estética cai em certo buraco negro na hora de examinar essa pintura que desnorteia coordenadas. A sua cintilância cromática sabe se defender de apreensões simplistas, meramente formulatórias. Seu lado turvo se entende bem pensando em outros parentes artísticos longínquos, Anselm Kiefer ou até Nuno Ramos, se reconhecemos a existência de certo magma, fartura, fundo (nunca neutro). Embora nessa obra bakuniana, o vazio da tela viva de sua massa, de seu tratamento, da intensidade, de sua fluidez encarnada, às vezes permeável (a evidência do fundo branco que também compõe como faz o silêncio). O que explica em algumas telas o efeito de faíscas de cor, de irradiações, certa luz sempre convulsa, fruto de uma imersão na composição, certa aludida vertigem. Aliás, a fala dessa pintura coloca a experiência da percepção além de sua mera inscrição, seja como paisagem, vegetação ou natureza-morta.

5 MALDONATO, M. Exercícios de Perplexidade. São Paulo: SESC, 2023. p. 27.

6 Ao contrário de Mario Rubinski, onde tudo se encaixa, a pintura é obediente, respeita a construção prévia, desenhada.

7 Artur Freitas, Miguel Bakun e a dispersão da paisagem (PROLIK, *Op. Cit.*, p.87).

8 VIARO, G. Bakun. Joaquim, n. 5, Curitiba, out. 1946.

A forma de dividir o espaço da tela, seu campo visual sempre diz muito da concepção do pintor, assim como dos motivos desencadeantes de atenção, sobretudo se são desmitificados ou quase desconstruídos, pois a figuração estranha de Bakun é também configuração.

A sua obra, centrada sobretudo em uma década importante (meados dos anos 40 até meados dos anos 50 e pouco depois), está descompassada do roteiro moderno, e como acontece com outros casos (Iberê Camargo seja o exemplo mor e de mais longa duração), acaba sendo para o bem e para o mal, e quando a história está a favor, e gira, então acontece o contrário, é para o mal e para o bem. Desse modo, o que prevalece é a linguagem como tal.

#### IV

No repertório predominante bakuniano, estão aqueles lugares nada sobressalentes onde não acontece nada, ou coisas de singeleza máxima. Pontos de vista laterais ao olhar mais convencional. Paisagens que exigem nossa aproximação, construídas na meia distância e, raramente panorâmicas. Outra atenção é a representação de flores desbordantes em sua natureza íntima, desnuda, e alguns raros retratos com algum perfil inquietante. Nessa seleta coleção de Walter Gonçalves, pode-se encontrar a essência da poética de Bakun em várias dimensões e nas características aludidas.

Na *Clareira* [figura 1], onde dois personagens-plantas quase se mal adivinham entre a epifania da vegetação (sempre menos domesticada, recorrente e privilegiada), embora a figura humana, quase espectral, apareça só em contadas ocasiões, diluída e sem peso ou subjetividade em toda sua obra.

Poder-se-ia dizer, a exemplo, que em Bakun se trata de uma pintura profunda, que não deixa de abrigar certa abissalidade, até em obras aparentemente “normais”, de visão pacífica, calma, mas que se manifesta mais em casos singulares, como o raro personagem que olha as águas tumultuadas perto de um rochedo. Uma pintura de manchas sólidas, fora de seu tempo, porém tendo no horizonte até a marca romântica à Caspar David Friedrich, reverberando nessa obra *Sem Título* [figura 2]. Já em uma de suas últimas obras, *Fragalhotear* [figura 3], uma peculiar marinha, a espessura pictórica se distribui como em Munch, com uma língua de areia atravessando estranhamente o centro da composição.

Nessa coleção (e livro), há também alguns pinheiros decantados, celebrados como algo oriental, assemelhando-se a aquarelas no lugar de óleo dada sua condição de leveza, a sutil trama de união/separação dos tons [figura 4 e 5] e em forma de estratos dentro da própria tela, e nos quais se contempla uma composição quase estourada em seu marco, ao limite, forçando a ter outro registro visual. Igual vibração vertical e por planos em *Sem Título (Pinheiros)* [figura 06], no qual todos os elementos da natureza incluídos parecem se elevar.

Às vezes, como já se indicou, a pintura é um detalhe em si mesma, uma composição arrojada contando com o fundo da tela: assim se revela a aura desnuda de duas dalias que mais parecem girassóis solares, atomizadores do vivente, entre a delicadeza e a potência [figura 7]. Ou então, como em *Sem Título (Hortênsias)* [figura 8], reportando aos melhores exemplos da pintura clássica e moderna (Chardin, Van Gogh), com uma imagem quintessenciada de tons próximos, em excelso acorde tonal.

Em *Sem Título (Paisagem com casa)* [figura 9], a casa pertence à fantasmagoria visual de quase uma assombração, uma casa perdida em uma paisagem cujo céu escuro contrasta com o primeiro plano mais claro do campo. De novo, a síntese dos traços não parece óleo dada sua movente feitura. Como a pintura plena de azul [figura 10], uma araucária comida pelo ascenso dessas árvores azuis que já são manchas-nuvens-formas solidificadas (em linha remota com um insuspeitado pré-Philip Guston) subindo de uma cerca também azul.





[fig. 3] Fragalhotear, d. 1960, óleo sobre tela, 82 x 108 cm



[fig. 2] Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 46 x 55 cm



[fig. 5] Sem Título (Pinheiros), sem data, óleo sobre tela, 34 x 27 cm



[fig. 4] Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 37 x 26 cm



[fig 6] Sem Título (Pinheiros), sem data, óleo sobre papel-cartão, 31 x 26 cm

## V

Na mediação singular que se estabelece nessa pintura entre homem e paisagem, fica evidente uma respiração tensa, abrupta através de uma sintaxe estranha a seus contemporâneos (exceto o citado primeiro Iberê Camargo, tão virulento cromaticamente e intenso na imagem construída quanto será depois Jorge Guinle). O valor da planimetria de seus quadros é um aspecto inequívoco de sua modernidade, como a dialética de suas cores encontradas/embaralhadas, a tensão compositiva de seu espaço visual, ou a textura/espessura matérica aliada à gestualidade/ação, características todas mais próximas agora que em sua época, reportando a um signo estético resultante de uma pintura isolada de seus pares, estranha a seu meio e sem escola.

“Seu *modus operandi*, sem um saber prévio a sustentar a construção da imagem, resulta frequentemente em formas abertas, verdadeiros emaranhados informes que caracterizam uma pintura rítmica”<sup>9</sup>. Pintura assim em tensão, mais incerta que a sua primeira aparência infere. Fruto de uma escuta pictórica (Eduardo Sued também reconhece essa função auditiva na “música do quadro”), na qual o corpo a corpo pictórico se produz como um embate, trazendo um litígio representacional (força emanada até o olhar). E onde a mesma realidade objetiva e seus motivos prosaicos também nunca foram tais (considerados como fim), pois o que se apresenta é o espaço em questão, contido na superfície das telas com certo movimento, corporeidade, organicidade estética, de uma natureza em relação, interferida, (nunca absoluta).

Há uma dose de ensaio nessa pesquisa. Assim, as árvores, as plantas, a vegetação, sempre foram analisadas com olhar interior e fenomenológico, como parte de um conjuro artístico<sup>10</sup>. Suas paisagens de matas, muros, quintais, marinhas convocaram a outra coisa longe do bucólico ou de um ideal clássico. Há uma conjectura, outra dimensão construída, uma procura e outra energia.

## VI

A que destino caberia inscrever a leitura da obra de Bakun, quando a órbita de seu trabalho se pauta tanto pela emoção pictórica, alimentando a visão? A esse ideário da arte, cabe a vocação espiritual do pintor, sua alma em jogo, porque a saúde de seu eu como artista dependia da saúde de sua arte. Aliás, o grau de vida interior ou de poder interno em sua natureza divisada parece evocar até uma “sobrenaturalidade” como sentimento vital, também estético. Em certo sentido, há até alguma frequência “primitiva” maior com a atitude de Paul Gauguin que com os parentescos mais superficiais desenhados com Van Gogh (a terribilidade das cores ou vagos paralelismos biográficos).

Bakun não era só um artista autodidata, isolado ou semisselvagem, senão um eu que procurava a verdade da natureza (a verdade na natureza). Não é nada estranho encontrar em suas telas a natureza em estado introspectivo, dada sua exploração artística, seu grau conquistado de estranheza. E parte da força imanente que sua pintura transmite vem dessa união simbiótica desejada com seu entorno, do qual a pintura como experiência traduzia, resgatava. Longe da superfície vital, de sua decoração e até de sua temática aplicada. Logo, as feridas necrófilas *in crescendo* de nossa civilização já permitem outro *flashback* crítico, aproximar-se ao pintor de Mallet, à sua seiva visual. “A harmonia é violenta porque não há modelo de equilíbrio no mundo moderno” cifrou Donald Kuspit<sup>11</sup>. Daí que os efeitos de sua recepção ainda estejam

9 Eliane Prolík, Miguel Bakun, A natureza do destino (PROLIK, *Op. Cit.*, p.13).

10 Há uma intensidade rara na translação de cores-formas das matas-árvores-plantas-flores, no ofício desta passagem do real para uma representação. Como aquela ação de pintar de Antonio López, convertida em filme poético de Victor Erice, *El sol do membrillo* (1992), que estaria perto de algumas telas de plantas, em que o que se retrata é uma imersão.

11 KUSPIT, D. La patología y la salud del arte. In: KUSPIT, D. Signos de psique en el arte moderno y pós-moderno. Madrid: Akal, 2003. p. 29.



[fig. 9] Sem Título (Paisagem com casa), sem data, óleo sobre tela, 44 x 35 cm

em curso, paradoxalmente, em contraposição diretamente proporcional à decadência perversa de nossos dias ex-naturais.

Se sempre a narrativa da história da arte está em avaliação, porque ela nunca é mandante e única, Bakun, como artista desajustado, pede a reivindicação de outro elo, e outros próximos. De pouca serventia será, portanto, a mera consideração de pintor pós-naturalista ou afins.

## CODA

Como poética, Bakun representa uma pintura que se abruma de sua própria condição: é meta-pintura. E parte do sortilégio sedutor de sua obra, agora, passada tanta evolução/ruptura, entende-se melhor. Também a razão da paisagem, redimensionada em nossos dias, ganhou outro valor e aproximação. Como nosso entorno virou um problema de primeira ordem civilizatória. O que conduz, por sua vez, a uma óbvia certeza epistemológica da arte: o que foi pintado supera o real, porque sua transformação é gritante (ou então fica aquém). E nela, como verdade artística, presenciamos a formulação de sua potência molecular, uma microfísica pictórica onde os traços são evidentes, numerosos, rasgos solistas sobressaindo do conjunto tonal geral, harmonizado em sua evidente trama, mas participando de uma devoção agreste, abrupta, áspera.

Como uma dinâmica cuja potência foi capturada, exercida nas telas, as cenas observadas ganham contornos de exploração visual, mas também de vida (como explícita a frase de David Salle acima citada); aliás, “a pessoa não pinta simplesmente – ela desaparece na pintura”<sup>12</sup>. O padrão de valor dado às cores, sua alquimia, intervalos, a feitura da pincelada, seu latejar pulsante está escrito na superfície, seja mais fluído ou mais desencarnado. A sua dição é a poética.

Miguel Bakun parece ter chegado a sua maturidade como artista a uma pintura que ainda se está fazendo diante de nossos olhos, que não se terminou completamente. Sem querer mostrar feitura de acabada: a pintura se retirou antes que ficasse certificada, estática em sua estética. A sua estimada dinâmica pictórica está e não está acabada, para completar melhor sua recepção pendente<sup>13</sup>. Ela presenteia até hoje uma instabilidade, um olhar oblíquo, mais tangencial. Quase uma temperatura (cromática, configuracional, imaginária).

Também como pintura tensionada, desmesurada, desaforada, inventa seu feudo exultante, quase em gesto pré-expressionista (com o eu como sujeito em crise, fora de si, em litígio, mergulhado no desassossego da obra *versus* tempo), tanto como inventa seu foro interno e lugar saindo-se de si mesma (de seu nicho classificatório), já como outra necessária natureza do real e artística.

12 Salle, D. (2024). Arte: olhar e pensar [How to see: Looking, talking, and thinking about art]. São Paulo: WMF Martins Fontes. p. 139.

13 Assim, *in illo tempore*, os prêmios conquistados 16 vezes em salões locais do Paraná, no resumo, não representam muito em outra perspectiva histórica mais ampla da arte brasileira, como sim ensaia Aprendendo com Miguel Bakun: subtropical (Instituto Tomie Ohtake, 2019).



[fig. 8] Sem Título (Hortênsias), sem data, óleo sobre tela, 34 x 28 cm



[fig. 7] Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 26 x 31 cm

[fig. 10] **Sem Título**, sem data, óleo sobre aglomerado de madeira, 31,5 x 26 cm





# MAIS OU MENOS ARABESCOS

Ronaldo Brito

A tinta voraz de Miguel Bakun impregna a tela e vem a torná-la veículo do Eu expressivo do artista. Já os traços agitados de seus grafites e carvões, a irradiar pelo papel, mobilizam as cenas e as transformam em autênticos flagrantes existenciais. Despretensiosos, casuais, é justo seu caráter disperso e fugidio o que lhes garante consistência estética. Os esboços podem até começar como estudos preparatórios para um futuro óleo mas logo se emancipam como acontecimentos autônomos. E se, na qualidade de estudos, revelam certo domínio do esforço acadêmico (igrejas e navios o comprovam) é evidente que, para Bakun, o mundo é sobretudo um lugar incerto e palpitante: daí os rabiscos quase aleatórios, espécies de vírgulas e semicírculos, mais ou menos arabescos, diria eu, que atravessam a cena como uma ventania. E nada escapa a ela, inexistente espaço neutro para esse artista que vive seu estar-no-mundo como um incessante embate perceptivo.

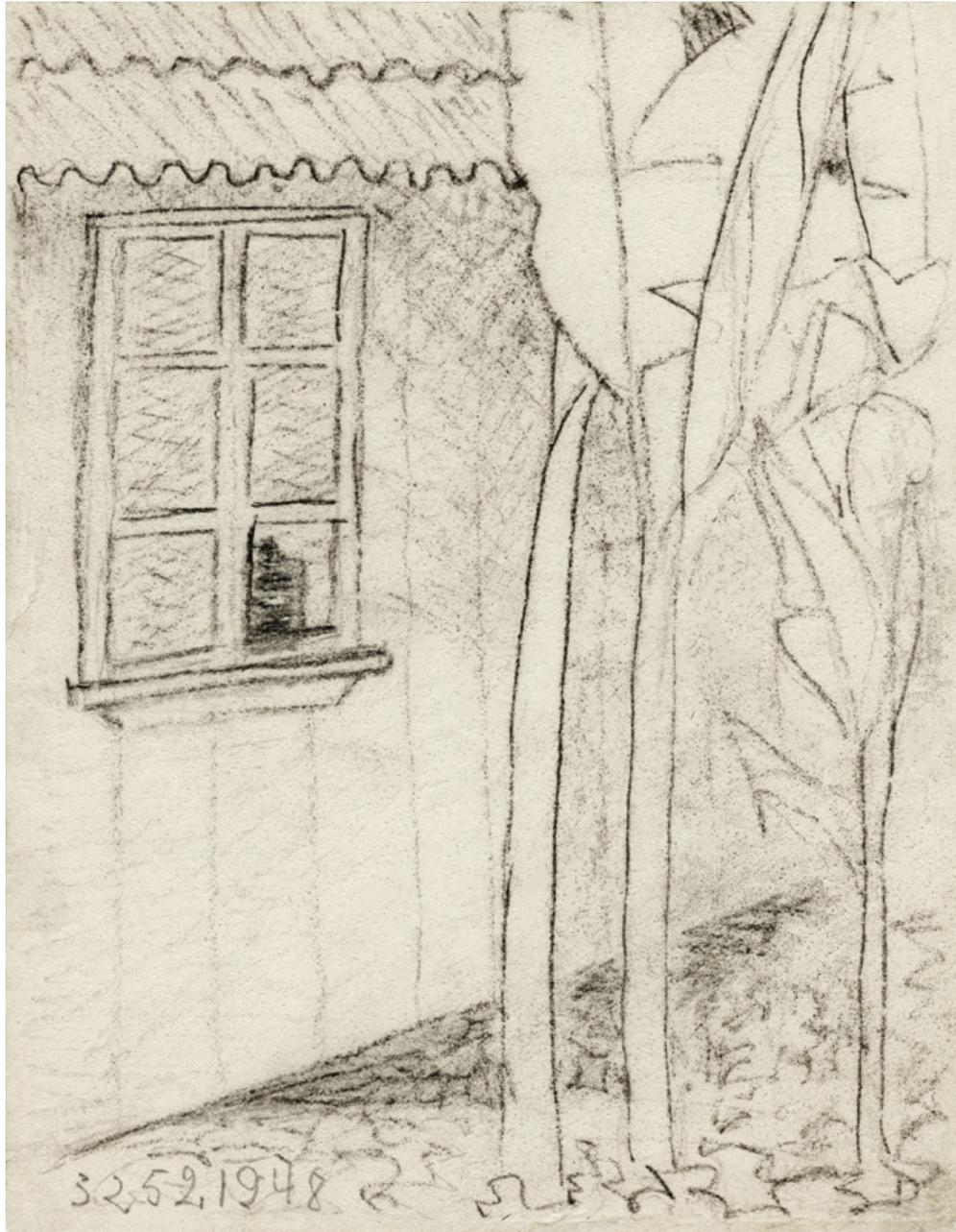
Quando, por assim dizer, praticam a metonímia, a captar em ângulos oblíquos pedaços perdidos de mundo, os desenhos ganham de imediato a cumplicidade afetiva do espectador, chamado a presenciar o que até então passava despercebido. Para que serve um artista senão para mostrar o que a gente não consegue enxergar por si próprio? Reparem, por exemplo, essa bananeira quase encostada à parede da velha casa [figura 11]. De saída, não saberíamos localizar a posição do artista – trata-se de uma vista frontal por demais estreita e enviesada, ele teria que estar grudado às plantas; no entanto, graças ao traçado em diagonal do solo a cena corre naturalmente. Nesse espaço exíguo, o danado ainda junta figura e fundo: o interior escuro da casa, visível por conta do vidro quebrado numa das sessões da janela, se comunica com um metro de solo meio encardido e assegura um mínimo de respiro ao olhar projetivo ocidental. E como interpretar esses gestos gratuitos, em espirais, que acompanham caminhos sempre tortuosos, entrecortados e cheios de acidentes? Em todo caso, de que adiantam estradas em linha reta, o que teriam a ver com a vida?

Tanto quanto a pintura, os desenhos de Miguel Bakun pertencem inteiros ao campo, à solidão do campo. Pressentimos até a cidade grande atrás deles, cidade que o artista deixou em busca de solidão. Mas ele trata seu território de maneira livre e antiacadêmica, nada mimética, em constante mutação, fiel a seu expressionismo instintivo e inculto. É uma natureza modesta, avessa ao grandioso, que atrai sua sensibilidade exacerbada. E mesmo aí, vai buscá-la pelas costas, em trechos anônimos de mundo, que eleger como totens de sua passagem pela vida. Assim dá vazão à sua alma inquieta, mediante os mais ou menos arabescos referidos acima, ao intensificar o comportamento arbitrário de árvores e plantas. Uma passagem esclarecedora [figura 12] explicita o contraste entre a arquitetura retilínea da urbe ordeira e uma paisagem desajustada que não permite sequer que reconheçamos as espécies de vegetação.

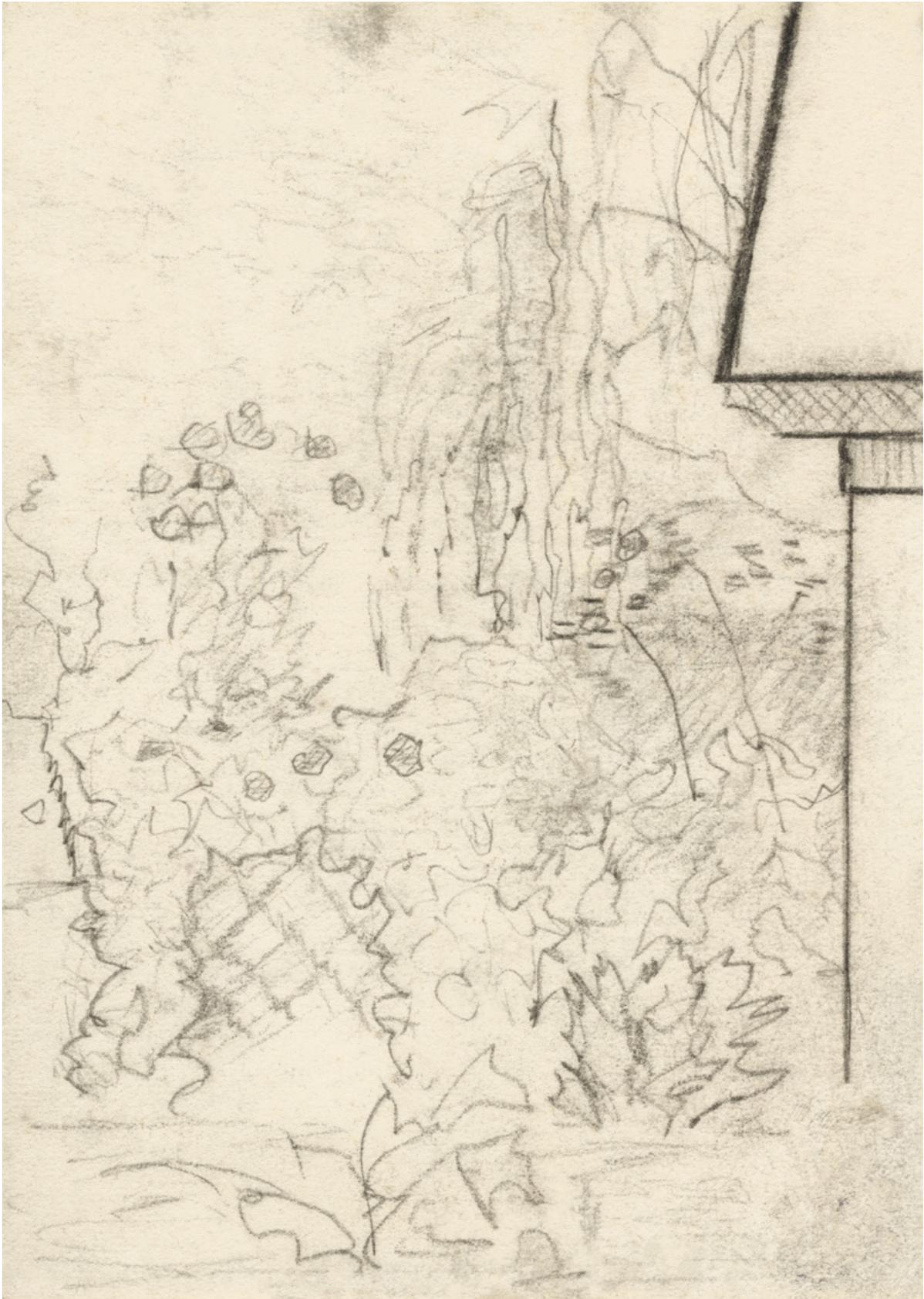
E nas visadas mais amplas, afastadas, Bakun não sossega enquanto não as embaralha e problematiza o percurso do olhar. Felizmente, evita os panoramas contemplativos. Como reagir, presos que estamos entre cercas quebradiças em meio a um cenário confuso que mistura céu e terra, árvores e construções decrépitas? [figura 13] Ao que tudo indica, Bakun gosta mesmo é de complicar, misturar planos próximos e distantes, vistas frontais e oblíquas, deixar indeterminada a postura convencional do artista, supostamente a cavaleiro diante do

mundo [figura 14]. O seu amor pelas porteiras, também na pintura, é proverbial. Elas dividem o espaço e interrompem a fluência do olho. O exemplar [figura 15], grafite sobre papel, sugere um atalho arbitrário, paralelo à porteira, e acaba por colocar o espectador em suspenso: todos os elementos soltos se inclinam para a nossa direita, mas tampouco encontramos ali uma saída alternativa.

Há mais de uma década, penso, a obra de Miguel Bakun deixou de ser um fenômeno local paranaense para se tornar parte intrínseca do rarefeito modernismo visual brasileiro. E toma lugar entre seus pares, Pancetti e Guignard principalmente, pintores que em um ambiente indiferente, senão hostil, abriam caminho no país para uma visibilidade moderna pós-impressionista. Distantes do receituário modernista de cunho literário, que presidia em larga medida o trabalho de Tarsila do Amaral, e ainda da grandiloquência ideológica de Portinari e do anedotismo esperto de Di Cavalcanti, esses pintores procuravam alcançar poéticas visuais autônomas. Não sem percalços, obviamente, manifestos na desigualdade de suas produções. Como se não bastasse, a recepção de Bakun sofria uma dificuldade suplementar: atuando em uma natureza mais temperada, destoava do Mito Solar do tropicalismo, palavra de ordem generalizada que ecoa ainda hoje entre nós. Acresce, a agravar o dilema, seu temperamento angustiado contrariando – o que ocorre mesmo com a obra inigualável de um gigante, Osvaldo Goeldi – nossa obrigação de ser, culturalmente, um povo alegre e feliz. Contando, ninguém acredita!



[fig. 11] Sem Título, 1948, carvão sobre papel, 16 x 11,5 cm



[fig. 12] **Sem Título**, sem data, grafite sobre papel, 15,5 x 11 cm





[fig. 13] Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 12 x 16 cm



[fig. 15] Sem Título, 1957, grafite sobre papel, 11 x 16 cm



[fig. 14] Sem Título, 1948, grafite sobre papel, 13 x 16,5 cm



Transcendente, sem data, óleo sobre tela, 34,5 x 46 cm





Sem Título, 1960, aquarela sobre papel-cartão, 13 x 17,5 cm



Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 26 x 34 cm

Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 35 x 26 cm





Sem Título, sem data, grafite sobre papel-cartão, 18,5 x 13,5 cm  
Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 36 x 27 cm





Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 45 x 55 cm



Sem Título, 1957, grafite sobre papel, 16,5 x 12 cm



Sem Título, 1954, grafite sobre papel, 16,5 x 11,5 cm



Rebento, 1954, óleo sobre tela, 55,5 x 45,5 cm

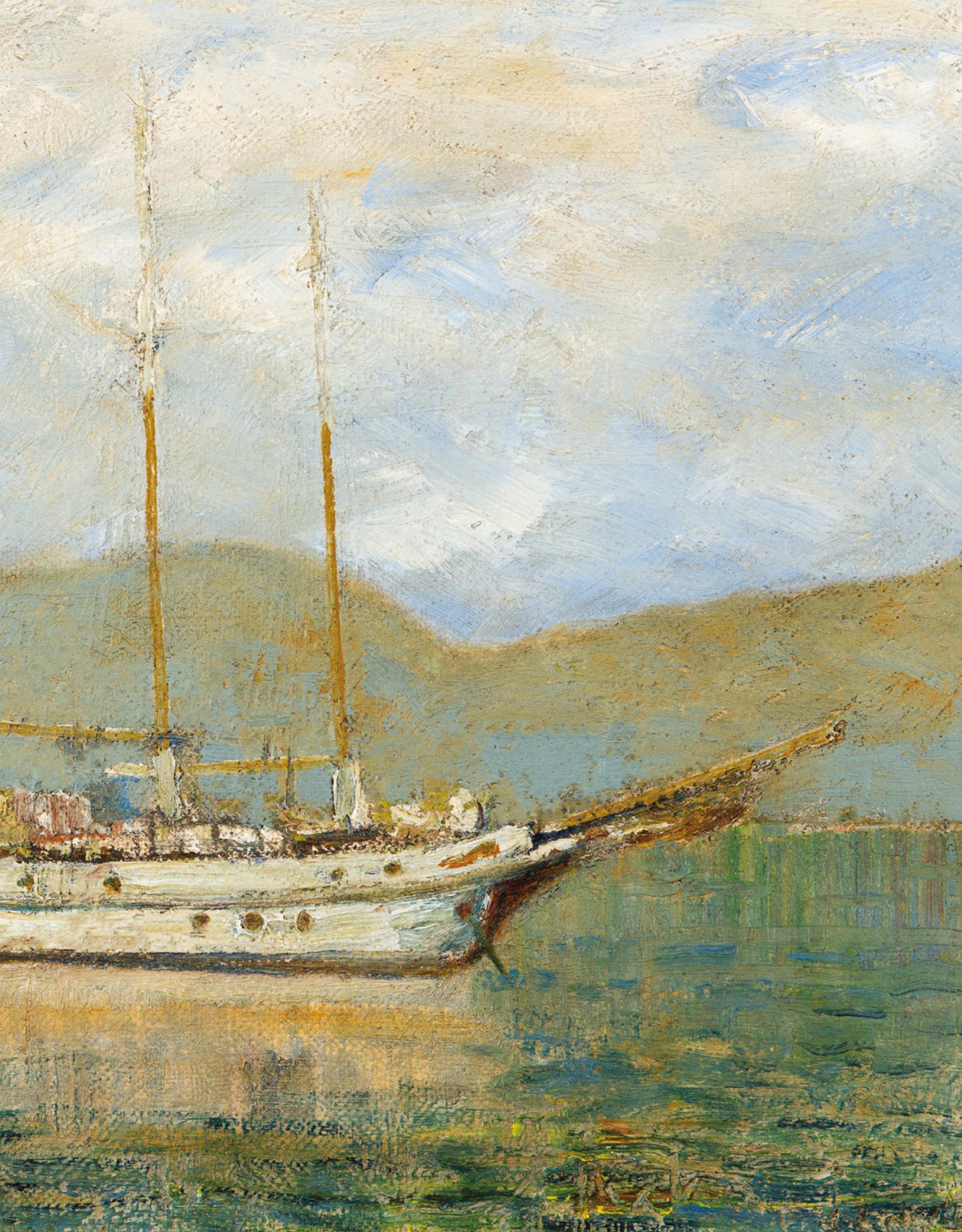


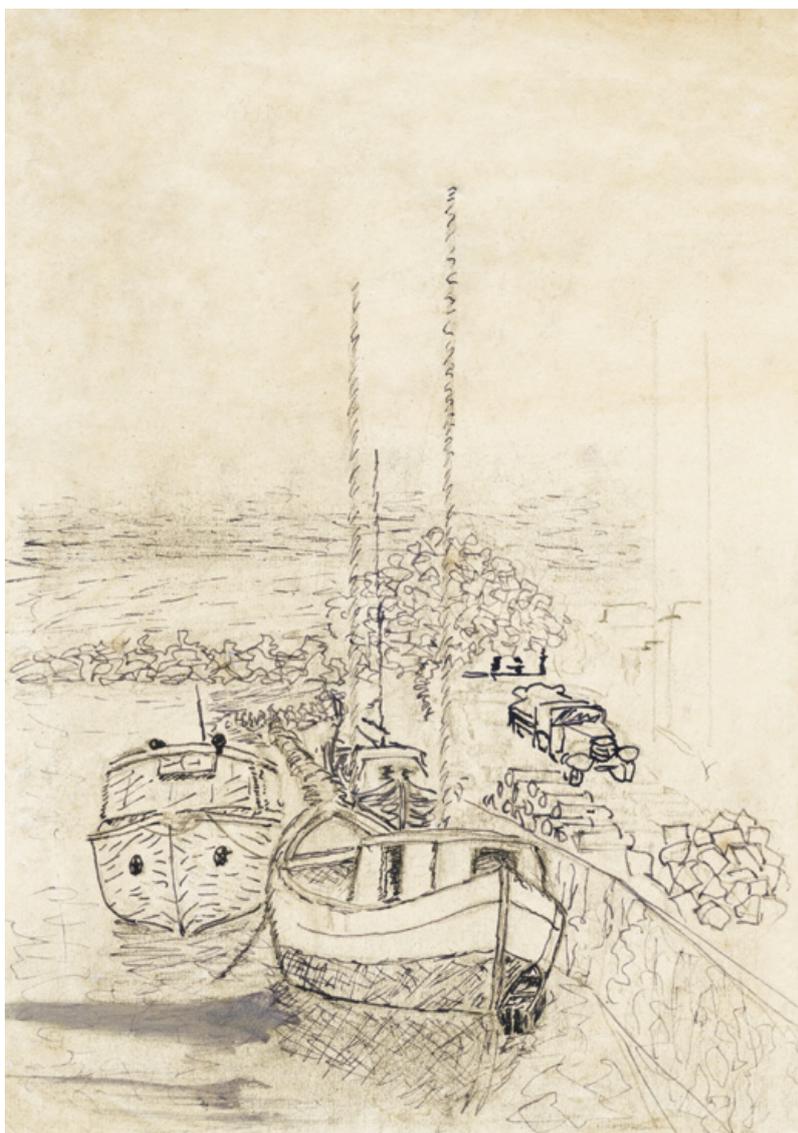


Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 47 x 54 cm



Sem Título (Navio), sem data, óleo sobre tela, 27 x 33 cm





Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 22,5 x 15,5 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 24 x 16 cm  
Sem Título (Othelda), 1954, grafite e nanquim sobre papel, 12,5 x 16 cm



Sem Título (Casa e pinheiros), d. 1950, óleo sobre tela, 55,3 x 45,5 cm



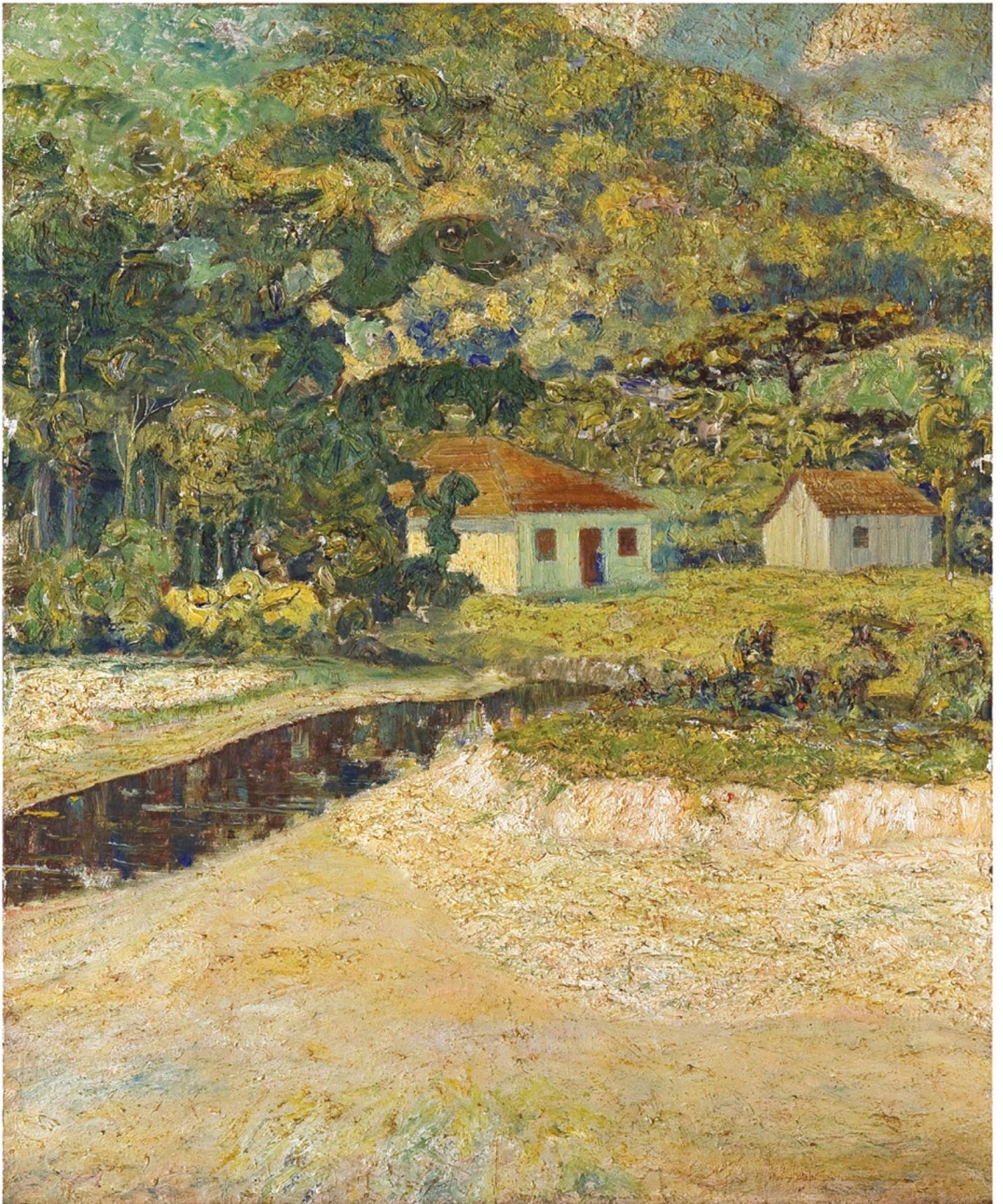
Sem Título, 1962, grafite sobre papel, 14 x 21 cm





Sufismo, 1944, óleo sobre tela, 62 x 76 cm

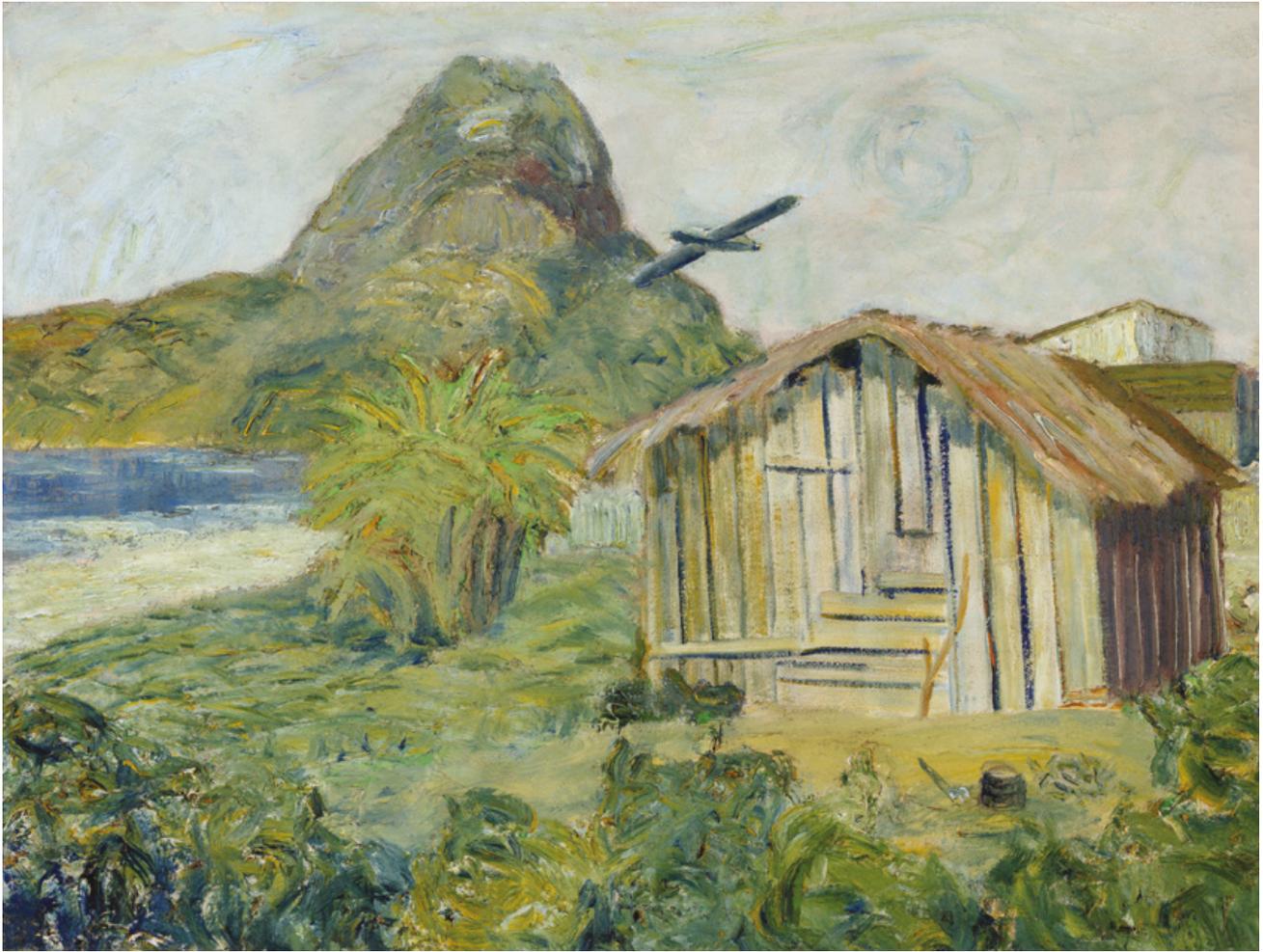
Desembocadura, sem data, óleo sobre tela, 87 x 72 cm







Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 27 x 36 cm



Sem Título (Casebre), sem data, óleo sobre tela, 45 x 55,5 cm







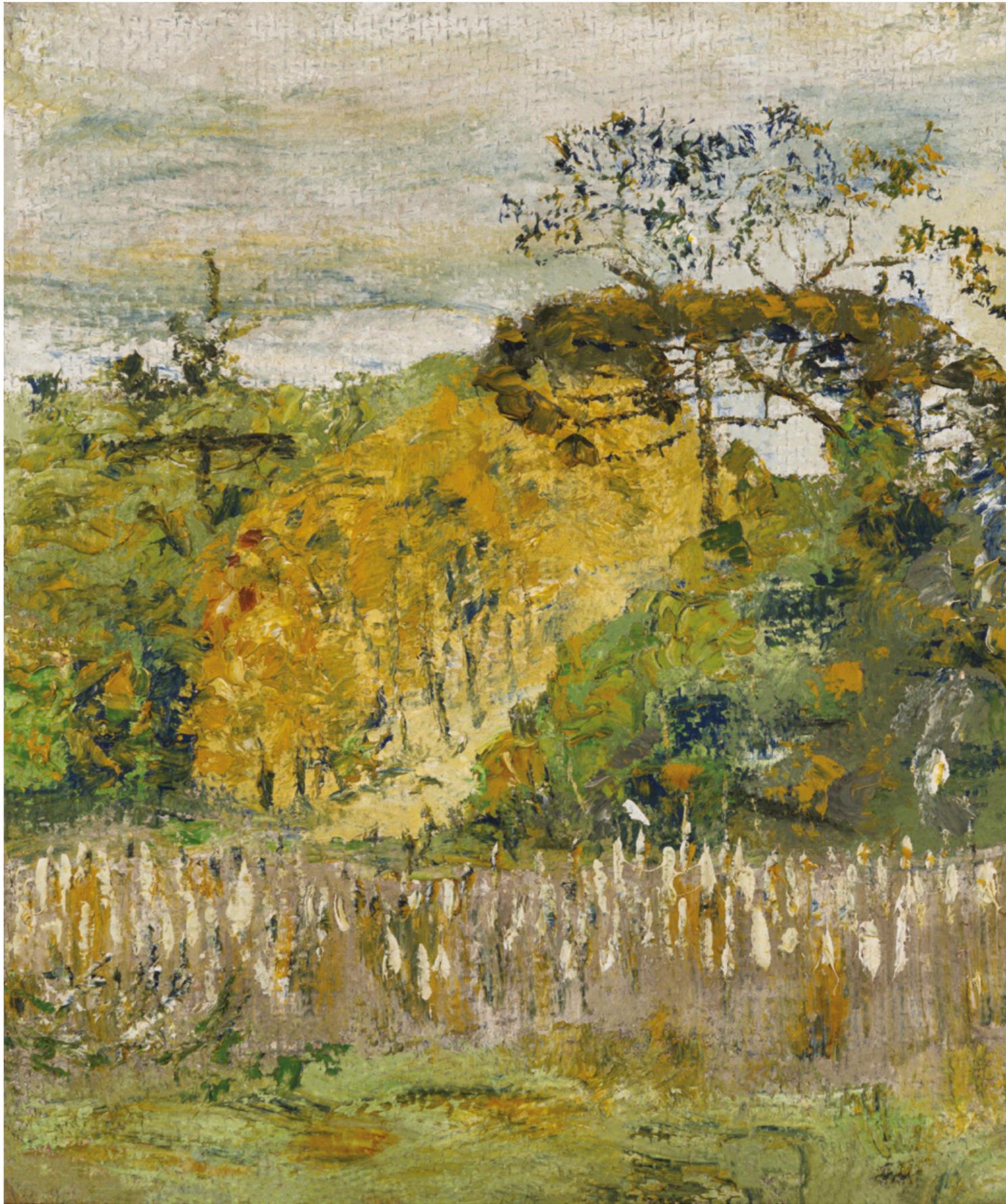
Sem Título, 1948, grafite e carvão sobre papel, 16 x 12 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 18 x 13,5 cm

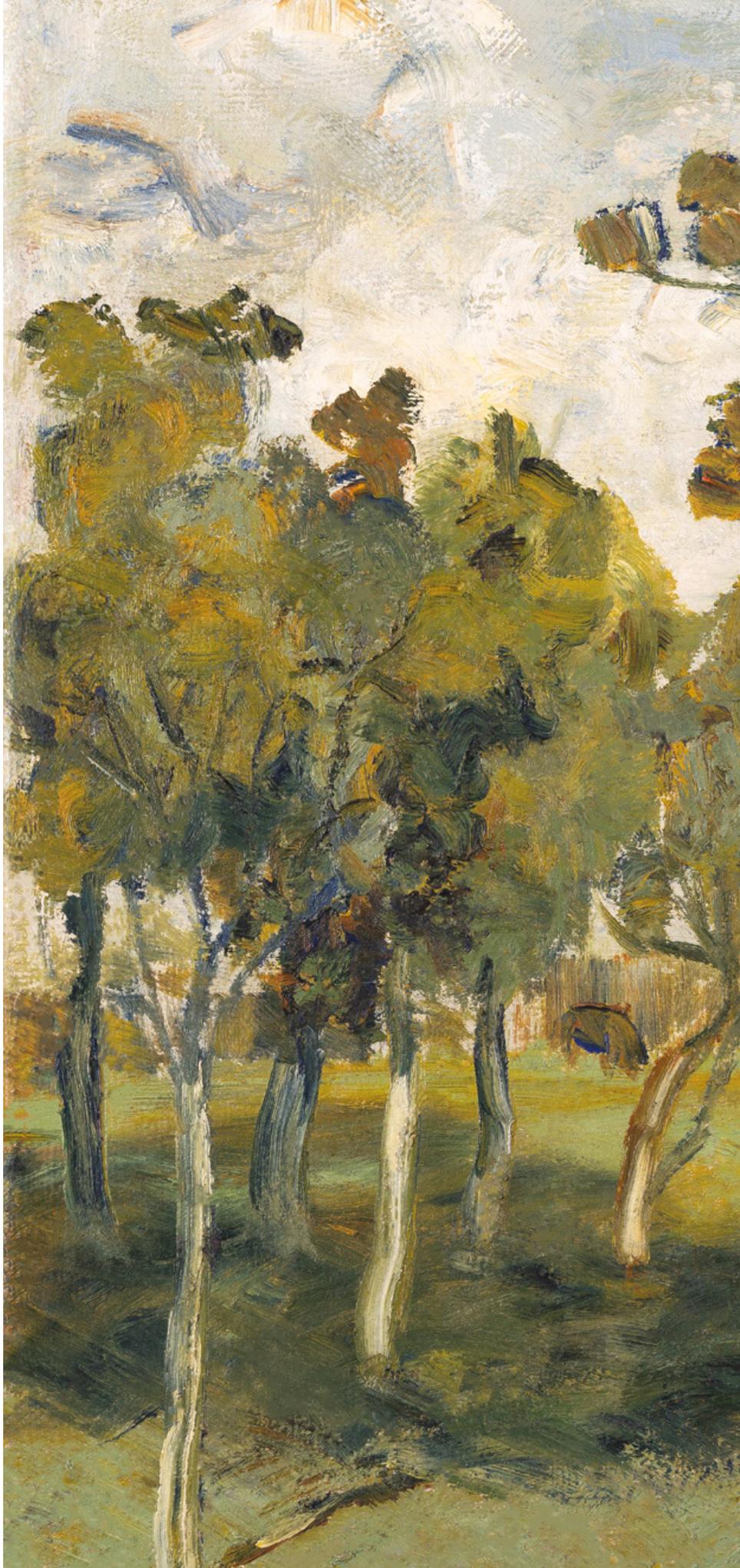


Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 13 x 16,5 cm





Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 45 x 56 cm



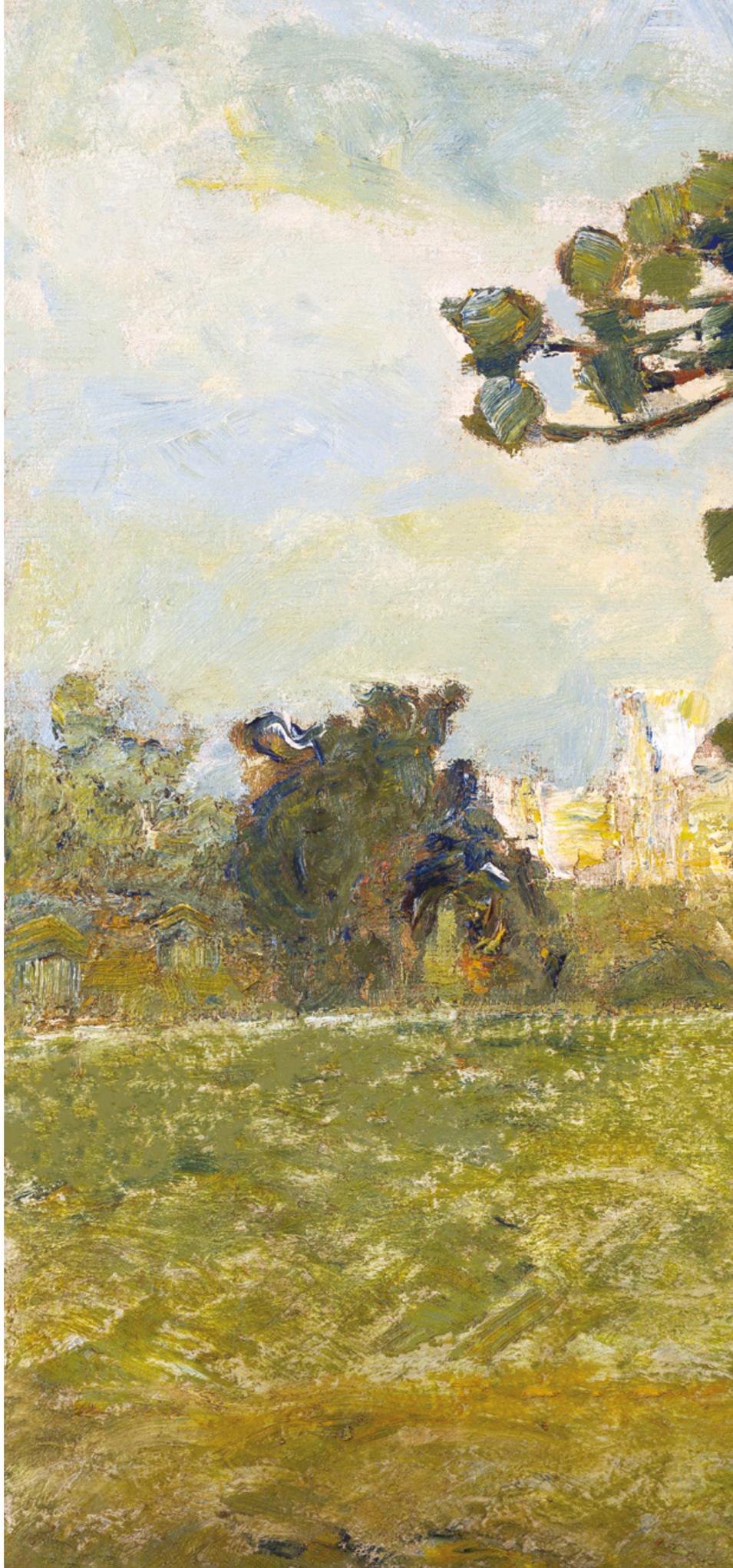
Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 45 x 55 cm



MITSUKUN



Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 55 x 45 cm



Sem Título, d.1950, óleo sobre tela, 45 x 54 cm



M. BAKUN





Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16,5 x 12 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 21,5 x 16 cm







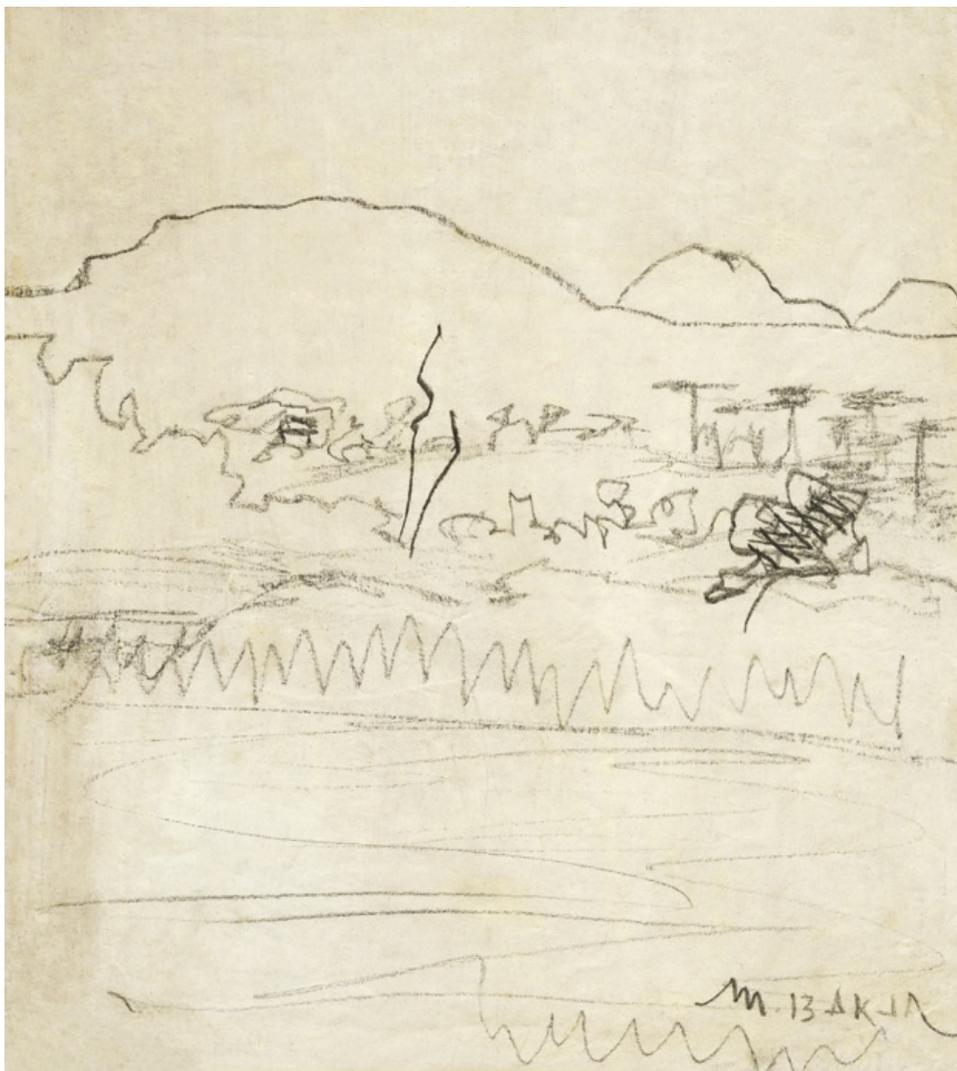
Sem Título, 1957, nanquim sobre papel, 16 x 12 cm



Sem Título, 1954, nanquim sobre papel, 11,5 x 15,5 cm







Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 21 x 19 cm



Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 12 x 16 cm



Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 16,3 x 12,5 cm



Sem Título, sem data, grafite e nanquim sobre papel, 11,5 x 16 cm  
Sem Título, 29.03.1948, nanquim sobre papel, 10 x 14,3 cm



Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 17 x 11,5 cm





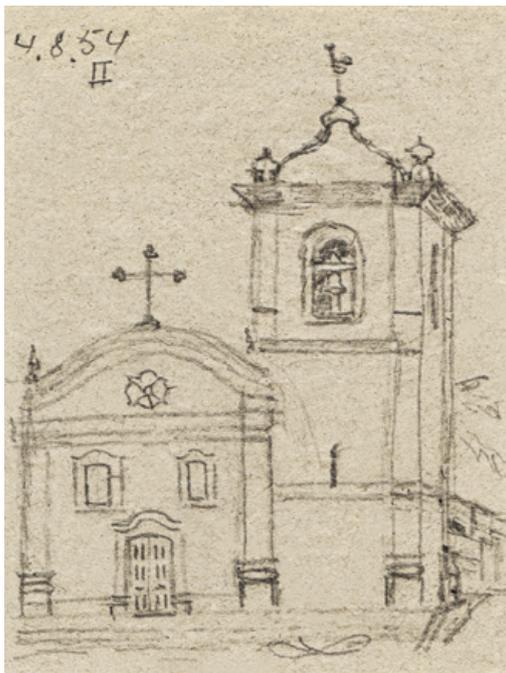
Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16,5 x 12 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16 x 12,5 cm



Sem Título, 1954, grafite sobre papel, 16 x 12 cm  
Sem Título, 1941, nanquim sobre papel, 17 x 12,5 cm  
Sem Título, 1954, grafite sobre papel, 16 x 12 cm  
Sem Título, 1954, grafite sobre papel, 16,5 x 12,5 cm





Sem Título, 1956, nanquim e grafite sobre papel, 12 x 16 cm





Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 11 x 16 cm



Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 16 x 11 cm  
Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 11,5 x 16 cm (próxima página)

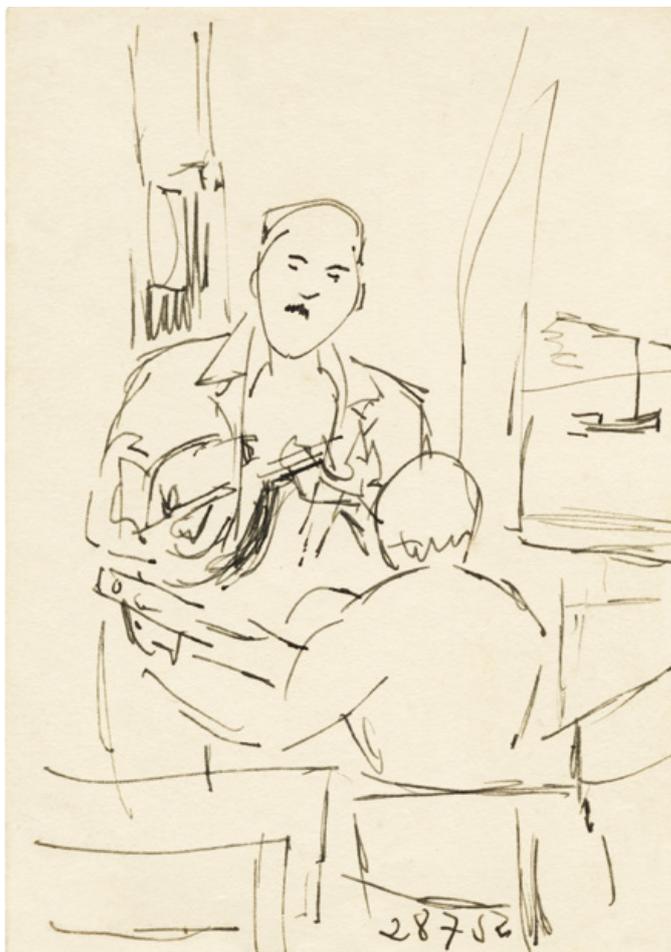




M. BAKJA

Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 11 x 16,2 cm  
Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 11 x 15,5 cm

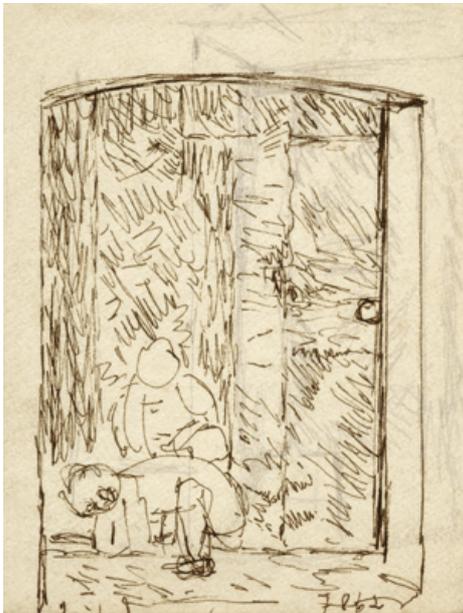




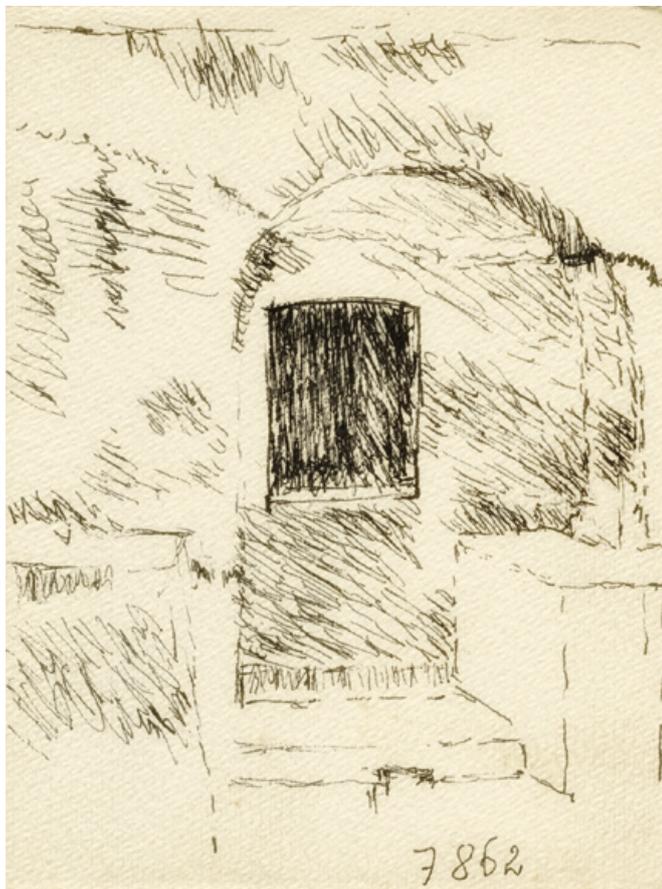
Sem Título, 1952, nanquim sobre papel, 16 x 11 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16 x 12,5 cm



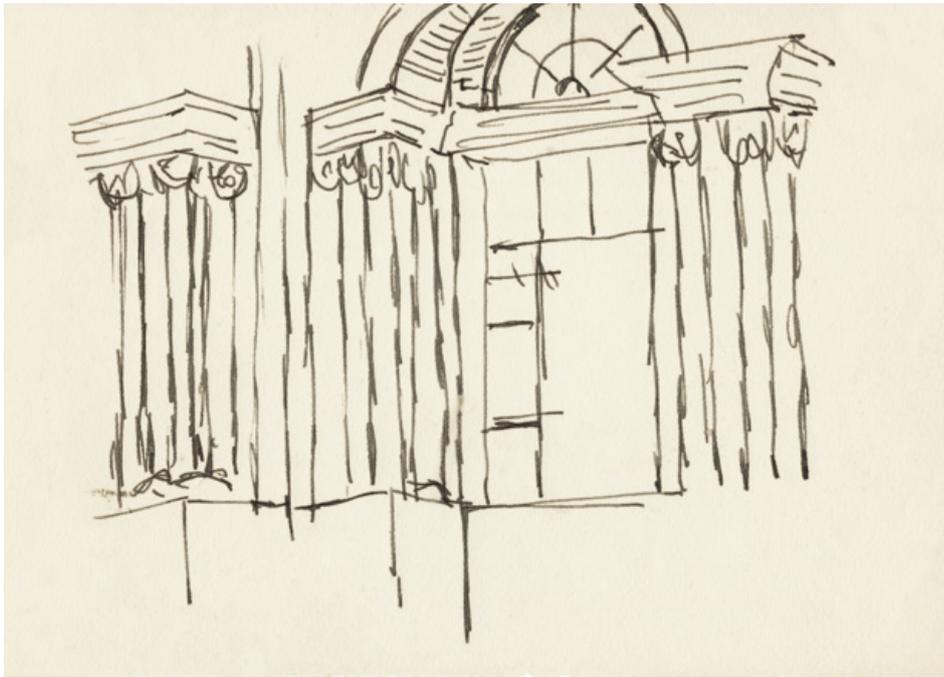
Sem Título, 1962, nanquim e grafite sobre papel, 18 x 13,5 cm (frente)  
Sem Título, 1962, grafite sobre papel, 18 x 13,5 cm (verso)



Sem Título, 1962, nanquim sobre papel, 17,5 x 13 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16,5 x 12,5 cm



Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 16 x 11 cm  
Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 11,3 x 16 cm





Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 18 x 13,5 cm



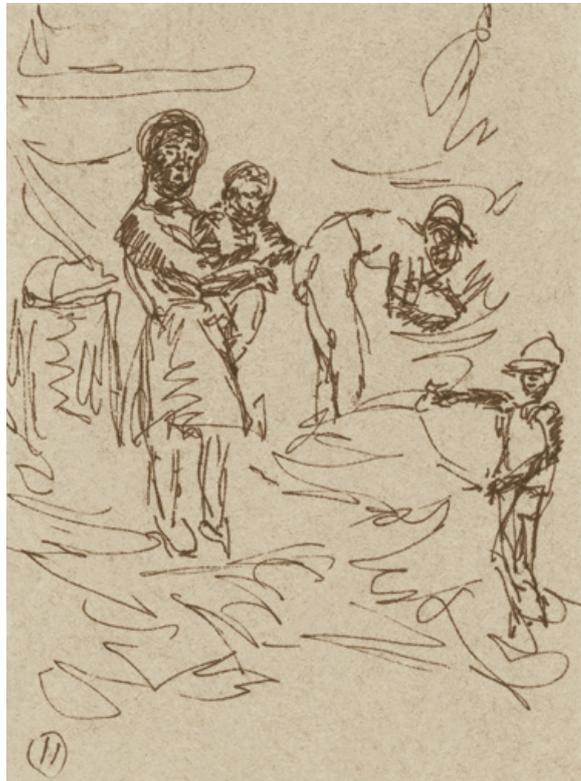
Sem Título, sem data, aquarela sobre papel, 12 x 16 cm



Sem Título, sem data, grafite e aquarela sobre papel, 15 x 20 cm

Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 16,5 x 12 cm

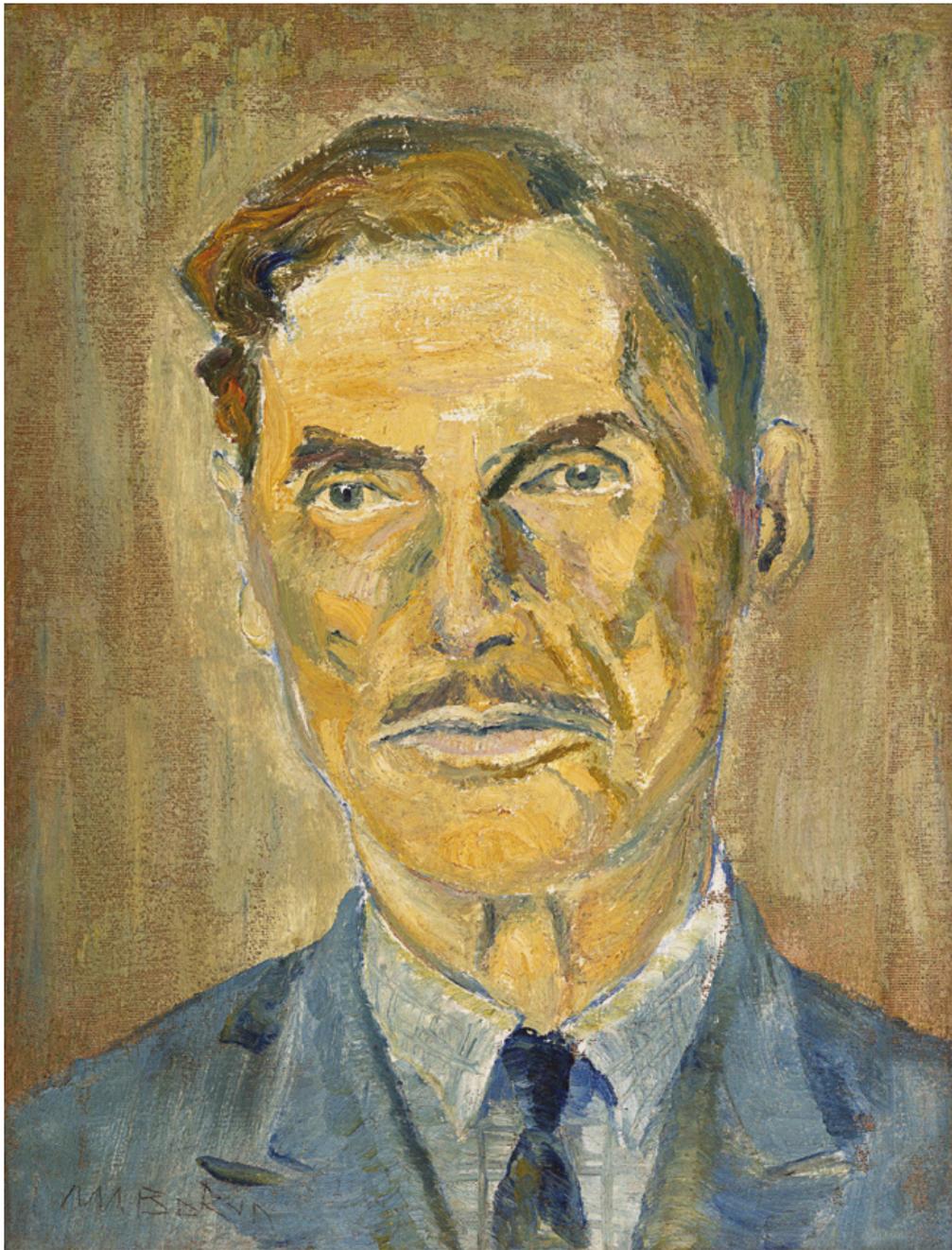




Sem Título, sem data, nanquim sobre papel, 18 x 13,5 cm



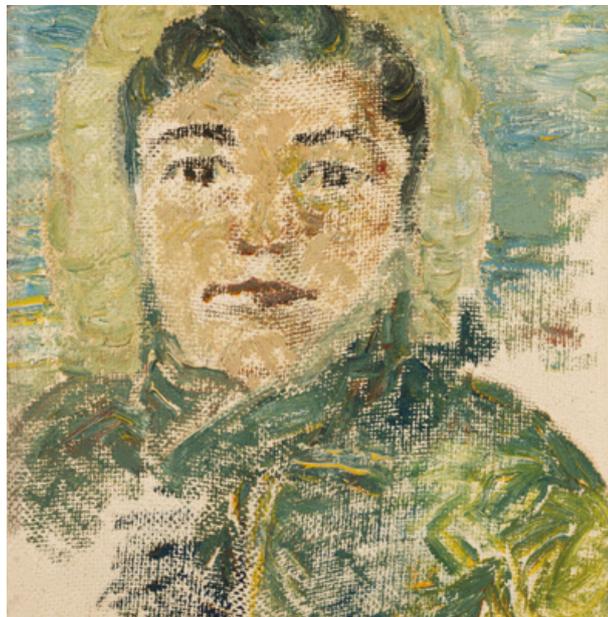
Sem Título, sem data, grafite sobre papel, 18 x 13,5 cm



Retrato de Pedro Bakun (pai do artista), 1952, óleo sobre tela, 49 x 36 cm







Retrato de Glaucio Groff, 1963, óleo sobre tela, 14,7 x 14,7 cm

Sem Título, 1956, óleo sobre papel cartão em aglomerado de madeira, 30 x 20 cm



М. Покун  
18756



Sem Título (Dálias, pincéis e livros), d. 1940, óleo sobre tela, 34,5 x 41 cm



Sem Título (Dálias), sem data, óleo sobre placa de madeira, 32 x 26 cm







CRONOLOGIA





**1909 a 1926** Miguel Bakun nasce em 28 de outubro de 1909, em Marechal Mallet, cidade da região Sul do Paraná, onde terras foram cedidas pelo governo aos imigrantes eslavos. Seus pais, Pedro Bakun e Julia Marcienovicz, ambos oriundos da Ucrânia, têm oito filhos.

Devido à profissão de ferroviário do pai, a família muda-se várias vezes. Após residirem em Sorocaba, em 1917, se estabelecem em Ponta Grossa. O artista aprecia as aulas de desenho na escola e aprende o ofício de alfaiate.

**1927 a 1930** Aos 17 anos, alista-se na Escola de Aprendizes da Marinha em Paranaguá, buscando uma carreira promissora. Logo em seguida, um surto de peste bubônica causa a transferência dos aprendizes para a Escola de Grumetes do Rio de Janeiro.

No ano de 1928, em estágio na Ilha de Villegaignon, conhece o também futuro pintor de paisagem, José Pancetti, que na época era cabo da marinha e pintor de convés. Ambos passam a registrar em desenhos, estudos e anotações a vida

no mar. Em 30 de janeiro de 1930, sua carreira na marinha é interrompida devido a uma lesão em consequência da queda acidental do mastro do navio. A partir desse momento, passa a receber pensão vitalícia.

**1931 a 1937** Muda-se para Curitiba, cidade onde produzirá sua obra. Para sobreviver trabalha como fotógrafo ambulante e pintor de cartazes de cinema, anúncios de lojas e elementos decorativos diversos inseridos na arquitetura das casas.

Dedica-se à pintura com paixão. E ao alugar um imóvel de moradia e ateliê na Avenida Silva Jardim, conhece Teresa Veneri, filha da proprietária da casa.

**1938** Em 9 de abril, casa-se com Teresa, viúva de oficial do exército com três filhos: Francisco, Dalila e Lourdes. Muda-se para a Rua Paraguassu, onde vive até seu falecimento. Encontra na esposa apoio para o desenvolvimento de sua obra, apesar das adversidades que a carreira de artista lhe impunha.

O artista com pincel, paleta e chapéu, no quintal da casa e ateliê na Rua Paraguassu. (página anterior)

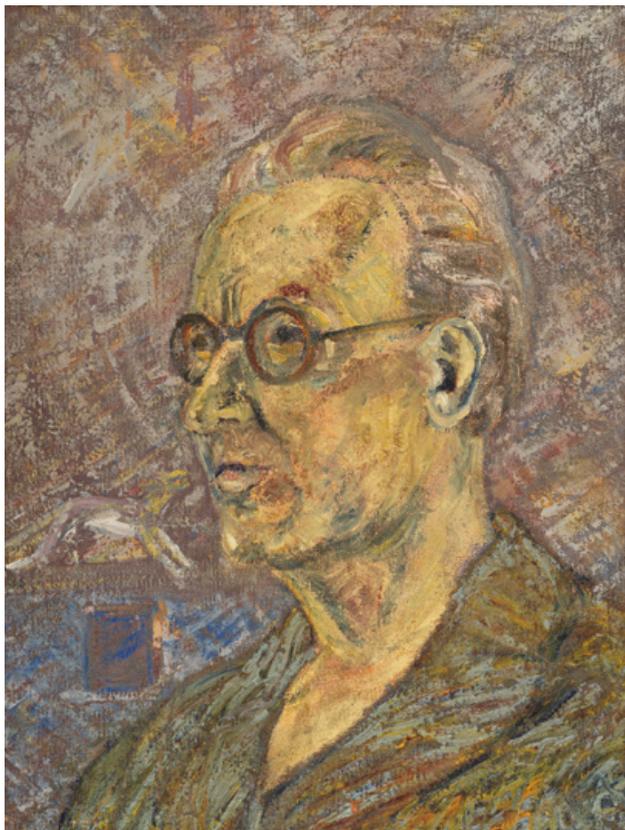
O jovem Miguel Bakun, na Escola de Grumetes do Rio de Janeiro

O artista, na casa da Av. Silva Jardim com autorretrato ao fundo Bakun e Teresa Veneri, sua esposa

Família Bakun com Pedro e Julia sentados ao centro e Miguel de pé à direita. Os demais irmãos sentados, da esquerda para a direita, são Leonardo e Antônio e, em pé, Nicolau, Marina, Irene, Leni e Valdomiro

Sem Título, sem data, técnica mista sobre cartão, 19 x 18 cm, col. Walter Gonçalves





Retrato de João Turin, 1944, óleo sobre tela, 47 x 34 cm, coleção Walter Gonçalves

**1939** Viaja ao Rio de Janeiro, no intuito de alcançar maior reconhecimento e possibilidades profissionais na arte. Nessa ocasião, reencontra Pancetti e logo percebe a dificuldade, também ali, em conseguir sobreviver de pintura. Por isso, regressa a Curitiba, mas retorna por várias vezes ao Rio, então capital do país, onde pinta, entre outras obras, *Sapucaia com o Cristo Redentor* (s.d.), atualmente no acervo do Museu Oscar Niemeyer, e *Autorretrato*, de 1944.

**1940** Na década de 1940, sua produção vai ganhando maior visibilidade e Bakun trabalha intensamente na pesquisa de técnicas e soluções pictóricas entre misturas de tintas e cores. Participa do ateliê coletivo na Praça Tiradentes, na divisa com a atual Praça Generoso Marques. O imóvel precário, cedido pela Prefeitura Municipal antes de sua demolição, se transforma em ponto de encontro de intelectuais e pintores modernos. Estão junto a Bakun, Loio Pérsio, Alcy Xavier, Esmeraldo Blasi e Marcel Leite.

Bakun executa ali as pinturas: natureza-morta de mamões, paisagens do centro da cidade, da Praça Tiradentes, com seus ipês-amarelos e bondes de transporte público e da Praça Santos Andrade, com pinheiros e edifícios junto à vizinha sede da Universidade Federal do Paraná.

Em 1942, participa da *Exposição da Primavera*, no Clube Curitibano, sob patrocínio do Centro de Letras do Paraná, em Curitiba.

**1944 e 1945** Participa da Exposição Arte Paranaense, no Rio de Janeiro, promovida pela Sociedade Amigos de Alfredo Andersen, Governo do Estado do Paraná e Ministério da Educação. Nessa ampla mostra, participam Curt Freyesleben,

Estanislau Traple, Guido Viaro, Izolda Hotte, João Turin, Lange de Morretes, Leonor Botteri, Maria Amélia Assumpção, Nilo Previdi, Oswald Lopes, Theodoro de Bona, Zaco Paraná, entre outros. Bakun apresenta duas pinturas: *Pinheiros* e *Paisagem*.

O artista pinta retrato de João Turin, grande escultor paranaense. Nesse mesmo ano, a obra de Turin, *Tigre Esmagando a cobra* é realizada, e hoje se encontra instalada na Praça General Osório, no Rio de Janeiro.

Realiza mostra de seus trabalhos, no Edifício Garcez, em Curitiba. O pintor Freyesleben escreve em sua coluna no jornal *O Dia*, de 24 de agosto:

Na galeria dos pintores do Paraná, Miguel Bakun, ocupa um lugar de merecido relevo, considerando-lhe o talento e observando-lhe a caprichosa febre de artista tão notada na sua sequiosa luta em prol das suas aspirações de pintor (O Dia, 24 ago. 1945).

**1946** Participa pela primeira vez no *III Salão Paranaense de Belas Artes*, em Curitiba. Nessa edição, o júri é formado apenas por literatos: Temístocles Linhares, Wilson Martins, Dalton Trevisan, Erasmo Pilotto e José Muggiati Sobrinho.

São publicados três textos sobre o artista e sua obra. O primeiro escrito por Andrade Muricy, crítico de literatura e admirador do artista. Seu acervo particular de oito obras de Bakun integra atualmente o acervo do Museu Municipal de Arte de Curitiba, em Curitiba. Muricy escreve:

Tive sincera emoção ao penetrar no atelier singelo do Bakun. Este eslavo absoluto, total, é um forte intérprete de minha terra, e com outros "olhos" provindos da Europa, está abrindo visões novas para o nosso maravilhamento diante de nosso habitat nativo tão ricamente pictórico. Bakun é um vidente, que só precisa afastar obstáculos de ordem puramente profissional para dar tudo o que tem: uma dramaticidade singular quase alucinatória e uma potência extrema de emoção. Esse paranaense é capaz de abrir rumos que já se adivinham nitidamente (Jornal do Rio de Janeiro, 1946).

Os demais textos são publicados em outubro do mesmo ano. Armando Ribeiro Pinto, intelectual ligado à área de cinema, publica no jornal *Diário Popular* o artigo *Miguel Bakun – Um inspirado*. Utilizando-se da classificação existente no Tratado da Paisagem de André Lhote, qualifica o artista como inspirado, de modo semelhante a Vincent Van Gogh, mas reconhece a diferença no uso da pasta crua e espessa em Van Gogh como um imperativo de expressão formal que configura a imagem da pintura.

Na praça Tiradentes, Edifício Hoffmann, local do ateliê coletivo, 1943. Foto de Arthur Wischral





Foto do cais do Porto de Paranaguá, atribuída a Bakun pela família do artista

Bakun em Curitiba

A comparação entre os dois artistas é muito usada para a leitura da produção e vida de Bakun, mas se por um lado, parece facilitar a compreensão, por outro, dificulta o reconhecimento da especificidade do pintor paranaense. Em ambos os artistas temos uma pintura pessoal expressiva de temperamento místico e ligame íntimo com a natureza, uma extrema dedicação profissional, que, ao final, pode ter acarretado o esgotamento psíquico depressivo e o suicídio. O artista realmente estuda a obra de Van Gogh por livros como *Vincent Van Gogh Paintings and Drawings*, de 1941, impresso por *Clarke & Sherwell, Northampton*, e pelas obras pertencentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Bakun pinta reproduções de duas telas do artista: a paisagem *Ponte levadiça em Arles*, de 1888, e o *Autorretrato*, fevereiro de 1989.

Armando Ribeiro Pinto afirma a paisagem como sua maior obra:

As paisagens de Bakun são provas evidentes do seu senso profundamente, eminentemente plástico. Não há nelas nenhum elemento que não vise senão expressão, que não tenha sido o resultado de uma visão plástica. Nada de literário, de decorativo, de efeito fácil. Sente-se pela pincelada nervosa e indisciplinada, pelos empastes saborosos, pelas massas torturadas, pelo ritmo quase desvairado, pelo colorido sombrio e quase monocromo, que Bakun não olha a natureza como um lago azul, sereno e plácido, mas como um mar agitado, não como uma coisa estática, mas dinâmica.

Sente-se que Bakun transmite a sua emoção através das paisagens e sua emoção é tão vigorosa, tão incoercível que invade a paisagem e a humaniza. Sim: humaniza a paisagem, porque aquelas paisagens atormentadas remoinhando num torvelinho, aquela movimentação tremenda não é mais do que a agitação interior de Bakun. É a natureza vertida através de sua nervosa e emotiva sensibilidade de artista. De artista que tem o que dizer, que tem talento, que tem sensibilidade, que tem inquietação e insatisfação, que sabe expressar-se com os meios específicos de sua arte. [...] (Diário Popular, 02 out. 1946).

Outro texto é escrito por Guido Viaro, professor, pintor e gravador de origem italiana e de ascendência no meio cultural curitibano. O texto é publicado na revista *Joaquim n. 5* (reeditado no n. 19). Essa revista é importante veículo de discussão de ideias da época com trânsito nacional, criada nesse mesmo ano e editada por Dalton Trevisan, com colaboração de Poty e Viaro, além de outros. Vários artistas são convidados a ilustrar ou ter imagens de seus trabalhos reproduzidas, o que não é o caso de Bakun. Em artes plásticas, a revista se contrapõe



polemicamente ao academicismo de Alfredo Andersen e seus alunos, apoiando a produção dos mais jovens ligados ao um modernismo de figuração e gravura. O texto *Bakun*, de Viaro, descreve e expõe o artista como um personagem exótico. Sobre sua obra comenta:

[...] o ângulo de apresentação de seus trabalhos é diferente de tantos outros pintores; nunca indica cerimoniosamente às visitas a porta da frente, mas aquela dos fundos – ele pega o mundo como se fosse gente de casa – mostra tudo que há de bom e de ruim com ingenuidade que sabe expressar-se com os meios específicos de sua arte. [...] (VIARO, 1946, p. 4).

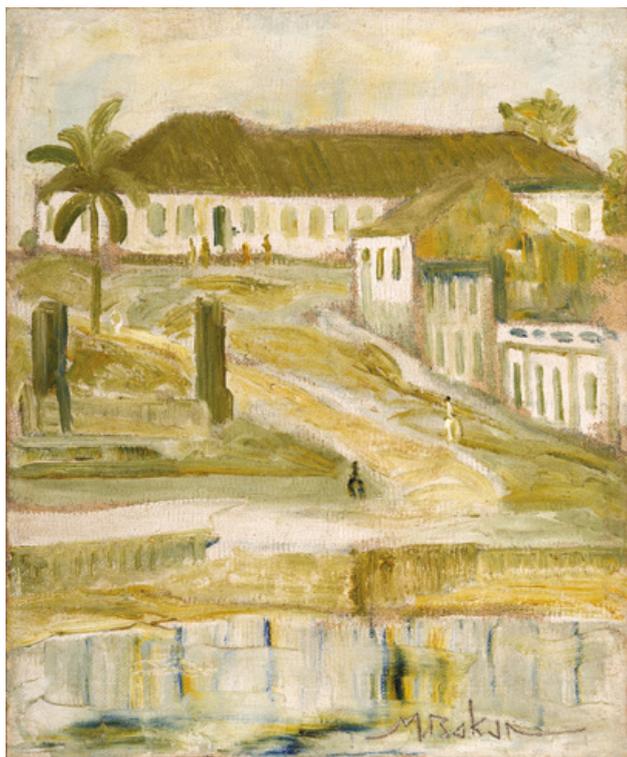
**1947** Recebe Prêmio em Dinheiro – Pintura, no *IV Salão Paranaense de Belas Artes*, com a obra *Sol de Inverno*. São exibidas *Prenúncio*, *Manifestações*, *Intervalo*, *Ipê* e três naturezas-mortas.

Recebe a Medalha de Ouro, com a obra *Retrato de Lourdes*, no *Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*.

Realiza exposição individual em Mallet, sua cidade natal.

Bakun fotografa alguns locais que irá pintar posteriormente, e incorpora o corte fotográfico da imagem em sua pintura, como já fazem muitos artistas modernos, desde o impressionismo. A foto do artista do Porto de Paranaguá, com navio frontal, remete à obra *Cais do Porto de Paranaguá*, de acervo do Museu Oscar Niemeyer. O artista registra, inúmeras vezes, Curitiba e seu entorno, pintando suas cercas de madeiras de forma concisa, sintética e rítmica, com pinceladas verticais de uma mesma tinta, cor e gestos sequenciados que cruzam a superfície da tela (ver figura da capa). Os elementos da cerca ou de um muro retêm o sentido de profundidade, reafirmando o limite e a bidimensionalidade da superfície do próprio quadro.

Em visitas constantes ao litoral paranaense para pintar marinhas, Bakun retrata as cidades de Paranaguá, Guaracueçaba, Antonina e as praias de Caiobá, Matinhos e Guaratuba. Na cidade de Paranaguá, especificamente, ele registra diversos locais, como o chafariz, a praça central, o pátio do museu e o porto. Em outras marinhas, com o seu conhecimento e experiência de marinheiro, Bakun trabalha o alto-mar com maestria e sua espessa matéria pictórica traz a agitação das ondas, as gaivotas e as embarcações. Em *A Natureza do Destino*, Ronaldo Brito relata sobre suas marinhas:



Miguel Bakun, *Sem Título*, sem data, óleo sobre tela, 36 x 27 cm

Arthur Wischral, *Guaraqueçaba*, 1928, *Reisebilder vom Paranaenser Meeresstrand* [Álbum Cenas de Viagem ao Litoral do Paraná]

Basta olhar as suas mínimas e extraordinárias marinhas. Nem de longe, eu saberia retratar as tortuosas vias que conduziram esse autodidata de província a Gustave Courbet e, no entanto, seguramente, Courbet está na origem dessas sólidas marinhas em que tudo é feito do mesmo estofa, da mesma rugosa matéria pictórica – mar e areia, céu e pedras, eventuais pássaros e barcos ou navios. Tudo, enfim, se condensa e anuncia um momento moderno, autônomo, de pintura: o pequeno quadro transcende o curso empírico da vida justo para afirmar a potência estética do aqui-e-agora (BRITO, 2009, p.7).

O fotógrafo paranaense Arthur Júlio Wischral (1894-1982), assim como Bakun, também registrou várias localidades do litoral, como a vista de Guaraqueçaba, uma das primeiras cidades do Paraná.

Oswaldo Nascimento, no Diário do Paraná, em 29 de agosto, em visita e conversa com o artista no ateliê, junto ao escritor Pedro Xisto, transcreve a ideia do artista sobre três obras e seus títulos: *Calouro*, representa o ímpeto da juventude do espírito, *Consciência*, o princípio de vigor sobre a energia e a gestação do caráter humano, e *Bacharel*, da Coleção Walter Gonçalves, um sentido humano mais puro ou depurado.

**1948** Participa do *LIII Salão Nacional de Belas Artes* no Rio de Janeiro, com a obra *Pousando*.

Recebe Menção Honrosa em Pintura, no *V Salão Paranaense de Belas Artes*, com a obra *Nas Margens*. As demais obras são: *Complexo*, *Vertigens*, *Estação*, *Alegria* e *Lagoa Dourada*.

Participa da Exposição Itinerante de *Arte – Paraná*, realizada em Paranaguá e em Ponta Grossa, com as obras *Floração*, *Tempestade*, *Filosofando*, *Deduções* e *Desafogo*.

O crítico Sérgio Milliet, após visitar seu ateliê junto a José Geraldo Vieira, escreve sobre a impulsividade e construção pictórica pouco convencional, em sua coluna no jornal *O Estado de São Paulo*, em 26 de fevereiro de 1948:

Bakun tem qualidades, entretanto, é um temperamento vangoghiano. É um impulsivo a quem falta a noção da tela como todo e que abusa das cores quentes sem nenhum contrapeso. Por outro lado, está ainda preso a uma concepção perigosa de matéria. O empastamento excessivo confunde os valores e atenua a limpeza do colorido. O entusiasmo do pintor e sua participação intensa na obra tornam, entretanto, simpáticos os seus próprios defeitos (MILLIET, 1948).

E no texto *Bakun* (1976), Nelson Luz, crítico de arte, professor e advogado, presente na mesma visita, relata o entusiasmo de Sergio Milliet diante da qualidade da pintura do artista:

Bakun (e isso é inesperado) está numa encruzilhada, pois, ou vai-se perder ou, o que é mais difícil, irá por uma trilha que dará em projeção internacional! Bakun faz de um modo impossível, pois não é desse modo que alguém se inicia e vai adiante com as cores numa tela! Ele faz como não se pode fazer, entende? Lança, às vezes, uma planimetria esquisita, quando seria para ir ele vem e vice-versa, e afinal, inexplicavelmente consegue, por via de um autodidatismo incrível! (LUZ, 1976).

**1949** Participa do *LIV Salão Nacional de Belas Artes*, com a obra *Paisagem*, no Rio de Janeiro.

Recebe Medalha de Bronze em Pintura, no *VI Salão Paranaense de Belas Artes*, com a obra *Paisagem*. São mostradas outras três paisagens e um retrato.

Expõe em coletiva na Flora Paraná, em Curitiba.

Constrói um novo ateliê de madeira, nos fundos de sua casa na Rua Paraguassu e promove uma exposição aberta ao público, noticiada por jornal da época.

**1950** Nos anos 1950, o artista dá continuidade à sua produção artística, retratando paisagens cotidianas de seu ateliê e casa, vistas de praças da cidade, a intimidade de fundos de



**Bacharel**, s.d., óleo sobre cartão, 32 x 26 cm, coleção Walter Gonçalves  
**Retrato de Miguel Bakun**, feito por Loio Pêrsio, 1951, grafite sobre papel, 33,5 x 30 cm, coleção Walter Gonçalves

quintal, cercas e muros com vegetação, beiras de estradas. Nessa década, ele realiza pequenas telas, as quais nomeia "manchinhas". Uma expressão pictórica rápida, anotação dinâmica sobre cartão ou compensado de madeira. Seus desenhos de grafite ou nanquim aprimoram estudos, captam o motivo e dão fluidez à imagem e à forma.

Recebe Medalha de Prata em Pintura, no *VII Salão Paranaense de Belas Artes*, expondo quatro obras de título *Paisagem*. A obra premiada é renomeada posteriormente *Fundo de quintal com ipê-amarelo* e, segundo Luiz Pilotto, amigo e ex-proprietário da obra, retrata a residência e ateliê do artista. Bakun pinta inúmeras vezes esse mesmo local. Para o artista, os títulos não descrevem a cena retratada, é um procedimento de acrescentar-lhe significados de outra ordem.

Participa como artista *hors-concours* do *III Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, por já ter recebido a Medalha de Ouro, em 1947. Expõe três paisagens.

Convidado pelo governador Moysés Lupion, executa pinturas na torre e no salão superior ou sótão de sua mansão, hoje uma casa de eventos conhecida como Castelo do Batel, situada na Avenida Batel. Bakun realiza exaustivo trabalho em pintura de tinta a óleo sobre os painéis de compensado de madeira que recobrem a estrutura do edifício: paredes, vigas e colunas. Diversos temas ecléticos são executados, como: cena de tourada e dançarinos espanhóis, mercado árabe e odaliscas, pirâmides do Egito, indígenas, pinturas rupestres, cena de casamento, etc. Algumas de suas obras e paisagens anteriores são engrandecidas, como *Sapucaia com vista do Cristo Redentor*, paisagem de troncos e lago com pinheiro. Na torre circular da mansão, encontra-se uma pintura de paisagem que se constitui em uma interessante panorâmica imersiva de marinha. A composição é organizada por três faixas horizontais: a superior com céu, nuvens e gaivotas, a central com mar verde e amarelo, areia, embarcação e linha do horizonte, e a inferior com área submersa onde se vê areia, peixes, animais marinhos e corais no fundo do mar.

**1951** Bakun visita junto a um grupo de artistas paranaenses a I Bienal Internacional de São Paulo. A Bienal é um evento que cumpre o papel de divulgar arte moderna e contemporânea. Entre outros artistas, participam dessa mostra, na seção de pintura, os paranaenses: Nilo Previdi, Poty, Paul Garfunkel, os artistas brasileiros: Guignard, Iberê Camargo, Maria Leontina, Milton da Costa, Pancetti, Reboló, Bonadei, Waldemar Cordeiro, Antônio Bandeira, Mira Schendel e Ivan Serpa (prêmio) e os estrangeiros: Giorgio Morandi (prêmio), Lucio Fontana, Carlo Carrá, Danilo Di Prete, Fillippo De Pisis, Georg Grosz, George Rouault, Picasso, Jackson Pollock, Edward Hopper e Mark Rothko.

Recebe Prêmio Aquisição em Pintura – Departamento de Cultura/Palácio do Governo, no *VIII Salão Paranaense de Belas Artes*, pelo trabalho *Paisagem n. 2 ou Pinheiros*, obra que por muitos anos permaneceu no Palácio do Governo e, atualmente, encontra-se no Museu Oscar Niemeyer. São expostas as pinturas *Paisagem n. 1, Retrato, Panorama e Jardim*.

Expõe no *III Salão Baiano de Belas Artes*, em Salvador.

Participa do *II Salão de Maio*, no Centro Cultural Interamericano, promovido em parceria com a Associação Paranaense de Artistas (APA), entidade recém-constituída, da qual Bakun participa e tem o cargo de bibliotecário.

**1952** Recebe Menção Honrosa, no *V Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, inscrito na seção de artistas veteranos em Pintura, com as obras *Figura, Marinha e Paisagem*, em Curitiba.

Participa do *IX Salão Paranaense de Belas Artes*, com as pinturas *Composição I, II e III*, em Curitiba.

Expõe no *3º Salão de Maio*, promovido pela APA, em Curitiba.

Participa da Exposição *Permanente de Artistas Paranaenses*, inaugurando a Sala de Exposições do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação do Paraná, em Curitiba.

**1953** Participa da mostra comemorativa *Grande Exposição do Centenário da Emancipação Política do Paraná*, em Curitiba. No Álbum do 1º Centenário de Emancipação do Paraná, edição do Governo do Estado, Bakun exhibe *Paisagem* e *Iminência* (esta última pertencente ao acervo do MON). O texto publicado *As Artes Plásticas e a Música no Paraná* é de autoria de Nelson Luz que escreve:

Autodidata, estudioso dedicado dos problemas de pintura, Bakun possui uma técnica personalíssima, que tem certas analogias com a de Van Gogh. Menos objetivo, porém, do que este, os seus quadros, de tonalidades menos violentas, constituem sérios problemas para a crítica. As paisagens que pinta, numa planimetria toda especial, têm algo de indefinível lirismo e são cheias de mistério. Seus retratos, de linhas simplíssimas e de cores nostálgicas, carregam uma psique quase impenetrável. Suas marinhas, algumas delas tendendo ao onirismo, falam de ímpetos sopitados, de agitação iminente, de espíritos marinhos em oração... Os desenhos, de técnica muito especial, traçados em ritmos largos, valorizando belezas impressentidas ... (LUZ,1953).

Devido a essa comemoração ocorrem muitos eventos culturais e obras públicas, como a inauguração do novo Centro Cívico, primeiro de arquitetura moderna do país, e da Biblioteca Pública do Paraná, importante polo cultural, que abriga exposições e um museu temporário, o Centro Juvenil de Artes Plásticas, focado em arte-educação, e o Círculo de Artes Plásticas, dedicado a pesquisas e palestras.

Recebe Medalha de Bronze em Pintura – artista veterano, no *VI Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*.

Participa do *X Salão Paranaense de Belas Artes*, com as pinturas: *Por considerar*, *Centenário* e *Primavera*.

O artista envia inscrição para a *II Bienal Internacional de São Paulo*, mas é recusado.

**1954** Recebe solicitações para executar retratos, e entre eles do escritor Ladislau Romanoski, hoje pertencente ao acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Bakun não pinta o usual retrato do cliente com uma bela aparência, mas a seu modo captura o retratado. No catálogo *Miguel Bakun*, do Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP), 1974, Valêncio Xavier, jornalista, escritor, cineasta e que na época também era artista, conta que ao afirmar publicamente que o retrato de Romanoski bem representava a sua inóspita personalidade, causa um verdadeiro atrapalho e faz com que Bakun, de modo a não perder a clientela, trabalhe e apresente na mesma mostra o retrato *Refazer-se* do próprio Valêncio aos 21 anos. O fundo vermelho da tela provavelmente é uma referência à tendência comunista do retratado.

O artista pinta seus familiares: a esposa Teresa em vários períodos, as enteadas-netas e sobrinhas Olga, Stael, Deleuze, Rosemiriam, a sogra e o sogro, os amigos, artistas e intelectuais, como José Paulo Paes, Lange de Morretes, João Turin, Eduardo Virmond, Oscar Martins Gomes e, ainda, as personalidades que mais admirava, como Getúlio Vargas e Santos Dumont. Essa última tela pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Participa do *XI Salão Paranaense de Belas Artes*, com as pinturas *Flamboyant*, *Pescando* e *Caixinha de música*, em Curitiba.

Participa do *VII Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, com as obras *Mistificando*, *Refazer-se (Retrato de Valêncio Xavier)* e *Rebento (Detalhe de florada de palmeira)*. As duas últimas obras pertencem à coleção Walter Gonçalves.

Expõe no *Salão Mariano de Pintura*, em Curitiba.



Viagem à I Bienal de São Paulo, interior do ônibus: Bakun, Werner Hering, Renato Pedroso, Zezo Negrão, Fernando Velloso, Heronides Trindade. Em pé, Francisco Bettiga. Foto: Domício Pedroso  
Valêncio Xavier, no ateliê do artista, 1954  
**Refazer-se (Retrato de Valencio Xavier)**,1954, óleo sobre tela, 60 x 45 cm, col. Walter Gonçalves



Da direita para esquerda: Guilherme Matter, Vasco José Taborda, Nelson Luz e Bakun em uma exposição

Bakun, Werner Hering, Alcy Xavier, Paulo Gnecco, Domício Pedroso, Fernando Velloso e Guido Viaro em exposição de Domício, na Biblioteca Pública do Paraná

**1955** Realiza exposição individual em um imóvel situado na Rua XV de Novembro, no centro da cidade. O espaço de uma antiga loja é adaptado pelo artista. Entre as obras expostas estão *Capão e Pinhais*, *Ao Sorrir*, *7º Dia do Ancião* e *Sem Título (Casebre)*. Em artigo sobre a exposição, Durval Borges, no jornal *O Dia*, de 11 de setembro, registra o depoimento do artista sobre sua forte autocrítica que o faz retrabalhar constantemente suas pinturas durante o processo de execução. A tela *Sem Título (Casebre)*, da coleção Walter Gonçalves, é descrita como uma paisagem que combina a natureza de uma marinha e a simplicidade de um casebre ou tapera com o sobrevoos de um avião, em Caiobá.

A Galeria Cocaco surge na cidade como local de encontro cotidiano de artistas e intelectuais de aspirações mais inovadoras e Bakun é frequentador, tendo seus trabalhos comercializados ali.

Expõe no *I Salão de Arte*, promovido pela Câmara Municipal de Curitiba, em Curitiba.

Participa do *XII Salão Paranaense de Belas Artes* com as pinturas *Cirandinha*, *Figura* e *Natureza*, em Curitiba.

Participa do *VII Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, com *Estudo*, e outras obras com o título *Paisagem*, em Curitiba.

**1956** Participa do *XIII Salão Paranaense de Belas Artes*, na Biblioteca Pública do Paraná, com as pinturas *Igreja Arrolada*, *Festejar Solitário* e *Num Improviso*, em Curitiba

**1957** Recebe Prêmio Aquisição em Pintura – Departamento de Cultura, no *XIV Salão Paranaense de Belas Artes* com a obra *Paisagem n. 2*, expondo também *Paisagem n. 1* e *Paisagem n. 3*, em Curitiba.

Participa do *IX Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, com as pinturas *Paisagem* e *Retrato*, em Curitiba.

Expõe na mostra *Pintores do Paraná*, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e no MASP, em São Paulo. Exibe as obras *Paisagem* e *Dálias*.

Realiza sua última individual, na Biblioteca Pública do Paraná, local onde futuramente, se instalarão em sua homenagem as salas Miguel Bakun I e III. Segundo o artista em entrevista a jornais locais, os trabalhos apresentam uma figuração ora tratada como mancha em livre processo de abstração, ora como criaturas subliminarmente percebidas. Criaturas fantásticas



são observadas dentro da paisagem, numa visão animista da natureza, com figuras humanas, animais em meio à vegetação, céu ou mar.

E nesse último período de produção do artista, ocorre um maior uso da cor branca e intensidade de luz direcionado a sua tendência mística, religiosa e metafísica. Porém, ele dá continuidade à pintura de paisagens, presentes em toda a sua trajetória.

Sobre a exposição, Ennio Marques Ferreira, artista e proprietário da Galeria Cocaco, reconta histórias conhecidas e comentadas na cidade sobre o artista e sua obra, no jornal do dia 29 de setembro de 1957, no *Diário do Paraná*:

Bakun não sofreu influências notáveis do meio artístico local. Mais espátula que pincel, textura pastosa, tons cinzas, verdes e azuis sempre presentes em sua palheta (que procura agora ganhar mais luz), constituem ainda a fórmula e o caráter de seus quadros. Eles refletem toda aquela singela ingenuidade do homem e está calcada de uma poesia intuitiva e sem requintes [...] (*Diário do Paraná*, 29 set. 1957).

Nessa mesma mostra, a obra *Na Clareira* é adquirida por Ennio, hoje da coleção Walter Gonçalves. Essa pintura demonstra o vigor da matéria pictórica, ação de um todo movediço entre mata e duas figuras humanas enigmáticas, uma palheta singular autoral de cores e uma composição sem hierarquias de planos. O professor, historiador e crítico de arte Artur Freitas comenta em texto dedicado ao artista:

Nessa obra, todo o espaço do quadro é invadido pela instável oscilação da natureza. Num suave plongée, o horizonte escapa pelo alto e nos obriga a olhar para baixo. O ângulo de fato é um pouco estranho: Bakun parece ter puxado a paisagem pela perna, como se fosse possível derrubar toda a cena, dobrando-a sobre o próprio plano da pintura. O céu, já espremido entre outras obras, agora nem cabe no enquadramento; resta apenas a dispersão contínua de um chão que é árvore e folha e grama, tudo ao mesmo tempo. Como um estrategista em combate, o artista não pinta uma tela: ele ocupa os espaços, avançando com sua pasta turbulenta sobre cada centímetro do terreno (FREITAS, 2009, p.94).

**1958** Recebe Prêmio Aquisição em Pintura – UFPR, no *XV Salão Paranaense de Belas Artes*, com a obra *Repressão*, que pertence atualmente ao acervo do Museu de Arte da UFPR. Expôs, ainda, *Represo* e *Individual*. A obra premiada *Repressão* denota a qualidade pictórica do artista em uma marinha de ondas agitadas com embarcação. A obra de Bakun, pela qualidade de seu aspecto matérico ligado à luz, pode ser associada à produção de outros dois grandes pintores paisagistas: Giovanni Castagneto (1851-1900), italiano que viveu no Brasil, e do venezuelano Armando Reverón (1889-1954).

Recebe o Prêmio em Dinheiro no *X Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, com a obra *Paisagem II*, em Curitiba.

Participa do *I Salão Pan-Americano de Arte*, no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Expõe na Coletiva *6 Pintores do Paraná*, na Galeria Cococo, da qual participam, também, Alcy Xavier, Ennio Marques Ferreira, Fernando Velloso, Guido Viaro e Nilo Previdi, em Curitiba.

**1959** Participa do *XVI Salão Paranaense de Belas Artes*, com três obras de título *Paisagem*, em Curitiba.

Participa do *XI Salão da Primavera do Clube Concórdia*, com *Retrato*, em Curitiba.

**1960** Nesse último período, o artista trabalha em sua produção pictórica de paisagens, naturezas-mortas e retratos, mas também realiza obras de tendência religiosa e, para representar uma luz intensa, ele utiliza cores mais claras e com a maior presença do branco.

Miguel Bakun escreve pouco sobre sua vida e obra, mas em manuscrito da época demonstra seus embates:

Começo do mês de maio.

Eu sou um abstracionista atualizado. "A minha concepção" era de que a pintura não estava no desenho, formas e cores, desvanecida essa expressão, comecei a procurar Deus e observei que se encontrava nas flores, frutos e cores. Vida, luz e movimento são predicados que necessito em meus quadros. Abstracionista da época.

Hoje, dia 28 de maio de 60, à tarde deste dia, realizei-me definitivamente no campo da pintura, graças a um programa de apontamentos de elaboração e método a ser empregado e depositado na caixa de trabalho.

À noite, hora de praxe em minhas orações, implorei ao papa Pio XII para me conceder o poder de externar a Deus em minhas telas. O sinal me foi dado de imediato, um grande estrondo que chegou a abalar o atelier. Em seguida, o visível que [*sic*] e a luz se apagou por momentos. Terminada a oração, passei a ler a pág. 180 que abri da História de Cristo de Giovanni Papini...

O escritor citado pelo artista, Giovanni Papini (1881-1956), conhecido por tendências polêmicas, inicialmente cético, tornou-se um católico fervoroso, produzindo obras na literatura e na filosofia.

Bakun na praia de Guaratuba, acervo da família do artista



Sem Título, sem data, carvão sobre papel, 16 x 11,5 cm

Recebe Prêmio Aquisição – Prosdócimo, no *XVII Salão Paranaense de Belas Artes*, com a obra *Alhear*, expondo ainda *Frenesiar* e *Argos*. O artista escreve observação na ficha de inscrição para que seus títulos fossem mantidos, pois não eram meras descrições das cenas pintadas.

Recebe Prêmio Aquisição, na Sala Moderna, do *XII Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, com a pintura *Moderno*. Também exhibe a obra *Conservador*.

Ganha Menção Honrosa no *I Salão Anual de Curitiba*, realizado pelo recém-criado Museu de Arte do Paraná, que tem como seu diretor Eduardo Rocha Virmond. Esse museu, embora sem sede própria e de curta duração, recebeu patrocínio dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, também responsável pela criação do MASP. Uma exposição de obras de seu acervo, com *Arlesiana* de Van Gogh, são apresentadas no museu.

**1961** Recebe Medalha de Prata no *XIII Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia* e exhibe *Paisagem I*. Compõem o júri: Leonor Botteri, Erbo Stenzel e Arthur Nísio.

Participa do *XVIII Salão Paranaense de Belas Artes*, no qual são inscritas três obras, *Dialética*, *Sofística* e *Sufismo*, permanecendo apenas uma delas, na categoria Isento de Júri, criada posteriormente e utilizada para outros artistas como Nilo Previdi e Paul Garfunkel. No texto *Carta Aberta a Bakun*, publicada no jornal *O Estado do Paraná*, em 13 de dezembro de 1961, Paul Garfunkel, artista e pintor de origem francesa, reclama que o Salão Paranaense está sendo invadido por artistas modernos, ou melhor, abstracionistas, e que ali a presença das obras dos "velhos pintores chevronsés", como ele

e Bakun, só se mantém em situações excepcionais, como no caso do acordo firmado entre o júri e Ennio Marques Ferreira, então na organização do evento. Publicamente, Garfunkel oferece o espaço de sua exposição individual, que então ocorria simultaneamente em Curitiba, para hospedar a obra do amigo, sugerindo-lhe que se retirasse do Salão Paranaense, pois ele próprio já havia se retirado. Bakun, no entanto, não retira sua obra do Salão nessa ocasião, assim como não participa do *Salão dos Pré-Julgados*, em 1957. Nessa época, em Curitiba, uma nova geração de artistas e críticos luta pela afirmação do abstracionismo no meio artístico, o que acaba reduzindo a visibilidade de artistas figurativos. A tela *Sufismo* é imediatamente adquirida por Oscar Martins Gomes e atualmente a tela é do acervo de Walter Gonçalves.

Participa da coletiva *Pintores do Paraná Hoje*, em Ponta Grossa.

Nesse período, o artista necessita de tratamento médico por sua saúde física e mental, pela depressão que sente, mas não aceita a medicação que lhe é receitada.

**1962** Expõe no *XIV Salão de Belas Artes da Primavera do Clube Concórdia*, em Curitiba. Participam as pinturas: *Remanescentes* e *Derriçador*.

A convite de Oscar Martins Gomes, Bakun passa uma temporada em sua fazenda em Bela Vista do Paraíso, no Norte do

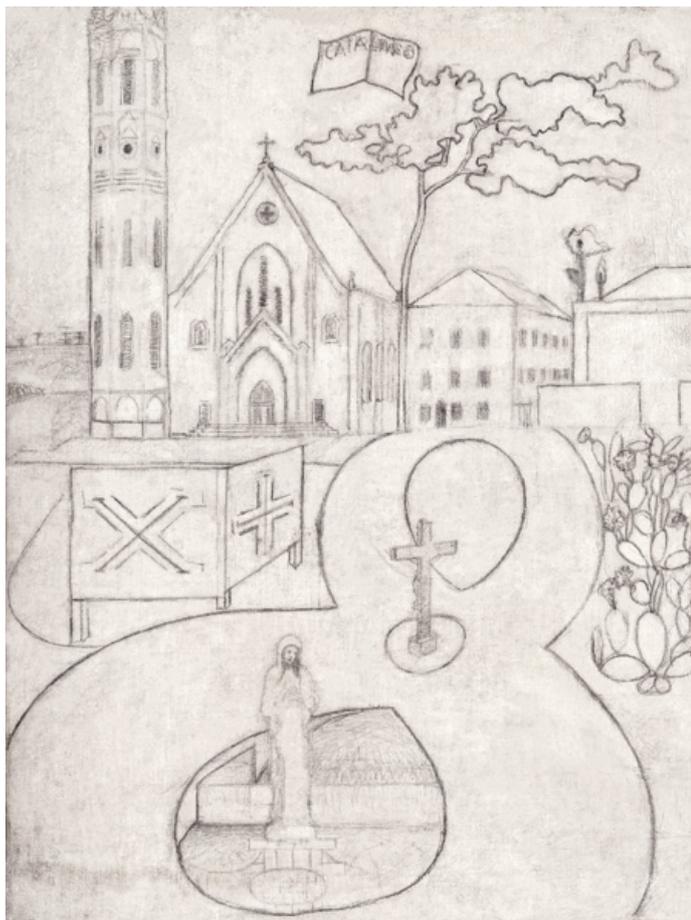
Paraná, onde produz vários estudos e pinturas sobre a plantação e colheita do café. Nessas telas, o artista passa a usar a cor vermelha, em consequência da cor da terra da região.

Recebe o Prêmio Aquisição Arno Iwersen, em Pintura, no *Salão do Paraná* (unificação do *XIX Salão Paranaense de Belas Artes e III Salão de Curitiba*). Esse evento recebe artistas e críticos brasileiros acolhendo novas tendências artísticas. Do júri fazem parte: Frederico Moraes, Mário Pedrosa, Nelson Coelho e os organizadores Eduardo Rocha Virmond e Ennio Marques Ferreira. Participaram os artistas brasileiros: Antônio Henrique Amaral, Rubens Gerchman, Anna Bella Geiger e Tomie Ohtake. Das quatro obras inscritas pelo artista, todas intituladas *Paisagem*, apenas *Paisagem (Cafezal)* participa. A tela receberia Prêmio Aquisição em dinheiro, mas por não pertencer mais ao artista e, sim, ao colecionador Oscar Martins Gomes, não pôde receber o referido prêmio aquisição. Bakun então recebe como prêmio um estojo de pintura com tintas, o que é considerado controverso por conta de sua maturidade artística.

**1963** Pinta o quadro *Nossa Senhora da Conceição* e algumas paisagens, como *Paisagem de Campo com Pinheiro*, pertencente ao acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

Em 14 de fevereiro, suicida-se aos 53 anos.

Sem Título, sem data, grafite sobre tela, 83 x 62 cm





## POST MORTEM

**1963** Recebe Sala Especial, no *XX Salão Paranaense*, homenagem póstuma ao artista, em Curitiba.

Exposição individual de 40 obras do artista e criação da *Sala Miguel Bakun*, no subsolo da Biblioteca Pública do Paraná, pelo Círculo de Artes Plásticas do Paraná, em Curitiba. Esta sala se destina à exibição de obras de novos artistas.

O escritor Walmor Marcelino publica *Ode a Miguel Bakun*, no *Jornal Gazeta do Povo*, 16 de fevereiro de 1963. Em trecho:

A noite não surpreende nos teus braços  
O calor do corpo e a fadiga  
que pintar foi sempre teu ofício;  
os olhos de pano sujo  
– se refletem da cidade movediça –  
E só retém o viço se transportas  
Para a tela as cores da floresta.

**1965** A Câmara Municipal de Curitiba, pelo Projeto de Lei n. 2.748, de 31 de dezembro, cria a Rua Miguel Bakun, no bairro Guabirota.

**1968** É criada a segunda *Sala Miguel Bakun* para exposições temporárias, instalada no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná (SECE), em sua sede provisória, Rua Augusto Stelfeld, 248, em Curitiba.

**1969** Retrospectiva *6 Anos Depois*, na Biblioteca Pública do Paraná, promovida pela SECE, em Curitiba. Participam, como organizadores, Nelson Padrella, Luís Carlos de Andrade Lima e Vasco José Taborda.

**1970** Instalado o *Ateliê Livre de Pintura Miguel Bakun*, na Praça Rui Barbosa junto ao Teatro da Praça, dirigido e orientado por Jair Mendes, em Curitiba.

O quadro *Árvore Amarela*, considerado um dos mais significativos do artista, é roubado do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Paraná, sendo posteriormente recuperado. Hoje pertence ao acervo do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**1972** Coletiva *Artistas Paranaenses*, na Galeria Cocaco, em Curitiba.

**1973** *Mostra de Arte – Acervos Particulares*, no salão de exposições do Banco do Desenvolvimento do Paraná (BADEP), sob coordenação de Domicio Pedroso, em Curitiba.

**1974** *Retrospectiva Miguel Bakun*, no BADEP, organizada pelo coordenador Domicio Pedroso, com 95 obras expostas, em Curitiba. O catálogo traz texto crítico de Eduardo Rocha Virmond e uma coletânea selecionada: *O pentagrama de Miguel Bakun*, de Valêncio Xavier; *Ode a Miguel Bakun*, de Walmor Marcelino, entre outros.

**1976** Exposição *Panorama de Arte no Paraná II – Discípulos de Andersen & Artistas Independentes*, no BADEP, em Curitiba.

Nelson Luz escreve *Bakun*, texto publicado em 2009, no livro *Miguel Bakun – A Natureza do Destino*. O autor afirma: “Bakun é envolvimento, tensão, adivinhador do caos-logos, ouvinte do mistério. Fez-se em si mesmo. Só humilde, desnudado, alguém pode ser assim” (LUZ, 2009, p.101).

Miguel Bakun, na década de 1960

**1977** Mostra Paraná: *Arte e Economia*, no BADEP, em Curitiba.

Exposição individual *Quinzena Miguel Bakun*, na Galeria SH 316, em Curitiba.

**1978** *A Paisagem Paranaense*, na Galeria Acaiaca, em Curitiba.

*Presença do Mar*, na Galeria Eucatexpo, em Curitiba.

Exposição e catálogo *Tributo a Bakun*, na II Semana de Arte e Cultura, no Clube Curitibano, em Curitiba.

*Retrospectiva Miguel Bakun*, com 27 obras, na sala de exposições da Associação Comercial de Londrina, em Londrina.

**1980** *Retrospectiva Miguel Bakun*, com a inauguração da terceira Sala Miguel Bakun, na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba. Participam 105 obras do artista. A professora, historiadora e crítica de arte Adalice Araújo afirma em seu texto *Miguel Bakun*: Um dos mais autênticos expressionistas paranaenses: “[...] Tremendamente sincero, como consequência, sua pintura será subjetiva, pois jamais deixará de ser um puro, ingênuo e instintivo, e ao mesmo tempo um hipersensível que guardará intacta a expressão de uma mensagem dramaticamente humana” (ARAÚJO, 1980).

Coletiva *Do Expressionismo ao Conceitual*, no Encontro Nacional de Críticos de Arte, na Fundação Cultural de Curitiba.

**1982** Sua obra consta do livro *Pintores da Paisagem Paranaense*, publicado pela Secretaria do Estado da Cultura e Esporte (reeditado em 2001 e 2005, pelo Solar do Rosário/SECE), em Curitiba. Bakun participa com 6 obras.

Publicados no Suplemento Semanal do *Jornal O Estado do Paraná*, em 12 de novembro de 1982, n. 86, textos de Luiz Groff, Dionísio da Silva e Paulo Leminski sobre Miguel Bakun.

**1984** Exposição *Tradição e Ruptura – Século XX Modernismo*, curadoria de Ana Maria Belluzzo e Ivo Mesquita, na Fundação Bienal de São Paulo (FBSP), em São Paulo. Apresenta as obras *Barco Ancorado*, de 1957, *Marinha e Sapucaia*.

Mostra *Artistas Paranaenses*, na Fundação Álvares Penteado, em São Paulo.

Mostra *Acervo do Palácio Iguazu*, na Galeria de Arte Poupança Banestado, em Curitiba.

Realização do filme *O Autorretrato de Bakun*, de Sylvio Back, com a colaboração de Nelson Padrella na pesquisa e roteiro, em 16 mm e 43 min. Produção da Secretaria do Estado do Paraná e apoio da Embrafilme e Fundação Cultural de Curitiba. Em 1984, o filme recebe o Prêmio Glauber Rocha de Melhor Filme, na XIII Jornada Brasileira do Curta-Metragem, Menção Especial do Júri, I Festival Internacional de Cinema, TV e Vídeo do Rio de Janeiro, e Prêmio Melhor Fotografia, I Festival de Cinema de Caxambu.

Conduzido por uma narrativa de misticismo, a fala do artista se dá através de uma médium e vários depoimentos de amigos, parentes e intelectuais são registrados. O amigo artista e professor Thomaz Wartelsteiner relata no filme:

Quando Bakun via uma árvore, um pinheiro, especialmente, um campo, uma flor, ele comentava muito que enxergava imagens, figuras humanas, mas geralmente, figuras que transcendiam a própria condição da imagem comum. Eu atribuo isso à sua altíssima sensibilidade. Era uma criatura que, indiscutivelmente, possuía dons paranormais. Ele era um naturalista por excelência. Mas via além da imagem convencional. E isto era um drama terrível para Bakun, porque sendo que ele amava demasiadamente a natureza,

como poderia mutilá-la, para pôr aquela forma interior que ele via? (Autorretrato de Bakun, 1984).

Publicada a biografia do artista de autoria de Newton Stadler de Souza no livro *Bakun*, Lítero Técnica, 1984, em Curitiba. São comentadas a vida e a obra do artista sob o prisma de sua problemática existencial e conflitos entre forma e cor, saúde e enfermidade, misticismo e fetichismo, inserido no meio cultural curitibano dos anos 1940 e 1950.

Jorge Carlos Sade, artista plástico e galerista, escreve em *Um retratinho 3x4*, na Revista Maki, julho 1984, n. 1, Curitiba: "A Curitiba de Bakun é branconeblina, brancogeadada, brancofrio, brancobakun. É azulcerúleo, azul-marinho, azuloutono, azulbakun. Amarelo-ipê, verde-pinheiro, alvura-lírio, eis Bakun. Verdes amarelados, cinzazulados, brancoutonais, Bakun total, a genuína Curitiba" (SADE, 1984).

Consta no livro *História Geral da Arte do Brasil*, v. 2, de Walter Zanini, São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, no capítulo *Aspectos da Arte em Vários Estados*, p. 640.

**1985** 18ª Bienal Internacional de São Paulo, na mostra *Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades*, sob a curadoria de Stella Teixeira de Barros e Ivo Mesquita, na FBSP, em São Paulo. A obra *A Porta dos Sonhos* é exposta.

**1986** Exposição *Tradição e Contradição*, sob a curadoria de Maria José Justino, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR), em Curitiba. Exibe as obras: *Paisagem com Pessegueiro*, *Paisagem com Árvore Azul* e *Copos-de-Leite*.

Mostra *Paranaenses premiados nas 42 edições do Salão Paranaense*, no MAC-PR e Museu Guido Viaro, em Curitiba.

Exposição inaugural do Museu de Arte do Paraná, que reúne um significativo acervo recuperado e entregue ao público de órgãos e autarquias públicas, em Curitiba.

Publicado no jornal *Correio de Notícias*, em 25 de julho de 1986, o texto Bakun, por Paulo Leminski:

O passaporte austríaco. O sobrenome, eslavo. O nome, Miguel, nome de anjo, nome de arcanjo, a cara, na foto, angulosa, e o olhar dolorido de polaco. Miguel Bakun, pintor maior de Curitiba, o único, nesta terra de artesãos, tocado pela asa da genialidade, a asa mortal, o sinal da passagem do anjo da vida e da morte, o para sempre fotografado (Correio de Notícias, 25 jul. 1986).

**1987** Mostra do Acervo, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Miguel Bakun – obras inéditas*, no Studio R. Krieger, em Curitiba.

Projeto *Obra do Mês de Maio*, com *Retrato de Romanowski*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

**1988** Mostra Inaugural, no Museu Municipal de Curitiba, em Curitiba.

Projeto *Obra e Artista do Mês*, com a obra *Árvore Azul*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

**1989** Exposição *Miguel Bakun 25 Anos Depois* e inauguração da quarta Sala Miguel Bakun, na sede da Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, sob curadoria de Ennio Marques Ferreira, em Curitiba. Participam da mostra 101 obras. São realizados o catálogo da mostra e o vídeo *Miguel Bakun 25 Anos Depois*, com direção de Heloísa Passos e Lucila Bruetto, SECE. Nessa data, o artista completaria 80 anos de seu nascimento.

O *Jornal Nicolau*, edição 22, ano 1989, publicação da SECE, traz vários textos e poemas dedicados ao artista. Escrevem: Rodrigo Garcia Lopes, Joaquim Esteves, Eliane Prolik, Sérgio Rubens Sossella, Walmor Marcelino e Wilson Bueno. No texto principal intitulado *Quem Matou Bakun?* Rodrigo Garcia Lopes afirma:

Em Bakun, a presença da natureza é total. Ele se identificava com a natureza em atividade dinâmica. Foi nela que o artista encontrou a essência motriz, o impulso criativo que desaguaria todo o seu talento. Mantinha uma telepatia poética, um olhar direto e sincero para a natureza. Só ali – em trigais, nuvens que acenam, estradas de terra e pinheiros – Bakun encontrava a paz que precisava aliviar sua dor. Uma dor que vai clareando, assim como sua paleta, até a luz total que ele disse ter visto, quando de sua fase mística (Jornal Nicolau, 1989, p. 19-21).

Mostra *Miguel Bakun 25 Anos Depois*, no Museu Municipal de Curitiba, em Curitiba.

*Arte Paranaense – Acervo*, no Museu de Arte Municipal, em Curitiba.

Exposição *O Autorretrato na Pintura Paranaense*, no Museu de Arte do Paraná, em Curitiba.

Apresentação da peça teatral *Miguel Bakun: Vida, Obra e Morte*, com livreto, texto de Newton Stadler de Souza (adaptação de seu livro Bakun), direção de Wasyl Stuparyk e participação de atores amadores, no teatro da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba.

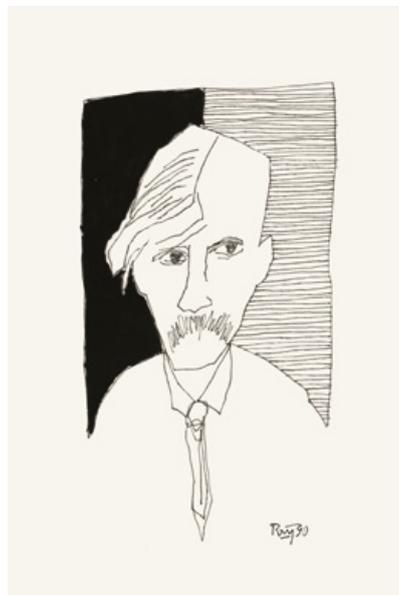
**1990** Poty Lazzarotto realiza retrato de Miguel Bakun, obra pertencente à coleção Walter Gonçalves.

**1991** Mostra *Arte Abstrata – Acervo do MAC*, com curadoria de João Henrique Amaral, em Curitiba.

*Acervo – Figura Humana*, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Mostra do Acervo do Museu Municipal de Arte*, em Curitiba.

**Retrato de Miguel Bakun**, feito por Poty Lazzarotto, 1990, caneta hidrográfica sobre papel, 40 x 30 cm, coleção Walter Gonçalves



**1992** *Vistas da Cidade – Mostra do Acervo*, no Museu Municipal de Arte, em Curitiba.

*Presença de Deus – Acervo*, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

**1993** Exposição *Homenagem a Miguel Bakun*, no Museu Guido Viaro, em Curitiba.

*Mostra Miguel Bakun*, homenagem aos 30 anos da morte do artista. São expostas sete obras do acervo e o cavalete do artista, no Museu de Arte do Paraná, em Curitiba.

*Mostra Trinta Anos sem Miguel Bakun*, na Galeria Mold'Arte, em Curitiba.

*Curitiba Expressa em Arte*, no Museu Municipal de Arte, em Curitiba.

**1994** *Bienal Brasil Século XX*, no módulo *O Modernismo*, sob a curadoria de Anna Teresa Fabris e Tadeu Chiarelli, na Fundação Bienal de São Paulo, em São Paulo. São expostas: *Sem Título (Cais do Porto de Paranaguá)*, *Sem Título (Quintal de Araucárias)* e *Sem Título (Paisagem de Campo com Pinheiro)*, obras do MAP e MAC/PR. A pintura de Bakun é destaque na referida mostra e comentada em jornais da época como uma descoberta do modernismo brasileiro, gerando controvérsias.

**1995** *Mostra Retrospectiva 50 Anos do Salão Paranaense*, sob a curadoria de Maria José Justino, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Acervo à Mostra*, com curadoria de Domicio Pedroso, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Projeto Acervo Artístico Municipal – Aquisição de Obras*, pela Fundação Cultural de Curitiba e Associação Cultural Solar do Rosário, no Museu Metropolitano de Arte, em Curitiba.

**1996** Exposição *O Tátil na Visualidade*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

*Autores Brasileiros – Acervo*, no Museu Metropolitano de Arte, em Curitiba.

**1997** *Mostra Corpo Representação*, no Museu Metropolitano de Arte, em Curitiba.

*Projeto Brasil Reflexão 97*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

Exposição *Miguel Bakun*, sob curadoria de Ronald Simon, na Galeria Mold'Arte, em Curitiba. No fôlder, o curador escreve:

Mesmo não se utilizando de um método, Bakun como podemos ver nesta exposição, possui uma certa ordenação, certos procedimentos que o distanciam dos chamados pintores ingênuos naives. Ele não se deixa encantar pela cor pura, pelo contraste evidente. Munido de intuição e pela prática, Bakun elabora através dos elementos contidos na sua obra, uma linguagem muito pessoal, forte (SIMON, 1997).

**1998** Exposição *Arte Paranaense: Movimento de Renovação*, sob a curadoria de Fernando Bini, na Galeria da Caixa/CEF, em Curitiba. É exposta a pintura *Paisagem com Pereiras*.

**1999** Exposição *A Nossa Modernidade*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

*Corpo Representação II*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

**2000** *Mostra do Redescobrimento – Brasil 500 anos*, na Fundação Bienal de São Paulo, em São Paulo.

É tema de monografia de Eliane Prolík, *Miguel Bakun – A Natureza do Destino*, com orientação do crítico e professor de História da Arte, Ronaldo Brito, no Curso de Pós-Graduação em História da Arte do Século XX, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba. O estudo trata da qualidade da produção do artista, sua trajetória, relação com a produção do modernismo tardio brasileiro, e descreve:

Liberdades formais e limites técnicos lhe são simultaneamente facultados e experienciados no seu fazer. A redução de seus recursos técnicos não impedia a potencialização de sua poética. Veja-se a excentricidade pictórica conseguida pelas poucas cores de sua paleta, marcadamente amarela, azul, verde e branca, e a composição tensionada por acontecimentos nas extremidades das bordas laterais do quadro, recurso que enfatiza o sentido de extensão da superfície e produz uma espécie de atrito e deslocamento da importância do tema no quadro. Provavelmente, isso seja resultado da técnica fotográfica que o artista experimentou adequando essa técnica à pintura na composição da imagem a ser representada nas paisagens. [...]

[...] Não se pode dizer que o artista fosse um colorista, ainda que elaborasse um vocabulário colorístico que preza pelas tonalidades verde-amareladas, cinza-azuladas e outras. Suas cores não estão em tensão de maior contraste e luminosidade, são embaçadas e não possuem autonomia vibrante em suas relações. Assim como sua espacialidade, suas cores se confirmam a meia voz e se unem ao todo movediço do quadro. Isso produz agregados matéricos que não se somam pelo frescor imediato de sua transparência. Mais densos e opacos deslocam-se pela ação das pinceladas; impregnados do uso e da experimentação sofrida do artista, assemelham-se a cores gastas ou de segunda mão. [...]

[...] A singularidade da obra de Miguel Bakun se efetiva no acontecimento pictórico da tela ao utilizar, sobretudo, o recurso de proximidade. Compactadas, as áreas e cores da paisagem se articulam e interpenetram. De modo intimista, essa pintura configura espaçamentos justos e rítmicos da matéria. Seu fazer diminui as distâncias entre o pintor e o motivo, entre o sujeito e a natureza e entre os vários planos e elementos da paisagem e fazem o espectador se aproximar dessa justeza do quadro para entendê-lo, para enxergá-lo. [...]

[...] Sua paisagem nada fáustica ou grandiloquente apega-se ao melancólico cotidiano, com obstinação. A natureza vadia, destemperada e íntima vai demonstrar a solidão do homem cotejando o destino. O eu migrante é cercado pela physis (natureza), força de geração e manutenção do mundo que o circunscreve. (PROLIK, 2000, p. 11, 13 e 14)

**2001** Exposição *A Paisagem Paranaense & seus Pintores*, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba.

Edição do livro infantil *Miguel Bakun – aquele azul, amarelo, verde*, de autoria de Luciano Buchmann, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, em Curitiba.

**2002** *Mostra Acervo Banestado – Arte Paranaense Revisitada*, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba.

*Uma Seleção do Acervo*, no Museu de Arte da UFPR, em Curitiba.

*Panorama Paranaense*, no Novo Museu, atual Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**2003** Exposição *Um Olhar Sobre a Arte Paranaense – Acervo do Museu Oscar Niemeyer*, em Curitiba.

*O Discurso Moderno*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

Exposição *Miguel Bakun*, sob a curadoria de Suely Deschermayer, na Pinacoteca do Clube Curitibano, em Curitiba.

Exposição *Miguel Bakun*, sob curadoria de Suely Deschermayer, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Participam 143 obras. As obras da coleção Walter Gonçalves que participam da mostra são: *Na Clareira*, c.1957; *Desembocadura*, s.d.; *Sem Título (Navio)*, s.d.; *Sem Título (Casebre)*, s.d.; *Transcendente*, s.d.; *Rebento (Detalhe de florada de palmeira)*, 1954; *Sem Título (Dális, pincéis e livros)*, d.1940.

É tema da dissertação de Katiucya Perigo, orientada por Ana Maria de Oliveira Burmester, no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Na dissertação *Ser Visto é Estar Morto – Miguel Bakun e o Meio Artístico Paranaense (1940-1960)* onde a autora comenta sobre a difícil inserção do artista em seu meio cultural.

**2004** Exposição de *Tomie Ohtake – Na Trama Espiritual da Arte Brasileira*, sob a curadoria de Paulo Herkenhoff, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**2005** Exposição *Lugar*, sob a curadoria de Paulo Reis, no Museu de Arte da UFPR, em Curitiba.

*Figuras no Acervo da FCC*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, em Curitiba.

**2006** Mostra *Fragmentos da Modernidade – Obras do Acervo do Museu Oscar Niemeyer*, realizada com a comissão curatorial de Ennio Marques Ferreira, Fernando Bini, Fernando Velloso, Geraldo Leão e Maria José Justino, em Curitiba.

Exposição *Outros 60's: O Acervo do MAC nos anos 60 (e 70)*, com curadoria de Artur Freitas, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Paraná - Caminhos da História e da Arte*, exposição itinerante de arte-educação em várias cidades do Paraná, pela Secretaria de Cultura do Estado, Governo do Estado do Paraná.

Criação da *Sala Miguel Bakun*, atual sala 7, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**2007** Exposição *Momentos da Arte – Acervo do Museu Oscar Niemeyer*, em Curitiba.

*Arte no Espaço e no Tempo – Acervo do Museu Oscar Niemeyer*, em Curitiba.

**2008** Exposição *Projeto Museu na Escola*, no Memorial de Curitiba, em Curitiba.

*Uma Leitura do Acervo do Museu Oscar Niemeyer*, em Curitiba.

**2009** Exposição e lançamento do livro *Miguel Bakun – A Natureza do Destino*, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba. Este projeto comemora os 100 anos de nascimento do artista. O livro é publicado a partir da pesquisa de Pós-Graduação de Eliane Prolik e conta com os textos *Concisos*, *Convulsos*, de Ronaldo Brito; *Miguel Bakun e a Dispersão da Paisagem*, de Artur Freitas e *Bakun*, de Nelson Luz, com recursos provenientes da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Na mostra, foram exibidas 43 pinturas e 8 desenhos e foi realizada uma mesa-redonda. Da coleção Walter Gonçalves, participam desta mostra as pinturas: *Na Clareira*, c. 1957 e *Desembocadura*, s.d. Para a publicação, Ronaldo Brito escreve seu primeiro texto sobre o artista:

As suas telas modestas, marginais na acepção estrita, agarram com vontade o mundo, o seu pequeno momento de mundo. Vorazes à sua maneira, elas o tomam pelo desenho tosco e brusco, sobretudo, graças a uma tinta aflita que absorve pelos poros a paisagem até torná-la uma com o artista. [...]

Temos aqui um destino moderno de artista, que inventa como pode, isolado, os meios e modos de sua pintura. Mesmo porque - suas telas o repetem *ad infinitum* - ele se sente sozinho no mundo. É evidente: há que se considerar o ambiente cultural, quase virgem, em que se movia e deixava sua pintura a conversar com as sombras. Mas eram sombras vivas, atuantes ainda. A ânsia lírica de Van Gogh, por exemplo, era companhia constante, insubstituível. Ela ensina a Bakun o caminho de uma arte capaz de transfigurar o mundo à feição do Eu do artista. Nem cogitar em comparações descabidas: registremos apenas uma diferença de instinto. Van Gogh toma de assalto a realidade, altera drasticamente o cubo cênico, força contrastes cromáticos inéditos, quase que nos arrasta junto com seu empaste de tinta, mas todo esse fervor é iminentemente comunicativo. Os modos humildes, furtivos, de Miguel Bakun excluem apelos ao Outro, buscam a comunhão estética entre o Eu desgarrado e uma natureza, já sem fundamento estável, que confirme a sua solidão e, de pronto, o redima (BRITO, *apud* PROLIK, 2009, p. 6-7).

Lançamento do *Museu Virtual* e a criação do *Espaço de Arte e Convivência Miguel Bakun*, na Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, ainda em comemoração ao Centenário de Nascimento de Miguel Bakun, em Curitiba.

O texto *Bakun, o maior*, de Fabrício Vaz Nunes, é publicado no jornal *Gazeta do Povo*. O pesquisador escreve:

É precisamente pelo seu compromisso quase religioso com uma técnica absolutamente subjetiva que a pintura de Bakun impressiona. Sua pintura representa o mundo como um turbilhão de pinceladas sujas, construindo cada coisa representada com um procedimento diferente. Bakun inventa ao mesmo tempo em que faz. Aqui uma pincelada grossa, numa curta linha horizontal, revela a copa de uma araucária em azul; ali, a tinta diluída representa a superfície de um lago, cheio de reflexos incoerentes (*Gazeta do Povo*, 04 ago. 2009).

Exposição individual *Miguel Bakun – Natureza e Destino*, curadoria de Eliane Prolik, no Instituto de Arte Contemporânea, em São Paulo. Foram exibidas 26 pinturas e 1 desenho. Da coleção Walter Gonçalves, participa desta mostra a pintura *Na Clareira*, c. 1957. No texto de apresentação da mostra, o crítico Rodrigo Naves escreve sobre o artista:

Quando devidamente avaliada, a obra de Bakun pode adquirir um peso de que atualmente sequer suspeitamos. E isso não pelo fato de ele constituir uma singularidade excêntrica, figura romântica emblemática a valer mais que sua pintura. Como Ronaldo Brito bem alertou, transformá-lo em mais um caso do meio de arte nacional seria um desserviço. As melhores telas de Bakun — cuja irregularidade não deve ser ocultada — criam uma representação original e dissonante de nossa natureza. Distante tanto do caráter singelo e acolhedor da natureza de Tarsila (na fase Pau-Brasil) quanto do mundo poroso e tristonho de Guignard, a realidade de Bakun revela, ao mesmo tempo, traços intensos e sombrios.

A paleta reduzida do pintor — em geral, limitada a amarelo, azul, verde e branco — alcança uma forma de representação em que luz e sombra, vivacidade e abandono convivem de maneira problemática e inovadora, tanto em termos propriamente pictóricos — luz e sombra jamais se mostram como claro-escuro — quanto do ponto de vista de uma concepção da realidade. Os amarelos de Bakun sugerem uma realidade afirmativa que seus azuis de pronto põem em xeque (NAVES, 2009).

O jornalista Antônio Gonçalves Filho comenta em artigo *Oitica e Bakun*, viagem para a luz, no jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 07 de novembro de 2009:

Luz é uma palavra-chave para entender também a pintura de Bakun. No auge do abstracionismo geométrico, dominante nos anos 1950, ele pintava paisagens com uma paleta limitada de cores - coincidência ou não, as quatro da bandeira brasileira: verde, amarelo, azul e branco. “O primeiro impulso, um pouco simplista” é transformar Bakun “num

desses expressionistas extraviados”, observa o crítico Ronaldo Brito no catálogo da exposição. Oswaldo Goeldi (1985-1961), de fato, é um nome imediatamente evocado quando se veem os desenhos de Bakun, especialmente porque há na mostra um autorretrato (de 1948) em que o artista parece um daqueles personagens solitários do grande mestre expressionista carioca.

No entanto, garante Eliane Prolik, curadora da mostra, a pintura do autodidata Bakun não é devedora da tradição, mas da intuição, apesar de muitos o associarem a Van Gogh – e isso não só pelo uso do amarelo como pela religiosidade mística e as paisagens em que a figura humana aparece amalgamada à natureza (O Estado de São Paulo, 7 nov. 2009).

**2010** Exposição e livro-catálogo *Miguel Bakun – Na Beira do Mundo*, curadoria de Ronaldo Brito e Eliane Prolik, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Foram exibidas 48 pinturas e 14 desenhos. Da coleção Walter Gonçalves, participam dessa mostra a pintura *Na Clareira*, c. 1957 e os desenhos *Sem Título*, 1948, carvão e grafite sobre papel e *Sem Título*, 1954, nanquim sobre papel.

Os curadores comentam no texto do catálogo:

[...] ao lado de Guignard e Pancetti, Goeldi e Segall, que a pintura e o desenho de Bakun fazem todo sentido – o seu élan e a sua angústia afloram e só podiam aflorar em meio a uma precária, mas já inescapável vida moderna brasileira. [...] A Miguel Bakun coube, por sua vez, a tarefa de dar a uma natureza remota, sem retrato histórico – e que sequer exalava o perfume tropical excitante ao imaginário europeu – sua fisionomia lírica moderna. Ele foi o primeiro a transfigurá-la na acepção plena do termo: torná-la matéria expressiva de sua arte.

E, como é costume ocorrer com os artistas significativos, tudo o que em princípio conspirava contra ele, acabou por favorecê-lo, ajudou a moldar a feição única de um destino de exceção. A começar pela solidão elementar, física e cultural, daquelas paragens, feitas sob medida para a legendária melancolia da alma eslava. Bakun se sentia aí perfeitamente em casa, isto é, um eterno estrangeiro. Os seus momentos importantes, que de fato o distinguem, são modestos e despojados: pequenas telas esquivas, um tanto oblíquas, que buscam surpreender e iluminar cantos esquecidos do mundo.

E, no entanto, a nossa chave de leitura da obra de Miguel Bakun recorre exatamente ao conceito mais amplo de estar no mundo, a enfatizar sua dimensão existencial e, assim, o seu intrínseco caráter moderno. E que, por definição, não cabe em fronteiras regionais. Evidentemente, Bakun não é o cronista ou o explorador estudioso da natureza paranaense. Ele a metaboliza, isso sim, como a principal matéria poética de seu espírito. A rigor, a luz de seus quadros já guarda pouco de cor local – é uma luz pictórica, personalizada, igual a si mesma, quase de todo independente de circunstâncias. Do mesmo modo, suas ligeiras, mas efetivas distorções de perspectiva atendem a precisos e singulares cálculos expressivos, nem é preciso repetir, inalcançáveis por meio de regras acadêmicas. Com todos os acidentes de percurso, as inevitáveis concessões, os frequentes altos e baixos – e isso em um ambiente intelectual ainda mais despreparado do que aquele onde trabalhavam Guignard e Pancetti, para citar dois pintores com os quais teria afinidades, e que tampouco escaparam à mesma triste sina – Miguel Bakun acabou por fazer entre nós o que poucos, muito poucos artistas lograram fazer antes da década de 1950: transformar a prática da arte em autêntico modo de vida (BRITO; PROLIK, 2010, p.13-15).

Mostra *Bakun: Retorno às Origens*, na Galeria Pechersk, em Kiev, na Ucrânia, realizada em comemoração ao centenário do artista, com o apoio do Secretaria de Cultura do Paraná. Participam 33 obras.

Livro e exposição *A Arte Brasileira nos Acervos de Curitiba – Um Percurso junto aos Museus da FCC*, no Solar do Barão, organização e curadoria de Daniela Vicentini e Fernando Burjato, em Curitiba. Participam as obras *Cais do Porto de Paranaguá* (do MON) e *Paisagem de Campo com Pinheiro* (do MAC-PR).

Coletiva *Séries do Porto*, comemoração aos 75 anos do Porto de Paranaguá, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

A Fundação Cultural de Curitiba recebe a doação para seu acervo da pintura *Sem Título*, em óleo sobre cartão e quatro desenhos, *Sem Título*, datados de 1952, em nanquim sobre papel, advindos do projeto *Miguel Bakun – A Natureza do Destino*.

**2011** Exposição *Olhar & Pensamento*, com curadoria de João Henrique do Amaral, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

*Múltiplas Faces*, sob curadoria de Lenora Pedroso, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

Exposição itinerante *Desejo de Salão – Salão Paranaense: uma Retrospectiva*, sob a curadoria de Maria José Justino, Programa de Exposições Itinerantes de Acervos Museológicos, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea do Paraná, e exibida no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**2012** Mostra *PR/BR – Produção da Imagem Simbólica do Paraná na Cultura Visual Brasileira*, sob a curadoria de Maria José Justino, Paulo Herkenhoff e Paulo Reis, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

Exposição de *Obras do Acervo do MuMA até os Anos 80*, Portão Cultural, em Curitiba.

Exposição itinerante *Desejo de Salão - Salão Paranaense: uma Retrospectiva*, sob a curadoria de Maria José Justino, Programa de Exposições Itinerantes de Acervos Museológicos, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea do Paraná, no Centro Cultural Raul Juglair – Galeria Maria Genoveva Argenton, em Pato Branco e na Casa de Cultura da UEL, em Londrina.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo recebe a doação de três obras de Miguel Bakun para integrar seu acervo: *Sem Título* (sem data), pintura a óleo, *Sem título* (1946) grafite sobre papel e *Sem Título*, nanquim sobre papel. Doação da família Prolik.

De 2012 a 2020, a pintura doada *Sem Título* participa da mostra do acervo *Arte no Brasil: Uma história na Pinacoteca de São Paulo*, Pina Luz, São Paulo.

**2013** Exposição *A Geodésia Museológica – a Arte como Representação Cartográfica Real ou Imaginária*, sob a curadoria de José Francisco Alves, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

Mostra *Violeta Franco: a Garaginha e a Arte Moderna no Paraná*, sob a curadoria de Fernando Bini, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

**2014** Mostra *Tupi or not Tupi*, sob a curadoria de Consuelo Cornelsen, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

Exposição *Visita Guiada – Coleção do MusA e a Crítica de Adalice Araújo*, sob curadoria de Paulo Reis, no Museu de Arte da UFPR, em Curitiba.

**2016** Exposição *Toda Janela é um Projétil, é um Projeto, é uma Paisagem*, sob a curadoria de Paulo Miyada, na SIM Galeria, em Curitiba.

**2017** Mostra *Luz e Matéria*, sob a curadoria de Agnaldo Farias, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

*Do Óleo à Resina: Diversidade Plástica no Acervo do Musa*, no Museu de Arte da UFPR, em Curitiba.

**2018** *Tempos Sensíveis – Mostra do Acervo*, com curadoria de Agnaldo Faria, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba.

**2019** Exposição *Aprendendo com Miguel Bakun: Subtropical*, curadoria de Luise Malmaceda e Paulo Miyada, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. São exibidas 35 obras de Bakun e a mostra possui três núcleos: a paisagem sulista com obras do artista, Alfredo Andersen, Caio Reiszewitz e Marcelo Moschetti; Bakun frente ao cenário modernista brasileiro com paisagens de Alfredo Volpi, Alberto Guignard, Iberê Camargo, José Pancetti e Bruno Lechowski e o terceiro núcleo junto a artistas contemporâneos como Marina Camargo, Lucas Arruda e Fernando Lindote, que tratam o tema da paisagem. Os curadores afirmam em catálogo:

[...] então a obra de artistas como Bakun, Pancetti, Volpi, Guignard e Camargo pode sinalizar a emergência de um pensamento visual sobre as relações culturais expressas na percepção cotidiana. No imaginário paisagístico de cada um deles estão presentes diferentes partes do país, vistas de muito perto, longamente. Ao mesmo tempo, as paisagens pintadas por esses artistas nas primeiras décadas de suas trajetórias funcionaram como laboratórios de expansão de vocabulário e sintaxe nos modos de ver e mostrar algo, deixando marcas tanto na produção posterior de cada um deles quanto no repertório geral da arte brasileira (MALMACEDA; MIYADA, 2019, p.77).

Antônio Gonçalves Filho comenta sobre a mostra em artigo *Exposição lança luz sobre obra do artista paranaense Miguel Bakun*, no jornal *O Estado de São Paulo*:

Dois pintores que integram a exposição dominada pela pintura de Bakun se destacam na mostra pelo diálogo íntimo com sua arte, embora não fossem próximos: Volpi e Guignard. Para ambos – e também para Bakun – vale a máxima de Cézanne, para quem a arte opera um milagre, justamente “o de transformar o mundo em pintura”. Mesmo sem comungar da mesma crença de Bakun numa dimensão sobrenatural, Volpi e Guignard, assim como Cézanne, ao transfigurar a paisagem, operavam igualmente esse milagre. Não restituíam a aparência do mundo visível na tela, mas, como disse Merleau-Ponty a respeito de seu conterrâneo pintor, anexavam a parte do invisível percebida de forma oculta pelo artista (O Estado de São Paulo, 06 maio 2019).

Mostra individual *Miguel Bakun*, na Galeria Simões de Assis, em São Paulo. O catálogo da mostra inclui o texto *Por Osmose* de Ronaldo Brito, *Miguel Bakun: Uma Grandeza Precária*, de Paulo Pasta, e *Bakunianas*, com trechos de Luise Malmaceda e Paulo Miyada. São expostas 40 obras do artista. Paulo Pasta, admirador de Bakun e significativo pintor da atualidade, ressalta:

[...] Não existem acentos heroicos, vistas grandiosas nas suas paisagens. Tampouco a natureza assume tons retumbantes. São quase sempre cenas de seu lugar de origem, tornadas interessantes pela sua capacidade em apreender o que tem de distantes e perdidas. As melhores, para mim, parecem fundos de quintal, um lugar comumente caseiro, reservado, escondido. Bakun parece ser um dos melhores intérpretes desse espaço incerto e paradoxalmente cheio de memórias. Lembro do Iberê dizendo querer resgatar, na velhice, as coisas esquecidas no pátio da infância... Esses ambientes ermos desamparados sempre serviram de motor à poesia de nossos pintores. E muitas vezes respondem pelo melhor de suas produções.

Penso ser esse o caso de Bakun, e talvez o que mais goste nele seja a forma com que construiu e revelou esses sítios à margem, essas paisagens olhadas de maneira comum, acentuando esse estado de espírito da, e na, paisagem, dotando-as de uma grandeza humilde. [...]

[...] Então, o que seria, por contingência, precário, assume uma feição elevada. Essa materialidade precária assumiria e ajudaria a compor a forma magistral de sua lírica. Forma e conteúdo dando as mãos, identificando-se, para formarem o sentido pleno dessa obra tão peculiar (PASTA, 2019, p.50).

Exposição e inserção urbana *Nossos*, de imagens de pinturas de Miguel Bakun e textos de Dalton Trevisan, aplicadas ao muro do Colégio Estadual Conselheiro Zacarias, na Rua Itupava, em Curitiba. A mostra de lambe-lambe é realizada por Eliane Prolik e Larissa Schip.

**2021** Exposição *Miguel Bakun Kabinett*, Art Basel Miami Beach, pela Galeria Simões de Assis, em Miami, nos Estados Unidos. São expostas 9 obras. No texto de apresentação do catálogo, o curador e historiador da arte independente, Ivo Mesquita escreve:

A sua originalidade está em não se acomodar em nenhuma das duas tendências que marcam a formação da primeira etapa do modernismo brasileiro (1922-1951), seja a tradição inaugurada pela razão cubo-construtivista, seja aquela da subjetividade expressionista ou do engajamento social. Como Maria Martins (1894-1973) e Oswald Goeldi (1895-1961), entre poucos outros fora dessa dicotomia modernista, sua produção pictórica, ainda que construída com muita matéria e emoção, revela o artista de um imaginário original, um espírito angustiado, entre depressivo e místico, que fez do seu trabalho um território de enfrentamentos e pacificações entre homem, arte e natureza. Sua obra constitui algo isolado, produto de um sujeito moderno, uma pintura autônoma, afirmativa da potência transformadora da arte (MESQUITA, 2021).

Na Mostra *Afinidades I*, em seleção da artista Constance Pinheiro, são expostas: *Vulcão*, da artista, *Cena de Mar*, de Miguel Bakun, *Sem Título*, de Anna Maria Maiolino, *Cetro de chefia*, da Cultura Bamileke, sob curadoria de Marc Pottier e Juliana Vosnika, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

Exposição *Paisagens Interiores*, de pinturas de Miguel Bakun e fotografias de André Nacli, na Galeria Simões de Assis, em Curitiba.

**2022** Exposição *Afinidades II – Elas!*, em seleção da artista Debora Santiago, são expostos os desenhos *Sem Título, Sem Título (Barco de Benjamin Constant)*, a aquarela *Marinha*, 1952 e a pintura *Sem Título*, 1961. Sob a curadoria geral de Marc Pottier, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

*O Corpo Moderno*, no Museu Municipal de Arte de Curitiba, em Curitiba.

**2023** Exposição *Encontro de Modernos*, na Galeria Simões de Assis, em Curitiba. A mostra reúne Andersen, Bakun, Cícero Dias, De Bona, Di Cavalcanti, Guignard, Pancetti e Viaro.

**2024** Exposição *Antes e Agora, Longe e Aqui Dentro*, sob curadoria de Galciani Neves, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Participam as pinturas do acervo do museu: *Quintal das Araucárias, Árvore Amarela e Galo de Briga* e do acervo Simões de Assis: *Paisagem*, de 1951 e *Troncos*, de 1940.

Exposição individual *Miguel Bakun* na Galeria Mendes Wood, em Bruxelas, na Bélgica. São expostas dezesseis telas, entre elas: *Ipê Florido*, de 1954, *Sem Título (Paisagem com Araucárias)*, de 1950 e *Sem Título (Dálias Amarelas)*, da década de 1940.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

- ARAÚJO, A. **Dicionário das artes plásticas no Paraná**. v. 1. Curitiba: Edição do Autor, 2006.
- AYALA, W. **Dicionário de pintores brasileiros**. Rio de Janeiro: Spala, 1986.
- BORGES, E.; FRESSATO, S. T. B. **Arte em seu estado – história da arte paranaense**. v. 1. Curitiba: Medusa, 2008.
- BRITO, R. **Concisos, convulsos**. In: PROLIK, Eliane [Org.] **Miguel Bakun – A natureza do destino**. Curitiba, pp. 6-7, 2009.
- BUCHMANN, L. **Miguel Bakun – aquele azul, amarelo, verde**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2001.
- CARNEIRO, N. **Pintores da paisagem paranaense**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982. (reeditado em 2001), Solar do Rosário/SECE.
- FERNANDES, J. C. **Um lugar chamado Cocaco: a galeria que abrigou uma geração de modernos**. Curitiba: Insight, 2022.
- FERREIRA, E. M. **40 anos de amistoso envolvimento com a arte**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2006.
- FREITAS, A. **Miguel Bakun e a dispersão da paisagem**. In: PROLIK, Eliane [Org.] **Miguel Bakun – A natureza do destino**. Curitiba, pp. 87-95, 2009.
- HERKENHOFF, P. **Museu Oscar Niemeyer: 2003 a 2007**. Curitiba: Sociedade dos Amigos do MON, 2008.
- JUSTINO, M. J. **50 anos do Salão Paranaense de Belas Artes**. Curitiba: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 1995.
- LEITE, J. R. T. **Arte no Brasil**. v. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário crítico da pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.
- LOUZADA, J.; LOUZADA, M. A. **Artes Plásticas Brasil 92**. São Paulo: Júlio Louzada Publicações, 1992.
- MACEDO, R. V. G. de. **Curitiba, luz dos pinhais**. 2. ed. Curitiba: Solar do Rosário, 2018.
- PONTUAL, R. **Dicionário de artes plásticas do Brasil**. v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- PROLIK, E. **Miguel Bakun – A natureza do destino**. Curitiba: Edição da autora, 2009.
- SGANZERLA, E; SOROTIUK, V; URBAN, J. (Org.). **130 anos: imigração ucraniana para o Brasil**. 1. ed. Curitiba: Editora Esplendor, 2023.
- SOUZA, N. S. de, **Bakun**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.
- ZANINI, W. (Org.). **História geral da arte no Brasil – II**. São Paulo: Fundação Djalma Guimarães: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

### Catálogos

- GOVERNO DO PARANÁ. **Álbum comemorativo ao 1º Centenário da emancipação política do Paraná**. Curitiba, 1953.
- DIVULGAÇÃO. **Álbum do centenário do Paraná: edição especial da revista Divulgação**. Curitiba, 1953.
- XX SALÃO PARANAENSE DE BELAS ARTES. **Catálogo oficial**. Curitiba, 1963.
- BADEP. **Retrospectiva Miguel Bakun**. Curitiba, 1974.
- CLUBE CURITIBANO. **Tributo a Bakun**. Curitiba, 1978.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **M. Bakun**. Curitiba, 1980.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Miguel Bakun**. Curitiba, 1980.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Tradição e ruptura – Síntese de arte e cultura brasileiras**. São Paulo, 1984.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Expressionismo no Brasil: Heranças e afinidades**. São Paulo, 1985.
- BAMERINDUS. **O autorretrato de Bakun** (filme de Sylvio Back). Curitiba, 1984.
- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Tradição e contradição** (Org. de Maria José Justino). Curitiba, 1986.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Vida, obra e morte de Miguel Bakun**. Curitiba, 1989.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Miguel Bakun 25 Anos Depois**. Curitiba, 1989.
- MUSEU DE ARTE DO PARANÁ. **Nelson Luz – O primeiro registro de uma paisagem**. Curitiba, 1989.
- BIENAL BRASIL SÉCULO XX, 1994, São Paulo. **Catálogo oficial**. São Paulo, 1994.
- MUSEU METROPOLITANO DE ARTE. **Acervo artístico municipal** (aquisição de obras). Curitiba, 1995.
- GALERIA DA CAIXA. **Arte Paranaense: Movimento de Renovação**. Curitiba, 1998.
- CASA ANDRADE MURICY. **A paisagem paranaense & seus pintores**. Curitiba, 2001.
- COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Colégio Estadual do Paraná: acervo da Pinacoteca**. (Org. de Adelia Dias Castelã Ribeiro). Curitiba, 2002.
- MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Acervo do Museu de Arte da UFPR**. (Org. de Maria José Justino). Curitiba, 2002.
- NOVO MUSEU. **Panorama da arte paranaense** (acervo do Estado do Paraná). Curitiba, 2002.
- CASA ANDRADE MURICY. **Arte paranaense revisitada** (mostra do acervo Banestado). Curitiba, 2002.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Um olhar sobre a arte paranaense**. Curitiba, 2003.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Miguel Bakun**. Curitiba, 2003.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Na trama espiritual da arte brasileira** (Org. de Paulo Herkenhoff), Curitiba, 2004.
- MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Lugar**. Curitiba, 2005.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Fragmentos da modernidade** (obras do acervo). Curitiba, 2006.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Paraná – Caminhos da história e da arte**. Curitiba, 2006.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Do romântico ao moderno** (obras do acervo). Curitiba, 2006.
- CASA ANDRADE MURICY. **Miguel Bakun – A natureza do destino**. Curitiba, 2009.
- INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Miguel Bakun – Natureza e destino**. São Paulo, 2009.
- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ. **Catálogo Geral do Acervo do MAC Paraná**. Curitiba: 2009.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Miguel Bakun, na beira do mundo**. Curitiba, 2010.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Aprendendo com Miguel Bakun: Subtropical**. São Paulo, 2019.  
GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Miguel Bakun**. São Paulo, 2019.  
GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Paisagens Interiores**. São Paulo, 2021.  
GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Miguel Bakun Kabinett, Art Basel Miami Beach**. Miami, nos Estados Unidos, 2021.  
MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Museu Oscar Niemeyer: coleção permanente**. São Paulo, 2022.  
GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Encontro de Modernos**. Curitiba, 2023.  
GALERIA MENDES WOOD. **Miguel Bakun**. Bruxelas, na Bélgica, 2024.

## Textos em catálogos

ARAÚJO, A. Miguel Bakun: um dos mais autênticos expressionistas paranaenses. In: BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **Miguel Bakun**. Curitiba, 1980.  
DOTTI, R. A. Mudar a alma. In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Miguel Bakun 25 Anos Depois**. Curitiba, 1989.  
FERREIRA, E. M. As salas Miguel Bakun. In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Miguel Bakun 25 Anos Depois**. Curitiba, 1989.  
FONTOURA, I. A nova sala Miguel Bakun. In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Miguel Bakun 25 Anos Depois**. Curitiba, 1989.  
GEMBA, O. Miguel Bakun. In: CLUBE CURITIBANO. **Tributo a Bakun**. Curitiba, 1978.  
HELENA, S. Tributo a Miguel Bakun. In: CLUBE CURITIBANO. **Tributo a Bakun**. Curitiba, 1978.  
LUZ, N. As artes plásticas e a música no Paraná. In: GOVERNO DO PARANÁ. **Álbum comemorativo ao 1º Centenário da emancipação política do Paraná**. Curitiba, 1953.  
\_\_\_\_\_. Bakun. In: EDIÇÃO DO AUTOR. **Miguel Bakun – A natureza do destino**. Curitiba, 2009.  
MALMACEDA, L; MIYADA, P. In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Aprendendo com Miguel Bakun: Subtropical**. São Paulo, 2019.  
MESQUITA, I. Miguel Bakun, iluminada solidão. In: GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Miguel Bakun Kabinett, Art Basel Miami Beach**. Miami, nos Estados Unidos, 2021.  
NAVES, R. Bakun: Expressionismo por subtração. In: INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Miguel Bakun – Natureza e destino**. São Paulo, 2009.  
PASTA, P. Miguel Bakun: Uma Grandeza Precária. In: GALERIA SIMÕES DE ASSIS. **Miguel Bakun**. São Paulo, 2019.  
PILOTTO, L. Panorama das artes plásticas do Paraná, no centenário. In: DIVULGAÇÃO. **Álbum do centenário do Paraná: edição especial da revista Divulgação**. Curitiba, 1953.  
SIMON, R. Reflexões. In: GALERIA MOLD'ARTE. (Exposição de Miguel Bakun). Curitiba, 1997.  
VIRMOND, E. R. [A pintura de Miguel Bakun criava a natureza]. In: BADEP. **Retrospectiva Miguel Bakun**. Curitiba, 1974.  
XAVIER, V. O pentagrama de Miguel Bakun. In: BADEP. **Retrospectiva Miguel Bakun**. Curitiba, 1974.

## Periódicos

ARAÚJO, A. O expressionismo e Miguel Bakun. **Diário do Paraná**, Curitiba, 17 ago. 1969.  
\_\_\_\_\_. Arte do Paraná. **Referência em Planejamento**, Curitiba, v. 3, n. 12, jan./mar. 1980.  
\_\_\_\_\_. Retrospectiva de Miguel Bakun na Biblioteca Pública. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 maio 1980.  
\_\_\_\_\_. O autorretrato de Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 jun. 1984.  
\_\_\_\_\_. Miguel Bakun 25 Anos Depois. **Gazeta do Povo**, 16 abr. 1989.  
\_\_\_\_\_. O olhar paulista da Bienal Brasil Século XX. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 maio 1994. Caderno G.  
AUGUSTO, J. Exposição de pinturas. **Diário da Tarde**, Curitiba, 23 set. 1957.  
BACK, S. Bakun segundo Back. **Panorama**, Curitiba, ano 34, n. 340, 1985. p. 14.  
\_\_\_\_\_. Os Bakuns. **Cultura – Ideias e Debates**, ano 1, SECE, Curitiba, 1984.  
BENITEZ, A. Réquiem a Miguel Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 21 maio 1980.  
\_\_\_\_\_. Bakun, pela primeira vez. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987.  
BORGES, D. Exposição de pintura de M. Bakun. **O Dia**, Curitiba, 11 set. 1955.  
BUENO, W. Perdão por me matares! **Correio de Notícias**, Curitiba, 26 dez. 1985.  
CASTILHO, C. Um dia com Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 out. 2009.  
\_\_\_\_\_. Artista paranaense, que comemoraria 100 anos hoje, é lembrado com música, filme e exposição em museu virtual. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 out. 2009.  
COELHO, E. A exposição de pintura de Miguel Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, [ca 1949].  
COELHO J. Freylesleben e Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 2 out. 1946.  
ESTEVES J. A morte não anunciada de Miguel Bakun. **Nicolau**, ano III, n. 22, Curitiba, 1988, p. 20.  
FADEL, E. Um castelo com um tesouro no sótão. **O Estado de São Paulo**, 30 out. 2005.  
FERNANDES, J. C. Cerimônias de desmemagens. **Gazeta do Povo**, Curitiba 1 nov. 1998.  
\_\_\_\_\_. Miguel Bakun: um doc. post mortem. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 2018.  
FERREIRA, E. M. Miguel Bakun, pintor paranaense. **Diário do Paraná**, Curitiba, 29 set. 1957. Caderno Letras e Artes.  
FILHO, A. G. Exposição lança luz sobre obra do artista paranaense Miguel Bakun. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 maio 2019.  
\_\_\_\_\_. Obra de Bakun atrai atenção no Brasil e no mundo e ganha retrospectiva em galeria paulista. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 nov. 2019.  
\_\_\_\_\_. Oitica e Bakun, viagem para a Luz. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 nov. 2009.  
FRANÇA, C. Miguel Bakun. **Museu Oscar Niemeyer em Revista**, Curitiba, n. 14, jun. 2010, p. 23-35.

FREYESLEBEN, W. C. Miguel Bakun – pintor. *O Dia*, Curitiba, 27 ago. 1944.

\_\_\_\_\_. XIV Salão paranaense de belas artes. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 5 jan. 1958.

GARFUNKEL, P. Carta aberta a Miguel Bakun. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 13 dez. 1961.

GROFF, L. Bakun e o demônio. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 12 nov. 1982. Suplemento Fim de Semana.

JUNG, C. Fernando defende Bakun: tinha até uma Mercedes. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 26 mar. 1976.

KOPPE, J. Um tesouro guardado. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 out. 2005.

LEAL, C. Homenagem a Miguel Bakun. *Impacto Paraná*, Curitiba, jul. 2009.

LEITE, Z. C. 25 anos sem Bakun. *Folha de Londrina*, 3 fev. 1988. Caderno 2.

LEMINSKI, P. Bakun. *Correio de Notícias*, Curitiba, 25 jul. 1986.

LOPES, A. M. Trinta anos sem Miguel Bakun. *Estado do Paraná*, Curitiba, 13 fev. 1993.

LOPES, J. Momento de Transição: duas mostras no IAC pontuam a passagem da arte moderna para a produção contemporânea. *Veja*, São Paulo, 18 nov. 2009.

LOPES, R. G. Quem matou Miguel Bakun? *Nicolau*, ano III, n. 22, Curitiba, maio 1989, p. 19-21.

LUZ, N. IV Salão Paranaense. *O Dia*, Curitiba, 28 dez. 1947.

\_\_\_\_\_. O VI Salão de Artes Plásticas. *O Dia*, 23 dez. 1949.

\_\_\_\_\_. A associação paranaense de artistas. *O Dia*, Curitiba, 4 abr. 1950.

\_\_\_\_\_. O VII Salão Paranaense. *O Dia*, Curitiba, 26 dez. 1950.

\_\_\_\_\_. As Artes Plásticas e a Música no Paraná. Curitiba, 1953.

MARCELINO, W. Miguel Bakun e suas paisagens. *Diário do Paraná*, Curitiba, 22 ago. 1957.

\_\_\_\_\_. Ode a Miguel Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 fev. 1963.

\_\_\_\_\_. O salão de belas artes. *O Esportivo*, Curitiba, 5 dez. 1963.

MICHELLE, K. O espaço dos sonhos de Bakun. *Folha de Londrina*, Londrina, 2 jul. 2006.

MILLARCH, A. Memórias de Bakun. *Estado do Paraná*, Curitiba, 23 maio 1980.

\_\_\_\_\_. A associação paranaense de artistas. *O Dia*, Curitiba, 4 abr. 1950.

\_\_\_\_\_. O VII Salão Paranaense. *O Dia*, Curitiba, 26 dez. 1950.

\_\_\_\_\_. As Artes Plásticas e a Música no Paraná. Curitiba, 1953.

MARCELINO, W. Miguel Bakun e suas paisagens. *Diário do Paraná*, Curitiba, 22 ago. 1957.

\_\_\_\_\_. Ode a Miguel Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 fev. 1963.

\_\_\_\_\_. O salão de belas artes. *O Esportivo*, Curitiba, 5 dez. 1963.

MICHELLE, K. O espaço dos sonhos de Bakun. *Folha de Londrina*, Londrina, 2 jul. 2006.

\_\_\_\_\_. Cuidado: há telas falsas de Viaro, Bakun e Traple. *Estado do Paraná*, Curitiba, 7 nov. 1983.

MILLIET, S. Artistas do Paraná. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 fev. 1948.

MURICY, A. *Jornal do Rio de Janeiro*, 1946.

NASCIMENTO, O. Trio luminoso. *Diário do Paraná*, Curitiba, 29 ago. 1947.

\_\_\_\_\_. No reino das cores. *Diário do Paraná*, Curitiba, 29 set. 1946.

NETO, O. Uma injustiça a Miguel Bakun. *Folha de Londrina*, 5 jan. 1990.

NÍSIO, A. Comentários sobre o VII Salão de Artes. *O Dia*, Curitiba, 3 jan. 1951.

NUNES, F. V. Bakun, o maior. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 ago. 2009.

PADRELLA, N. Homenagem póstuma a Miguel Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 fev. 1968.

\_\_\_\_\_. De repente, Miguel Bakun. *Panorama*, Curitiba, 22 maio 1980.

PERIN, A. Para não esquecer de Miguel Bakun. *Jornal do Estado*, Curitiba, 30 jun. 2009.

PESSOA, F. Os premiados da exposição da biblioteca. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 jan. 1955.

PINTO, A. R. Miguel Bakun: um inspirado. *Diário Popular*, Curitiba, 2 out. 1946.

PINHEIRO, D. R. Miguel Bakun, 100 anos depois. *Revista Ideias*, n. 93, jul. 2009.

IZA, D. Bienal Brasil quer recuperar nomes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 1994, Folha Ilustrada.

PROCOPIAK, N. Miguel Bakun na Casa Andrade Muricy. *Bem Paraná*, 2 jul. 2009.

PROLIK, E. Revolta Bakun. *Nicolau*, ano III, n. 22, Curitiba, 1988. p. 21.

REIS, B. O Sussurro de Bakun. *Revista Inventário*, n. 07, Curitiba, mai./jun. 2010.

RIBAS, O. M. M. Miguel Bakun: pintor introspectivo. *O 3 de outubro*, Curitiba, 14 ago. 1954.

SADE, J. C. Um retratinho 3x4, simplesmente. *Revista Maki*, Curitiba, n. 1, jul. 1984.

SANTIAGO, P. Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 nov. 1949.

SANTOS, D. G. O enigma Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1 ago. 2001.

SANTOS, M. R. dos. Para tornar Bakun acessível ao público. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 ago. 2009.

SOSSÉLIA, S. Não adianta: Bakun não mais lê jornais (poesia). *Nicolau*, n. 22, Curitiba, abr. 1989.

VANSO, T. A singularidade da obra de Miguel Bakun. *Museu Oscar Niemeyer em Revista*, Curitiba, n. 15, out. 2010, p. 10-15.

VARASSIN, R. Cinco anos sem Bakun. *Diário Popular*, Curitiba, 14 fev. 1968.

VECCHIO, A. D. Cores de Bakun. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 jun. 2009.

VIARO, G. Bakun. *Revista Joaquim*, Curitiba, n. 5, out. 1946, p. 4 e n. 19 jul. 1948, p. 9.

XAVIER, V. O. Bakun desconhecido. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 out. 1997. Caderno G.

\_\_\_\_\_. Meio milênio de arte visual Brasil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 6 abr. 1998. Caderno G.

WINTER, R. Impressões... Salão Paranaense I. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 dez. 1958.

XAVIER, V. O. Bakun desconhecido. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 1997.  
YUGE, C. Exposição celebra centenário de Miguel Bakun. **Folha de Londrina**, Londrina, 30 jun. 2009.  
ZANIQUELLI, R. A. Miguel Bakun. **Cultura & Lazer**, 6 jul. 2009.

## Artigos publicados sem autor definido

A exposição de arte paranaense no Rio. **O Dia**, Curitiba, 27 ago. 1944.  
Exposição do pintor Miguel Bakun. **Tribuna do Povo**, Curitiba, 21 ago. 1955.  
Miguel Bakun plantou na biblioteca a paisagem animada de cores e vida. **Diário do Paraná**, Curitiba, 19 set. 1957.  
Miguel Bakun não morreu na miséria: era apenas um pintor de vida simples! **Última Hora**, Curitiba, 12 mar. 1963.  
Paisagens do Paraná perdem seu pintor: amigos preparam retrospectiva de Bakun! **Última Hora**, Curitiba, 22 fev. 1963.  
Pintores terão sala permanente de exposição: Miguel Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 28 abr. 1963.  
Bakun um marinheiro aposentado. **Diário Popular**, Curitiba, 9 fev. 1969.  
Ele foi um pintor injustiçado. **Panorama**, n. 198, Curitiba, mar. 1969, p. 54.  
Réquiem a Miguel Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 fev. 1969.  
Oscar Martins Gomes – Embaixador da cultura no Paraná. **Diário do Paraná**, Curitiba, 21 out. 1973.  
BADEP mostra Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 17 set. 1974.  
Será inaugurada hoje exposição de Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 set. 1974.  
Obra de Bakun vai à exposição hoje. **Diário do Paraná**, Curitiba, 19 set. 1974.  
Retrospectiva de Bakun abre hoje. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 19 set. 1974.  
Bakun, o gênio ingênuo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 set. 1974.  
A poesia das cores em Miguel Bakun. **Panorama**, n. 221, Curitiba, out. 1974, p. 22-23.  
No castelo, as obras de Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 mar. 1976.  
Quinzena de Bakun vai ser aberta hoje. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 out. 1977.  
Por exemplo: a mostra de Bakun. **Correio de Notícias**, Curitiba, 19 out. 1977.  
Justa homenagem a Miguel Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 21 maio 1980.  
Memórias de Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 maio 1980.  
Back termina o documentário sobre a obra de Miguel Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 jan. 1984.  
Back vê Bakun. **Revista Cultura, Ideias e Debates** – Secretaria da Cultura e do Esporte, n. 1, Curitiba, 1984, p. 7-11.  
Curta-metragem paranaense é vencedor em Festival na Bahia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 set. 1984.  
Paixão e morte de Bakun. **Revista Visão**, São Paulo, 15 out. 1984, p. 63-64.  
A tragédia do Van Gogh paranaense. **Revista Manchete**, São Paulo, 2 nov. 1985.  
Autorretrato em transe – Bakun segundo Back. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1985.  
Bakun 25 Anos Depois. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 fev. 1988.  
25 anos de Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 set. 1988.  
Miguel Bakun é homenageado com nova sala. **Folha de Londrina**, 24 mar. 1989.  
Miguel Bakun 25 Anos Depois. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 26 mar. 1989.  
A retrospectiva de 25 anos de Miguel Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 mar. 1989.  
Miguel Bakun 25 Anos Depois. **Correio de Notícias**, Curitiba, 27 mar. 1989.  
Nasce um espaço definitivo para Bakun. **O Jornal do Estado**, Curitiba, 31 mar. 1989.  
Bakun 25 Anos Depois. **Jornal Indústria e Comércio**, Curitiba, 8 a 10 abr. 1989.  
Homenagem a Miguel Bakun. **Correio de Notícias**, Curitiba, 31 maio 1989.  
Homenagem mensal ao pintor Miguel Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 3 fev. 1990.  
Miguel Bakun: 29 anos sem o Van Gogh do Paraná. **Jornal do Estado do Paraná**, Curitiba, 22 fev. 1992.  
Miguel Bakun, “o Van Gogh do Paraná”. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 fev. 1992.  
Homenagem a Miguel Bakun nos 30 anos de sua morte. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev. 1993.  
Solidão e tragicidade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 abr. 1994.  
Ao alcance do olhar do público. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 3 dez. 1995.  
Mais quatro obras no acervo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 dez. 1995.  
Acervo de Bakun colocado à venda. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 out. 1997.  
A verdadeira rima da primavera – a luz de Bakun e Van Gogh a olho nu. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 set. 1997.  
Curiosa coincidência. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 jun. 1998.  
Célebres Paranaenses, Genial Bakun. **Revista Santa Mônica Clube de Campo**, Curitiba, mar. 2005.  
Um artista muito especial. **Folha de Londrina**, 4 jul. 2006. Folha 2.  
30 anos de trabalho de Miguel Bakun. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 27 jun. 2009.  
Exposição Miguel Bakun – Na Beira do Mundo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 ago. 2010.  
Cem anos de Miguel Bakun: exposição e lançamento. **Representação Central Ucrâniano-Brasileira**, 27 jun. 2009.  
Miguel Bakun: A Natureza do Destino. **Gazeta do Paraná**, Curitiba, 30 jun, 2009.  
Casa Andrade Muricy promove conversa sobre Miguel Bakun. **Paraná Online**, 22 jul. 2009.  
Conversa aberta sobre o artista Miguel Bakun. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 jul. 2009.  
Natureza do Destino. **Top View**, Curitiba, n. 105, jul. 2009.  
As melhores mostras em cartaz. **Veja**, São Paulo, 4 nov. 2009.

## Filme, Vídeo e Peça Teatral

**O autorretrato de Bakun.** Direção de Silvio Back, (colaboração de Nelson Padrella), co-produção Secretaria de Cultura do Estado do Paraná e apoio da Fundação Cultural de Curitiba. Curitiba, 1984. 1 filme (43 min): color.; 16mm.

**Miguel Bakun 25 Anos Depois.** Direção de Heloísa Passos e Lucila Bruetto, COSEM/SEEC. Curitiba, 1989. 1 fita de vídeo (ca 14 min).

**Miguel Bakun: vida, obra e morte.** Direção de Newton Stadler de Souza e Wasyl Stuparyk, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, (peça teatral encenada de 31 maio a 2 jun.1989).

## Trabalhos Acadêmicos

ARAÚJO, A. **Arte paranaense moderna e contemporânea.** Curitiba, 1974. Tese (livre-docência) Universidade Federal do Paraná.

CRUZ, A. D. KROIN, V. Diálogos Entre a Poesia de Helena Kolody e a Pintura de Miguel Bakun. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, Serra Talhada, p. 71-86, jan./dez. 2017.

FREITAS, A. A natureza dispersa: Miguel Bakun. **Revista Porto Arte: Porto Alegre**, v.18, n. 31, p. 87-103, nov. 2011.

KROIN, V. **Diálogos poético-plásticos e natureza em Helena Kolody e Miguel Bakun: a poesia das palavras e das cores.** Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2017

LIMA, E. M. **Miguel Bakun e os discursos sobre a modernização de Curitiba (Paraná).** VII Congresso Internacional de História, out. 2015.

LOURENÇO, C. Um Olhar Sobre Curitiba Pelos Quintais de Miguel Bakun. **O Mosaico: Revista de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná**, Curitiba, n. 8, p. 17-29, jul./dez. 2012.

OSINSKI, D. R. B. O Artista como Crítico de Arte: Guido Viaro e um olhar moderno sobre Miguel Bakun (1946). **História e Perspectivas**, Uberlândia (53): p. 423-449, jan./jun. 2015.

PERIGO, K. **Ser visto é estar morto Miguel Bakun e o meio artístico paranaense (1940-1960).** Curitiba, 2003. Dissertação em História na Universidade Federal do Paraná.

PROLIK, E. **Miguel Bakun: a natureza do destino.** Curso de Pós-Graduação lato sensu em História da Arte do Século XX, da EMBAP – Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, p. 58. 2000.

## Programas de Televisão e Rádio

Mostra Miguel Bakun na Casa Andrade Muricy de Curitiba marca lançamento do livro sobre a obra e história do pintor. **Enfoque**, Curitiba: PR Educativa, 4 jul. 2009 (TV).

Mostra dedicada às obras de Miguel Bakun - A Natureza do Destino na Casa Andrade Muricy em Curitiba. **Museus**, Curitiba: PR Educativa, 4 jul. 2009 (TV).

O artista Miguel Bakun completaria 100 anos em 2009. **CBN Curitiba Edição da Manhã**, Curitiba: Rádio CBN, 30 jun. 2009 (rádio).

Vida de um pintor que começou a trabalhar nos anos 30, Miguel Bakun. **Paraná TV 1ª Edição**, Curitiba: Globo, 5 ago. 2009 (TV).

## Manuscritos

BAKUN, M. Sem título (documento tido como página do diário do artista). Texto manuscrito e datado, folha única, frente e verso, 28 maio 1960. Arquivo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

## Fontes Online

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Verbete Miguel Bakun.

Disponível em: <[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm)>. Acesso em: 5 fev. 2009.

## Acervos/Setores de Documentação

Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Guido Viaro, Solar do Barão.

Acervo do Setor de Documentação e Referência do Museu Oscar Niemeyer.

Acervo do Setor de Pesquisa e Documentação do Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Casa da Memória.

Acervo particular da Família de Miguel Bakun.

Setor de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

Sem Título, sem data, óleo sobre tela, 36,5 x 27 cm



*English Version*

## The practice of collecting

Primordial for the development of an art collection, as well as for the realization of this book, is to keep learning, working alongside artists, gallery owners, restorers and collaborators towards common goals. May art itself always be able to unite us so that we can better understand its meaning.

As a collector, I have the support of a network of people with whom I get alongside with. There is an intense collaboration of professionals in the art world, who promote and preserve artistic heritage. Much of the Brazilian art we have access to today is due to the dedication of these people.

We can see that collecting in our country is becoming more relevant as it supports public institutions, culture and art. Evidently, public cultural programs, in order to address the economic and social inequalities that we still have in Brazil, face financial limitations in their museums, collections and cultural goods. As a result, new acquisitions of works that are intended for our training and education cease to happen and there are deficiencies in the maintenance and restoration of artistic and cultural heritage. In this sense, the private collections and institutions provide an important contribution in meeting the needs of this context and in revealing the expressive content of our art.

Although it may seem strange, my hypothesis about private collectors is that they are not, in fact, the only owners of works of art. If we think in the long term, we know that the collectors are gone, they die, but the works remain. Works of art are the artistic heritage of the country and of humanity. Collectors only take care of the works for a certain period of time and, in addition to the burden of conservation, their moral responsibility is to embrace the challenge of opening up their collections to access and democratization.

What to collect is an essential question for a collector and one of the greatest contributions of a collection is precisely that of choosing a particular historical section, trend or artist. In my case, the collection focused on the painter Miguel Bakun (1909-1963) from Paraná State.

In our country, we must also highlight some significant collecting actions for the formation of Brazilian art, because of the turning point they represented: Assis Chateaubriand, in his gigantic endeavor to found MASP with a new building and a collection of great national and international historical representation; Francisco Matarazzo, with the São Paulo Biennial Foundation, an international propeller of updates, confrontations and dialogues for the understanding of art and the world. He was also the founder of the São Paulo Museum of Modern Art; and, more recently, there has been Bernardo Paz with the Inhotim Institute. I emphasize how these three great adventures in collecting art in Brazil have awakened a strong interest, with an ever-growing and often unexpected public. In particular, one could say: there is a hunger for art.

## About a collection and the work of Miguel Bakun

Art collections have been present for me since childhood. My father was an active antiques dealer operating throughout the southern region of Brazil. Working in the antiques market, he always collected a range of incredible pieces, which passed through our house over the years, but never stayed for long, after all, it was the family business. At home, we always had a good library of art history and literature. My mother, for her part, was an outstanding draughtswoman and painter and, when she was young, she was a pupil of Theodoro De Bona in Curitiba. When we lived in the town of Rio Negro, in Paraná, I remember the visits we received to see our collection of works by Alfredo Andersen, a painting master from Paraná. Although I never abandoned my interest in art, in the 1980s I graduated as a chemical engineer from the Federal University of Paraná and went on to develop a career as an executive in multinational companies. Frequent trips abroad helped me to visit the world's major museums, especially those in Europe.

My history as an art collector began with the acquisition of a marine by Pancetti, then a tempera on canvas by Volpi. About a decade ago I got closer to Bakun's work. It's hard to explain, but I recognize myself in his paintings and drawings, perhaps because I'm also from Paraná. His works express the particularities of a perception of the world that is curious, delicate and gentle in the face of nature and, at the same time, reveal a creative force through the impetuous and rhythmic brushstrokes of his works. This collection, focused on Miguel Bakun, aims to bring greater recognition to his work, to demonstrate his historicity and production trajectory, and to provide opportunities for new studies and understandings.<sup>1</sup>

Since the 2000s, the artist's work has been gaining more recognition internationally and in Brazil. New and important research, updated critical readings, publications, exhibitions and participation in art fairs have emerged. I would like to highlight a few actions that have repositioned the artist's work: Miguel Bakun: Nature and Destiny, Institute of Contemporary Art (IAC), São Paulo and Casa Andrade Muricy, Curitiba (2009), Miguel Bakun: On the Edge of the World, Oscar Niemeyer Museum, Curitiba (2010), Learning with Miguel Bakun - Subtropical, at the Tomie Ohtake Institute, solo show at the Simões de Assis Gallery, São Paulo (2019), Miguel Bakun Cabinet, at the Art Basel fair by the Simões de Assis Gallery, Miami (2021), and, recently, the artist's solo show at the Mendes Wood Gallery, Brussels (2024). It's also a pleasure to be able, to some extent, to be part of this moment for Miguel Bakun's oeuvre.

The teamwork coordinated by Eliane Prolik, an artist, researcher and admirer of Miguel Bakun, was essential for this book. We had the significant contribution of critical texts by Adolfo Montejo Navas about the artist's paintings and Ronaldo Brito about his drawings. Adolfo Navas (poet, artist, writer and art critic) gives us a in-depth reading of Bakun and his poetic apprehension of the world through pictorial construction.

And for the first time, the artist's graphic production receives a specific critical reading that Ronaldo Brito (professor, critic and art historian) masterfully accomplishes, after having participated in the current process of recognition of Miguel Bakun's work on several occasions.

At the end of the book, the artist's chronology seeks to foster the research into his life and work, which, together with Eliane and Luiza Urban, I am pleased to have been involved in. I would like to thank all the people who were present and collaborated on this publication, and especially Claudiney Belgamo, who brought me closer to Bakun and accompanied the formation of this collection.

Walter Gonçalves

<sup>1</sup> On social media, at the Instagram account @miguelbakun\_finearts, there is communication, exchange of data and information about this collection and the work of Bakun.

---

## A microphysical painting, brazen (Bakun)

Adolfo Montejo Navas

I

Bakun, nominally, sounds so sonorous that it reverberates with intense names like Bakunin (the Russian anarchist) or Willem de Kooning (the American abstract-expressionist painter). His name of origin, also Slavic, still resonates in Brazilian art as a lateral artist, half-cursed, when it is associated with the mark of suicide, creating a problem of historical contextualization, which has only more or less recently been metamorphosed into another fairer and more accurate reading. An artistic and valuable fit. Some efforts in this direction are already productive<sup>1</sup> of greater and valuable coordinates, both in the analysis of his own work and in the concomitance with other poetics. Brazilian modernism almost periodically owes itself more generous interpretations, something that becomes more conflicting when it is called late-modernism and the artists in question are from between epochs.

In fact, as usually happens with artists from regions far from the dominant axes (in Brazil, Rio and São Paulo exercised this monopoly until almost the end of the last century), Miguel Bakun (1909 - 1963) is a major example of an artist whose personal and spiritual delocalization will shape an artistic biography, with sui generis characters, largely isolated in no man's land (despite having equidistant local recognition in the Curitiba of his time). The condition of "eternal foreigner", so common in so many other emigrated Brazilian artists, will come to illustrate the sign of his pictorial work, with landscapes that respond to his habitat in Paraná in an episodic way, because they are never correlated, but rather places of more sacrificed and internalized light, no longer a mere post-impressionist consequence (as his optical, aesthetic training would illustrate). Thus, being a more rough imagery territory, both in composition and cut - its place and projection of the gaze - , as well as in the motifs and the making itself, more intense and vibrant than predictable or academic.

## II

All his paintings are presented in a certain state of aesthetic revolt - something that, in his time, isolated him more than made him stand out. In them there is a shapeless matter of pictorial masses, like paintings in combustion, throbbing, pulsating the images they offer, because, deep down, there is a certain telluric magma, palpating, brought to the surface. Paintings that are always vibrant, not stationary, exciting. Because nothing in them is completely pacifying, calm (as one can breathe in José Pancetti or Alberto da Veiga Guignard). Even in his more slow-moving canvases, there's an internal vibration, abruptness, irredentism, a certain straying in the making and in the focus: the close-ups are decisive for this, of a chromatic-figurational density, almost on the point of exploding or blossoming, whatever the chosen motif: woods, plants, flowers, trees, sea, skies, gates, houses...

In fact, the collection of motifs is almost "Franciscan", humble, small, rarely urban, with nature not only in the foreground, but focused on prominent secondary, incidental elements: trunks, plants, fences, margins; thus more interested in the secondary visuality of back doors and backyards than the main entrance, or the grandiloquence of large views; in fact, the most panoramic canvases are the most conservative in the painter's composition and reason.

In a certain sense, the simplification/synthesis of elements, as if the whole were made up of exalted, convulsed parts, as if they were the true totality, has an oriental side. Deep down, it's all the result of a synthesis of imagery. And a paradox: the canvases are exultant, dazzling as paintings, visual results, but the motifs are smaller, partial, lateral: unimportant (for the most part, in their choice, angulation, perspective and planes of interest).

Both his perspectives and his palette are distorted, unscholastic: the cut of many of the works is another unique factor present in the composition and the marks of the palette/the line are plain to see: the color spreads its wings and formulates, structures and shapes itself more than any other element. With a dense abundance of paint, which appeals to the eye in a light that is not at all tropical (in the climatology of the south of the country), Bakun's drawing itself is brut, crude, untimely, camouflaged by color, configured to dive in, to launch the image into construction.

However, the perceptible sensuality in Bakun's painting infers that nature is being avenged, sprouting, given its capture and pregnancy. There is a wildness about it, a certain upheaval in the vegetation, in the waters, in the representations of trees, ponds, plants, sands, foliage, water... It is a painting that is more in loco than in situ, to the extent that what prevails is not so much the place of action (the chosen projection site) as the result (the canvas platform): the pictorial voice.

In this same reduced and enhanced equation of the smallest space and the tension at play, Ronaldo Brito has already anticipated the presence of an instigating vertigo. As well as its reported consequence: "hence the contradictory visual sensation of seclusion and infinity"<sup>2</sup>.

In fact, the typology of his landscapes is strange, turbid, due to the exaltation, vigor, not only of the color or figuration, but the almost epidemic result, the skindEEP texture; the strokes, accents, reflections to the point of jumping off the canvas. Often, it even seems that the canvas is a detail, the result of a chosen point of focus, due to the very evident visual viscerality, akin to a reclaimed gaze (in the more apollonian antipodes of Mario Rubinski or Antonio Arney, who demand a different kind of attention)<sup>3</sup>. On the other hand, apart from the distances, several later landscapers, even contemporary ones, may have seen him as a predecessor of the imagistic plunge into nature (Fernando Lindote or Luiz Zerbini)<sup>4</sup>.

And it's interesting to note in this context how little human presence appears, disfigured, a mere deformed spot, inserted or lost in the landscape. The characters merge into the chromatic mesh, porous with the world and the canvas (two areas converging). Their status is of no importance whatsoever, as it is always another ambit that is privileged, of a higher order, almost religious, such as communion with nature (a divine of life, light and movement pursued in his paintings, as the painter stated, found in colors, fruit, flowers...). Always an exploration of forces brought to artistic consciousness, not without acute inner struggle, as Mauro Maldonato<sup>5</sup>, would say, in tune with the perplexity we inhabit and are. As a painting entangled in its register and translation, the operation of bringing the world into the image (representation) is to offer it transformed, in another perception and dimension.

## III

While Bakun's pictorial matter is admittedly overabundant, visible, pasty, shapeless, it is what builds, draws<sup>6</sup>, with its mass of effervescent paint, invasive, with contours that are not at all delimited in their motifs. It is always in evidence, due to its condensation and turgidity. His stains are livelier than they appear, they harbor an autonomous vibration - even from the original landscape, a local pretext - bringing a different visuality, created, more planar and flattened: "it's the impasto that literally builds the spaces", Artur Freitas accurately puts it<sup>7</sup>.

According to some readings (Eliane Prolik, for example), nature being almost destiny, naturalism with its classic predicates (nature as truth, the direct perception of the gaze, the perspective in value, the rules of drawing) would not have the same fate in Bakun, as his poetics escapes this aesthetic translation. Far away, obviously, from the landscaping of Curitiba influenced by Alfredo Andersen, Bakun offers another agenda: a foreground painting that doesn't seem to be at the background of the canvas, as a result, but rather as a process, a painting that is more activated than sedimented. The brushstroke can be bouncy, syncopated, aquatic, phenomenological (in the most physical sense). In this respect, Guido Viaro's pioneering observation at the time is illuminating, when he says that he eliminated "the air from landscapes as if it were a physics experiment"<sup>8</sup>. Therefore, we are not interested in the register and translation, the operation of bringing the world into the image (representation), as another key to understanding that is less archaic or passadist.

In this way, the sensation of pictorial latency through vibration, dispersion and tonal equation through the turbulence of Bakun's gesture is never strange. It's a conception and a modus operandi that brings to mind another imaginary, not only visual but also cognitive, because the nature-landscape and the iconographic references it handles (backyards, fences, ponds, shores) are not at all delimited or secure as such, they metamorphose. It could be said that Bakun provides a blind spot that disrupts the traditional observation of things, and which can be better observed in the 21<sup>st</sup> century, when even facts fight with the imagination for control of the status of the real.

Even the logic of aesthetic rationality falls into a certain black hole when it comes to examining this painting that bewilders coordinates. Its chromatic sparkle is able to defend itself against simplistic, merely formulaic apprehensions. Its turbid side is well understood by thinking of other distant artistic relatives, Anselm Kiefer or even Nuno Ramos, if we recognize the existence of a certain magma, abundance, background (never neutral). Although in this Bakunian work, the emptiness of the canvas lives on in its mass, its treatment, its intensity, its embodied fluidity, sometimes permeable (the evidence of the white background that also composes as silence does). This explains the effect of sparks of color, irradiations, a certain light that is always convulsed, the result of immersion in the composition, a sense of vertigo. In fact, this painting places the experience of perception beyond its mere inscription, whether as landscape, vegetation or still life.

The way the space of the canvas is divided, its visual field, always says a lot about the painter's conception, as well as the motifs that arouse attention, especially if they are demythologized or almost deconstructed, because Bakun's strange figuration is also a configuration.

His work, centered above all on an important decade (the mid-1940s to the mid-1950s and a little later), is out of step with the modern script, and as happens in other cases (Iberê Camargo being the main and longest-lasting example), it ends up being for better or worse, and when history is in favor, and it turns, then the opposite happens, it's for worse or better. In this way, what prevails is language as such.

#### IV

In the predominantly Bakunian repertoire, there are those unremarkable places where nothing happens, or things of the utmost singleness. Lateral points of view to the more conventional gaze. Landscapes that demand our closeness, built in the middle distance and rarely panoramic. Another focus is the representation of flowers in their intimate, naked nature, and some rare portraits with a disturbing profile. In this select collection by Walter Gonçalves, you can find the essence of Bakun's poetics in various dimensions and in the characteristics mentioned.

See then, in this particular collection, his emphatic declaration of nature in the valuable canvas, In the Clearing (1957) [figure 1], where two characters plants almost barely guess each other between the epiphany of vegetation (always less domesticated, recurrent and privileged), although the human figure, almost spectral, appears only on a few occasions, diluted and without weight or subjectivity throughout his work.

It could be said, for example, that Bakun's paintings are profound and does not fail to shelter a certain abyssality, even in apparently "normal" works, of peaceful, calm vision, but which manifests itself more in singular cases, such as the rare character who looks at the tumultuous waters near a rock. A painting of solid stains, out of its time, but with even the romantic imprint of Caspar David Friedrich on the horizon, reverberating in this work [figure 2]. As for one of his last works, To Fray (1960) [figure 3], a peculiar marine, the pictorial thickness is distributed as in Munch, with a tongue of sand strangely crossing the center of the composition.

In this collection (and book), there are also some decanted pine trees, celebrated as something oriental, resembling watercolors instead of oil due to their lightness, the subtle weave of union/separation of tones [figure 4 and 5] and in the form of strata within the canvas itself, and in which one contemplates a composition almost bursting at its mark, to the limit, forcing it to have another visual register. Similar vertical vibration and by planes in Untitled (Pine trees) [figure 6], in which all the included elements of nature seem to rise up.

Sometimes, as already mentioned, the painting is a detail in itself, a daring composition relying on the background of the canvas: this is how the bare aura of two sunflowers is revealed, atomizers of the living, between delicacy and power [figure 7]. Or, as in Untitled (Hydrangeas) [figure 8], referring to the best examples of classical and modern painting (Chardin, Van Gogh), with a quintessential image of close tones, in an exceptional tonal chord.

In Untitled (Landscape with house) [figure 9], the house belongs to the visual phantasmagoria of almost a haunting, a house lost in a landscape whose dark sky contrasts with the lighter foreground of the field. Once again, the synthesis of the strokes doesn't look like oil, given their moving craft. Like the painting full of blue (Untitled) [figure 10], an araucaria tree eaten by the rise of those blue trees that are already solidified spots-clouds-forms (in a remote line with an unsuspected pre-Philip Guston) rising from a fence that is also blue.

#### V

In the unique mediation that is established in this painting between man and landscape, a tense, abrupt breathing is evident through a syntax that is foreign to his contemporaries (except for the aforementioned Iberê Camargo, as virulent chromatically and intense in the constructed image as Jorge Guinle would later be). The value of the planimetry of his paintings is an unmistakable aspect of his modernity, as is the dialectic of his found/shuffled colors, the compositional tension of his visual space, or the texture/material thickness allied to gesture/action, all characteristics that are closer now than in his time, referring to an aesthetic sign resulting from a painting isolated from its peers, alien to its environment and without a school.

"His *modus operandi*, without any prior knowledge to support the construction of the image, often results in open forms, real formless entanglements that characterize a rhythmic painting<sup>9</sup>". A painting thus in tension, more uncertain than its first appearance implies. The offspring of pictorial listening (Eduardo Sued also recognizes this auditory function in the "music of painting"), in which the pictorial body-to-body is produced as a clash, bringing a representational litigation (force emanating to the gaze). And where the same objective reality and its prosaic motifs have never been such either (considered as an end), because what is presented is the space in question, contained on the surface of the canvases with a certain movement, corporeality, aesthetic organicity, of a nature in relation, interfered (never absolute).

There is a dose of essay in this research. Thus, trees, plants and vegetation have always been analyzed with an inward and phenomenological gaze, as part of an artistic whole<sup>10</sup>. His landscapes of woods, walls, backyards and seascapes summon up something other than the bucolic or a classical ideal. There is a conjuncture, another constructed dimension, a search and another energy.

#### VI

What fate would be assigned to the reading of Bakun's work, when the orbit of his oeuvre is guided so much by pictorial emotion, feeding the vision? To this ideal of art, the painter's spiritual vocation fits, his soul at stake, because the health of his self as an artist depended on the health of his art. Besides, the degree of inner life or inner power in his divided nature even seems to evoke a "supernaturality" as a vital feeling, also aesthetic. In a sense, there is even a greater "primitive" frequency with Paul Gauguin's attitude than with the more superficial parallels drawn with Van Gogh (the terribleness of the colors or vague biographical parallels).

Bakun was not just a self-taught, isolated or semi-savage artist, but a self who sought the truth of nature (the truth in nature). It's not at all strange to find nature in an introspective state on his canvases, given his artistic exploration, his achieved degree of strangeness. And part of the immanent force that his painting conveys comes from this desired symbiotic union with his surroundings, of which his painting, as an experience, was the translation, the rescue. Far from the vital surface, from its decoration and even from its applied theme. Soon, our civilization's necrophiliac wounds in crescendo will allow us to take another critical flashback, to get closer to Mallet's painter, to his visual sap. "Harmony is violent because there is no model of balance in the modern world," said Donald Kuspit<sup>11</sup>. So that the effects of his reception are still ongoing, paradoxically, in direct proportion to the perverse decadence of our ex-natural days.

If the narrative of art history is always under evaluation, because it is never commanding and unique, Bakun, as a misfit artist, calls for the claim of another nexus, and others close by. It will therefore be of little use to merely consider him a post-naturalist painter or akin.

#### CODA

As a poetic, Bakun represents a painting that abrogates its own condition: it is meta-painting. And part of the seductive allure of his work is better understood now that so much evolution/disruption has taken place. The reason of landscape, resized in our days, has also gained another value and approach. Our surroundings have become a first-order civilizational problem. Which in turn leads to an obvious epistemological certainty of art: what has been painted surpasses reality, because its transformation is blatant (or else it falls short). And in it, as an artistic truth, we witness the formulation of its molecular potency, a pictorial microphysics in which the traces are evident, nu-

merous, solitary traces standing out from the general tonal whole, harmonized in its evident weave, but participating in a harsh, abrupt, rough devotion.

Like a dynamic whose power has been captured, exerted on the canvas, the scenes observed take on contours of visual exploration, but also of life (as David Salle's phrase above clarifies); in fact, "the person doesn't just paint they disappear into the painting"<sup>12</sup>. The pattern of value given to the colors, their alchemy, intervals, the making of the brushstroke, its pulsating throbbing is written on the surface, be it more fluid or more disembodied. His dictum is poetic.

Miguel Bakun seems to have reached his maturity as an artist with a painting that is still being made before our eyes, that hasn't been completely finished. Without wishing to demonstrate a finished state: the painting left before it was certified, static in its aesthetics. Its esteemed pictorial dynamic is and is not finished, to better complete its pending reception<sup>13</sup>. To this day, it presents an instability, an oblique, more tangential gaze. Almost a temperature (chromatic, configurational, imaginary).

It also, as painting that is tense, disproportionate, brazen, invents its exultant fiefdom, almost in a pre-expressionist gesture (with the self as a subject in crisis, outside of itself, in litigation, immersed in the restlessness of the work versus time), just as much as it invents its internal forum and place by stepping out of itself (out of its classificatory niche), already as another necessary nature of the real and artistic.

<sup>1</sup> Ronaldo Brito, *Concise, convulsed, in Prolik, E. (Org.). (2009). Miguel Bakun: the nature of destiny [Miguel Bakun: a natureza do destino]. Curitiba: self-published. p. 7.*

<sup>2</sup> Ronaldo Brito, *Concise, convulsed (Concisos, convulsos), (Prolik, E. (Org.). (2009). Miguel Bakun, the nature of destiny [a natureza do destino]. Curitiba: self-published. p. 7).*

<sup>3</sup> *Unlike Bakun, Rubinski's concept of beauty isn't convulsive, it's more synthesized than condensed, without perspective, but geometric. Antonio Arney already has a wild constructivism (povera), but it is also the result of independent poetics. The three together would represent an artistic triad from Paraná with similar problems of national contextualization. See the timely Editions: Moraes, G. (2019) Antonio Arney: comparison of values [Antônio Arney: Comparação de valores]. São Paulo: Intermeios; and Navas, A. M. & Prolík, E. (Orgs). (2024). Mario Rubinski – the magnetized space [Mario Rubinski - O espaço imantado]. São Paulo: MON//iluminuras.*

<sup>4</sup> *The exhibition Learning from Bakun: subtropical [Aprendendo com Bakun: subtropical], curated by Luise Malmaceda and Paulo Myada, established connections in the orbit of landscape: Iberê Camargo, José Pancetti, Fernando Lindote, Lucas Arruda, Caio Reisewitz, Marina Camargo, Marcelo Moscheta, among others (Instituto Tomie Ohtake, 2019).*

<sup>5</sup> Maldonado, M. (2023) *Perplexity exercises [Exercícios de Perplexidade]. São Paulo: SESC. p. 27.*

<sup>6</sup> *Unlike Mario Rubinski, where everything fits together, the painting is obedient, it respects the previous, designed construction.*

<sup>7</sup> Artur Freitas, *Miguel Bakun and the dispersion of the landscape, in Prolík (2009 p. 87).*

<sup>8</sup> Viaro, G. (October, 1946) *Bakun. Joaquim, n. 5, Curitiba.*

<sup>9</sup> Eliane Prolík, *Miguel Bakun, the nature of destiny, in Prolík (2009 p.13).*

<sup>10</sup> *There is a rare intensity in the translation of colors-forms of forests-trees-plants-flowers, in the craft of this passage from the real to a representation. Like the action of painting by Antonio López, converted into a poetic film by Victor Erice, El sol del membrillo (1992), which would be close to some canvases of plants, in which what is portrayed is an immersion.*

<sup>11</sup> Kuspit, D. (2003). *The pathology and health of art. [La patología y la salud del arte]. In D. Kuspit, Signs of psyche in modern and postmodern art [Signos de psique en el arte moderno y pós-moderno] (p. 29). Madrid: Akal.*

<sup>12</sup> Salle, D. (2024). *Arte: olhar e pensar [How to see: Looking, talking, and thinking about art]. São Paulo: WMF Martins Fontes. p. 139.*

<sup>13</sup> *So, in illo tempore, the prizes won 16 times in local salons in Paraná, in short, don't represent much in another broader historical perspective of Brazilian art, such as Learning from Miguel Bakun: subtropical (Instituto Tomie Ohtake, 2019) or any editorial reason such as this one that aims at a closer analysis.*

---

## MORE OR LESS ARABESQUES

Ronaldo Brito

*Miguel Bakun's voracious paint impregnates the canvas and turns it into a vehicle for the artist's expressive Self. In turn, the agitated strokes of his graphite, and charcoal, irradiating through the paper, mobilize the scenes and transform them into authentic existential flagrant. Unpretentious, casual, it is precisely their dispersed and elusive character that ensures their aesthetic consistency. The sketches may even begin as preparatory studies for a future oil painting, but they soon emancipate themselves as autonomous events. And if, as studies, they reveal a certain mastery of the academic foreshortening (churches and ships prove it), it's clear that, for Bakun, the world is above all an uncertain and palpitating place: hence the almost random scribbles, kinds of commas and semicircles, more or less arabesques, I would say, that cross the scene like a gale. And nothing escapes it, there is no neutral space for this artist who lives his being-in-the-world as an incessant perceptual struggle.*

*When, so to speak, they practice metonymy, capturing lost pieces of the world at oblique angles, the drawings immediately gain the affective complicity of the viewer, who is called upon to witness what until then had gone unnoticed. What is an artist for if not to show us what we can't see for ourselves? Look, for example, at this banana tree almost leaning against the wall of the old house [figure 11]. At first glance, we wouldn't know the artist's position – it's a very narrow and skewed frontal view, he would have to be stuck to the plants; but thanks to the diagonal layout of the ground, the scene flows naturally. Within this tiny space, the daring artist also combines figure and background: the dark interior of the house, visible because of the broken glass in one of the window sections, communicates with a meter of grimy soil and ensures a minimum of breathing space for the Western projective gaze. And how are we to interpret these gratuitous, spiraling gestures, which follow paths that are always tortuous, interspersed and full of accidents? In any case, what is the point of straight roads, what do they have to do with life?*

*As much as the painting, Miguel Bakun's drawings belong entirely to the countryside, to the solitude of the countryside. You can even sense the big city behind them, a city that the artist left in search of solitude. But he treats his territory in a free and anti-academic way, not at all mimetic, in constant mutation, faithful to his instinctive and uncultivated expressionism. It is a modest nature, averse to the grandiose, that attracts his exacerbated sensitivity. And even then, he goes to look for it behind its back, in anonymous parts of the world, which he chooses as totems of his passage through life. This is how he gives vent to his restless soul, through the more or less arabesques mentioned above, by intensifying the arbitrary behavior of trees and plants. An enlightening passage [figure 12] explains the contrast between the rectilinear architecture of the orderly city and a disjointed landscape that doesn't even allow us to recognize the species of vegetation.*

And in the wider, more distant views, Bakun doesn't rest until he shuffles them and problematizes the path of the gaze. Fortunately, he avoids contemplative panoramas. How can we react, trapped between brittle fences in the middle of a confusing landscape that mixes sky and earth, trees and decrepit buildings? (001) It seems that Bakun really likes to complicate things, to mix close and distant planes, frontal and oblique angles, to leave undetermined the conventional posture of the artist, supposedly a knight before the world (003). His love of field gates, also in painting, is proverbial. They divide the space and interrupt the flow of the eye. The example 005, graphite on paper, suggests an arbitrary shortcut, parallel to the gate, and ends up putting the viewer in suspense: all the loose elements lean to our right, but we don't find an alternative exit there either.

For more than a decade, I think, Miguel Bakun's work stopped being a local phenomenon in Paraná and became an intrinsic part of Brazil's rarefied visual modernism. It took its place among his peers, mainly Pancetti and Guignard, painters who, in an indifferent, if not hostile, environment, were opening the way for a modern post-impressionist visibility in Brazil. Distant from the modernist literary recipes that largely presided over the work of Tarsila do Amaral, as well as the ideological grandiloquence of Portinari and the clever anecdotalism of Di Cavalcanti, these painters sought to achieve autonomous visual poetics. Not without mishaps, of course, manifested in the inequality of their productions. As if that wasn't enough, Bakun's reception suffered an additional difficulty: working in a more temperate nature, he was at odds with the Solar Myth of tropicalism, a widespread watchword that still echoes among us today. Adding, to complicate the dilemma, there was his anguished temperament, which - as happen even with the incomparable work of a giant, Osvaldo Goeldi - contradicted our cultural obligation to be a happy and joyful people. Who would believe it!

---

## Cronology

**1909 to 1926** Miguel Bakun was born on October 28 1909 in Marechal Mallet, a town in the southern region of the State of Paraná, where lands had been ceded by the government to eslavic immigrants. His parents, Pedro Bakun and Julia Marcienovicz, both from Ukraine, had eight children.

Due to his father's job in the railway company, the family moves several times. After living in Sorocaba, they settled in Ponta Grossa in 1967. The artist appreciates the drawing classes at school and learns the tailoring trade.

**1927 to 1930** At the age of 17, he enrolls at the Naval School of Apprentices in Paranaguá in search of a promising career. Soon after, an outbreak of bubonic plague led to the transfer of the students to the School of Sailor's Apprentices of Rio de Janeiro.

In 1928, during an internship on the Island of Villegaignon, he met another future landscape painter, José Pancetti, who was then a navy corporal and deck painter. They both began to record the life at the sea in drawings, sketches and notes. On January 30 1930, Bakun's career in the navy is interrupted by a lesion caused by an accidental fall of the ship's mast. From that moment on, he began to receive a pension for life.

**1931 to 1937** He moved to Curitiba, the city where he produced his oeuvre. In order to survive, he works as a travelling photographer and painter of movie posters, shop advertisements and various decorative elements incorporated into the architecture of houses.

He devoted himself to painting with passion. While renting a house and studio on the Silva Jardim Avenue, he meets Teresa Veneri, the daughter of the property owner.

**1938** On April 9, he got married to Teresa, the widow of an army officer with three children: Francisco, Dalila and Lourdes. He moves to Rua Paraguassu, where he lives until his death. He found support in his wife for the development of his work, despite the adversities that his career as an artist imposed on him.

**1939** He travels to Rio de Janeiro in search of greater recognition and professional opportunities. There he meets Pancetti again and soon realises, even there, how difficult it is to make a living as a painter. He returns to Curitiba, but he goes back several times to Rio, the country capital at the time, where he painted works such as Sapucaia with Cristo Redentor (undated), currently in the collection of the Oscar Niemeyer Museum, and Self-Portrait (1944).

**1940** In the 1940s, his work became more visible and Bakun works intensively on researching techniques and pictorial solutions, mixing paints and colours. He participates in the collective studio in Praça Tiradentes, on the border with the current Praça Generoso Marques. The precarious building, provided by the City Hall before its demolition, became a meeting place for intellectuals and modern painters. Bakun is

among Loio Pérsio, Alcy Xavier, Esmeraldo Blasi and Marcel Leite.

There, Bakun executes his paintings: still lifes of papayas, landscapes of the downtown area, of Praça Tiradentes, with its yellow ipe trees and public transport streetcars, and of Praça Santos Andrade, with its pine trees and buildings next to the nearby headquarters of the Federal University of Paraná.

In 1942, he participates in the Spring Exhibition at the Clube Curitiba, under the patronage of the Literature Center of Paraná, in Curitiba.

**1944 to 1945** He participates in the Paraná Art Exhibition, in Rio de Janeiro, promoted by the Friends of Alfredo Andersen Society, the Paraná State Government and the Ministry of Education. This large-scale exhibition features Curt Freyesleben, Estanislau Traple, Guido Viaro, Izolda Hotte, João Turin, Lange de Morretes, Leonor Botteri, Maria Amélia Assumpção, Nilo Previdi, Oswald Lopes, Theodoro de Bona, Zaco Paraná, among others. Bakun presents two paintings: Pine Trees and Landscape.

The artist paints a portrait of João Turin, a great sculptor from Paraná. This same year, Turin's work Tiger crushing a snake is produced. It is now installed in General Osório Square, in Rio de Janeiro.

He exhibits his work at the Garcez Building, in Curitiba. The painter Freyesleben writes in his column in the newspaper O Dia, on August 24:

*In the gallery of painters from Paraná State, Miguel Bakun occupies a place of deserved prominence, considering his talent and observing the capricious artist's fever so noticeable in his thirsty struggle to achieve his aspirations as a painter (O Dia, Aug. 24, 1945).*

**1946** He participates for the first time in the 3<sup>rd</sup> Paraná State Fine Arts Salon, in Curitiba. In this edition, the jury was composed only of literati: Temístocles Linhares, Wilson Martins, Dalton Trevisan, Erasmo Pilotto and José Muggiati Sobrinho.

Three texts about the artist and his work are published. The first is written by Andrade Muricy, a literature critic and admirer of the artist. His private collection of 8 works by Bakun is currently part of the collection of the Curitiba Municipal Art Museum, in Curitiba. Muricy states:

*I felt sincere emotion when I entered Bakun's simple studio. This absolute Slav, total, is a strong interpreter of my land, and with other "eyes" from Europe, he is opening up new visions for our wonder at our richly pictorial native habitat. Bakun is a seer, who only needs to overcome purely professional obstacles to give everything he has: a singular, almost hallucinatory drama and an extreme power of emotion. This man from Paraná is capable of opening up paths that are already clearly foreseen (Jornal do Rio de Janeiro, 1946).*

The other texts are published in October of the same year. Armando Ribeiro Pinto, an intellectual linked to the area of cinema, published in the newspaper Diário Popular the article Miguel Bakun -

An inspired one. Using the classification from André Lhote's *Treatise on Landscape*, he describes the artist as an inspired man, in a similar way to Vincent Van Gogh, but recognizes the difference in Van Gogh's use of raw, thick paste as an imperative of chromatic expression and, in Bakun, as an imperative of formal expression that shapes the painted image.

The comparison between the two artists is often used to read Bakun's work and life. On the one hand, it seems to make Bakun's case easier to understand, but on the other hand, it makes it difficult to recognize his specificity. In both artists we have a personal painting expressive of a mystical temperament and an intimate bond with nature, an extreme professional dedication, which, in the end, may have led to depressive psychic exhaustion and suicide. The artist actually studies Van Gogh's work through books such as *Vincent Van Gogh Paintings and Drawings*, 1941, printed by Clarke & Sherwell, Northampton, and through works belonging to the collection of the São Paulo Museum of Art (MASP). Bakun paints reproductions of two of the artist's canvases: the landscape *The Langlois Bridge*, from 1888, and *Self-Portrait*, of February 1989.

Armando Ribeiro Pinto claims that landscapes are Bakun's greater works:

*Bakun's landscapes are evident proof of his profound, eminently plastic sense. There is no element in them that is aimed at anything other than expression, that was not the result of a plastic vision. Nothing literary, nothing decorative, nothing for easy effect. You sense from the nervous and undisciplined brushstrokes, the tasty impasto, the tortured masses, the almost deranged rhythm, the somber and almost monochrome coloring, that Bakun doesn't look at nature as a blue lake, serene and placid, but as an agitated sea, not as something static, but dynamic. You feel that Bakun transmits his emotion through the landscapes and his emotion is so vigorous, so incoercible that it invades the landscape and humanizes it. Yes: it humanizes the landscape, because those tormented landscapes swirling in a whirlwind, that tremendous movement is nothing more than Bakun's inner turmoil. It's nature poured out through his nervous and emotional sensibility as an artist. An artist who has something to say, who has talent, who has sensitivity, who has disquiet and dissatisfaction, who knows how to express himself with the specific means of his art. [...] (Diário Popular, October 2, 1946).*

Another text was written by Guido Viaro, a teacher, painter and engraver of Italian origin who was renowned in Curitiba's cultural circles. The text was published in the magazine *Joaquim* No. 5 (reprinted in No. 19). At the time, this magazine, with national circulation, was an important vehicle for discussing ideas. It was created that same year and edited by Dalton Trevisan, with the collaboration of Poty and Viaro, as well as others. Various artists were invited to illustrate or have images of their work reproduced, which was not the case with Bakun. In the visual arts, the magazine polemically opposed the academicism of Alfredo Andersen and his students, supporting the production of younger artists linked to a modernism of figuration and engraving. The text *Bakun*, by Viaro, describes and exposes the artist as an exotic character and comments on his works:

*[...] the angle from which he presents his work is different from so many other painters; he never ceremoniously shows visitors the front door, but the one at the back - he catches the world as if it were people from home - he shows all that is good and bad with an ingenuity that knows how to express itself with the specific means of his art. [...] (VIARO, 1946, p. 4).*

**1947** He receives the Cash Prize - Painting, at the 4<sup>th</sup> Paraná State Fine Art Salon, for his work *Winter Sun*. The works *Harbinger*, *Manifestations*, *Interval*, *Ipe* and three still lifes are exhibited.

He receives the Gold Medal for his work *Portrait of Lourdes*, at the Spring Fine Arts Salon at the *Concórdia Club*.

He participates in the Exhibition of Paintings by Authors from Marília and Paraná, at the *Commercial Club Hall*, promoted by the Union of the Thirteen, in Marília.

He has an individual exhibition in Mallet, his hometown.

Bakun photographs some of the places he will paint later, and incorporates the photographic cut of the image into his painting, as many modern artists have done since Impressionism. The artist's photo of the Harbour of Paranaguá, with the ship in frontal view, refers to the work *Paranaguá Port Quay*, in the collection of the Oscar Niemeyer Museum. The artist has depicted Curitiba and its surroundings countless times, painting its wooden fences in a concise, synthetic and rhythmic way, with vertical strokes of the same paint, color and sequenced gestures that cross the surface of the canvas (see cover picture). The elements of the fence or of a wall retain the sense of depth, reaffirming the limit and the two-dimensionality of the surface of the painting itself.

On constant visits to the coast of Paraná to paint seascapes, Bakun depicts the cities of Paranaguá, Guaqueçaba, Antonina and the beaches of Caiobá, Matinhos and Guaratuba. In the city of Paranaguá, specifically, he depicts various places, such as the fountain, the central square, the museum courtyard and the harbour. In other seascapes, with his knowledge and experience as a sailor, Bakun works the high seas with mastery and his thick pictorial material brings the churning of the waves, the seagulls and the boats. In *The Nature of Destiny*, Ronaldo Brito talks about his seascapes:

*You only have to look at his minimal and extraordinary seascapes. There is no way I could retrace the tortuous paths that led this self-taught provincial artist to Gustave Courbet, and yet Courbet is certainly at the origin of these solid seascapes, in which everything is made of the same stuff, the same rough pictorial material - sea and sand, sky and stones, eventual birds and boats or ships. Everything, at last, condenses and announces a modern, autonomous moment in painting: the small canvas transcends the empirical course of life to affirm the aesthetic power of the here-and-now (BRITO apud PROLIK, 2009, p.7).*

It's interesting to note that the important photographer Arthur Júlio Wischral (1894-1982), who works and produces before Bakun, also takes pictures of the Paraná State coastline. Below is the same view of Guaqueçaba produced by both of them.

Oswaldo Nascimento, in the newspaper *Diário do Paraná*, on August 29, visiting and talking to the artist in his studio, together with the writer Pedro Xisto, transcribes the artist's thoughts on three works and their titles: *Rookie*, represents the youthful impetus of the spirit, *Consciousness*, the principle of vigor over the energy and the gestation of human character, and *Bachelor*, from the Walter Gonçalves Collection, a purer or more purified human meaning.

**1948** He participates in the 53<sup>rd</sup> National Fine Arts Salon, in Rio de Janeiro, with his work *Landing*.

He receives an Honorable Mention in Painting at the 5<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with his work *At the Margins*. His other works are: *Complex*, *Vertigo*, *Station*, *Joy* and *Golden Lagoon*.

He takes part in the Itinerant Art Exhibition - Paraná, held in Paranaguá and Ponta Grossa, with the works *Blooming*, *Storm*, *Philosophizing*, *Deductions* and *Undrowning*.

The critic Sérgio Milliet, after visiting his studio with José Geraldo Vieira, writes about the artist's impulsiveness and unconventional pictorial construction in a column in the newspaper *O Estado de São Paulo*, on February 26, 1948:

*Bakun has qualities, but his temperament is Vangoghian. He is impulsive, lacks a sense of the canvas as a whole and abuses warm colors without any counterbalance. On the other hand, he is still trapped in a dangerous conception of matter. Excessive impasto confuses values and attenuates the cleanliness of color. However, the painter's enthusiasm and his intense participation in the work make his own defects sympathetic (O Estado de São Paulo, Feb. 26, 1948).*

And in the text *Bakun* (1976), Nelson Luz, art critic, professor and lawyer, who was present at the same visit, recounts Sérgio Milliet's enthusiasm for the quality of the artist's paintings:

*Bakun (and this is unexpected) is at a crossroads, because he's either going to get lost or, what's more difficult, he's going to take a path that will lead to international prominence! Bakun does it in an impossible way, because that's not the way to*

*start and move forward with colors on a canvas! He does it the way you can't do it, you know? Sometimes he throws up a strange planimetry, when he's supposed to go he comes and vice versa, and in the end, inexplicably, he succeeds, through incredible self-taught skills! (LUZ, 1976).*

**1949** He participates in the 54<sup>th</sup> National de Fine Arts Salon, with his work *Landscape*, in Rio de Janeiro.

He receives a Bronze Medal in *Painting* at the 6<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon for his work *Landscape*. Three other landscapes and a portrait are shown.

He has a group exhibition at Flora Paraná, in Curitiba.

He builds a new wooden studio at the back of his house on Paraguassu Street and organizes an exhibition open it to the public, reported in a newspaper of the time.

**1950** In the 1950s, the artist continued his artistic output, depicting everyday landscapes of his studio and home, views of city squares, the intimacy of backyards, fences and walls with vegetation, roadsides, ponds, streams and araucaria forests. Bakun paints the flowering of trees, such as the yellow ipe trees and acacias, the white peach and pear trees in blossom and the red and pink flamboyants and sapucaias, as well as the direction of the branches of weeping trees and cypresses, etc. His still lifes include the famous riotous dahlias, white roses and calla lilies, blue hydrangeas and gerberas, among others.

During this decade, he makes small canvases, which he calls "little spots". A quick pictorial expression, dynamic annotation on cardboard or plywood. His graphite or ink drawings improve his studies, capturing the motif and giving fluidity to image and form.

He is awarded the Silver Medal in *Painting* at the 7<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, exhibiting four works entitled *Landscape*. The winning work is later renamed *Backyard* with Yellow Ipe Tree and, according to Luiz Pilotto, a friend and former owner of the work, it depicts the artist's home and studio. Bakun painted the same place many times. For the artist, the titles do not describe the scene depicted, but are a way of adding meanings of a different kind.

He takes part as a hors-concours artist in the 3<sup>rd</sup> Spring Fine Arts Salon at the Concordia Club, since he had already won the Gold Medal in 1947. He exhibits three landscapes.

Invited by Governor Moysés Lupion, he paints the tower and the upper hall or attic of his mansion, now an event center known as Batel Castle, located on Batel Avenue. Bakun carries out exhaustive oil painting work on the plywood panels that cover the building's structure: walls, beams and columns. Various eclectic themes are depicted, such as a bullfight scene and Spanish dancers, an Arab market and odalisques, Egyptian pyramids, indigenous people, cave paintings, a wedding scene, etc. Some of his earlier works and landscapes are enlarged, such as Sapucaia with a view of Cristo Redentor, *Landscape* of trunks and Lake with pine tree. In the circular tower of the mansion, there is a landscape painting that constitutes an interesting immersive panorama of the sea. The composition is organized into three horizontal bands: the upper one with the sky, clouds and seagulls, the central one with the green and yellow sea, sand, boat and horizon line, and the lower one with the submerged area where you can see sand, fish, sealife and corals at the bottom of the sea.

**1951** Together with a group of artists from Paraná, Bakun visits the 1<sup>st</sup> São Paulo International Biennial. The Biennial is an event that promotes modern and contemporary art. Among other artists taking part in this show, in the painting section, are artists from Paraná: Nilo Previdi, Poty, Paul Garfunkel, Brazilian artists: Guignard, Iberê Camargo, Maria Leontina, Milton da Costa, Pancetti, Reboilo, Bonadei, Waldemar Cordeiro, Antônio Bandeira, Mira Schendel and Ivan Serpa (prize) and foreign artists: Giorgio Morandi (prize), Lucio Fontana, Carlo Carrá, Danilo Di Prete, Fillippo De Pisis, Georg Grosz, George Rouault, Picasso, Jackson Pollock, Edward Hopper and Mark Rothko.

He is awarded the Acquisition Prize in *Painting* - Department of Culture/Government Palace, at the 8<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, for his work *Landscape No.2* or *Pine Trees*, a work that remained in the Government Palace for many years and is currently in the Oscar Niemeyer Museum. The paintings *Landscape No.1*, *Portrait*, *Panorama* and *Garden* are exhibited.

He exhibits at the 3<sup>rd</sup> Bahia State Fine Arts Salon, in Salvador.

He participates in the 2<sup>nd</sup> Salon of May, at the Inter-American Cultural Centre, promoted in partnership with the Association of Artists of Paraná (APA), a recently formed organization in which Bakun is a member and holds the position of librarian.

**1952** He receives an Honourable Mention at the 5<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club, in the veteran artists' section, for his paintings *Figure*, *Marine* and *Landscape*, in Curitiba.

He participates in the 9<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with the paintings *Composition I*, *II* and *III*, in Curitiba.

He exhibits at the 3<sup>rd</sup> Salon of May, organized by the APA, in Curitiba.

He participates in the Permanent Exhibition of Artists from Paraná, inaugurating the Exhibition Room of the Department of Culture, of the Paraná Department of Education, in Curitiba.

**1953** He participates in the commemorative show *Grand Exhibition of the Centenary of the Political Emancipation of Paraná*, in Curitiba. In the *Album of the 1<sup>st</sup> Centenary of the Emancipation of Paraná*, published by the State Government, Bakun exhibits *Landscape* and *Imminence* (the latter is part of the MON collection). The published text *The Plastic Arts and Music in Paraná State* was written by Nelson Luz:

*Self-taught and a dedicated student of the problems of painting, Bakun has a very personal technique, which has certain analogies with that of Van Gogh. Less objective than Van Gogh, however, his paintings, with their less violent tones, pose serious problems for critics. The landscapes he painted, with their special planimetry, have something of an indefinable lyricism and are full of mystery. His portraits, with their very simple lines and nostalgic colors, carry an almost impenetrable psyche. His seascapes, some of them tending towards the onirism, talk about blown-out impetus, imminent agitation, sea spirits in prayer... The drawings, with a very special technique, are drawn in broad rhythms, enhancing unseen beauties... (LUZ, 1953)*

Due to this celebration, many cultural events and public constructions occur, such as the inauguration of the new Civic Center, the first with modern architecture in the country, and the Public Library of Paraná State, an important cultural center, which hosts exhibitions and a temporary museum, the Youth Center for Fine Arts, focused on art education, and the Fine Arts Circle, dedicated to research and lectures.

He receives a Bronze Medal in *Painting* - veteran artist, at the 6<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club.

He participates in the 10<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with the paintings: *To consider*, *Centenary* and *Spring*.

The artist submits an application to the 2<sup>nd</sup> São Paulo International Biennial, but it is rejected.

**1954** He receives requests to paint portraits, including of the writer Ladislau Romanoski, which today is part of the collection of the Museum of Contemporary Art of Paraná. Bakun doesn't paint the usual portrait of the client with a beautiful appearance, but in his own way captures the subject. In the catalog Miguel Bakun, published by the Paraná Development Bank (BADEP) in 1974, Valêncio Xavier, a journalist, writer, filmmaker who was also an artist at the time, says that Bakun caused a real disturbance by publicly stating that Romanoski's portrait represented the inhospitable personality of the model. Hence, in order not to lose his clientele, Bakun paints the portrait *Re-making yourself of Valêncio* at the age of 21, and present it at the same show. The red background is probably a reference to the communist tendencies of the portrait subject.

The artist portrays his family members: his wife Teresa at various times, his step-daughters and nieces Olga, Stael, Deleuze, Rosemiriam, his mother-in-law and father-in-law, his friends, artists and intellectuals, such as José Paulo Paes, Lange de Morretes, João Turin, Eduardo Virmond, Oscar Martins Gomes and the personalities he most admired, such as Getúlio Vargas and Santos Dumont. This last canvas belongs to the collection of the National Museum of Fine Arts, in Rio de Janeiro.

He participates in the 11<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with the paintings *Flamboyant*, *Fishing and Musicbox*, in *Curitiba*.

He participates in the 7<sup>th</sup> Spring Salon of Fine Arts of the Concórdia Club, with the works *Mistifying*, *Re-making yourself* (Portrait of Valêncio Xavier) and *Sprout* (Detail of a palm blossom). The last two works belong to the collection of Walter Gonçalves.

He exhibits at the Mariano Painting Salon, in *Curitiba*.

**1955** He presents a solo exhibition in a building on XV de Novembro Street, in the town center. The space of an old store is adapted by the artist. Among the works on view are *Capão and Pinhais*, *When Smiling*, *7<sup>th</sup> Day of the Elderly and Untitled* (Hovel). In an article about the exhibition, *Durval Borges*, in the newspaper *O Dia*, on September 11, reports the artist's testimony about his strong self-criticism, which makes him constantly rework his paintings during the execution process. The canvas *Untitled* (Hovel), from the Walter Gonçalves collection, is described as a landscape that combines the nature of a sea and the simplicity of a hovel or hut with an airplane flying over *Caiobá*.

The *Cocaco Gallery* emerged in the city as a daily meeting place for artists and intellectuals with more innovative aspirations, and Bakun was regularly there, selling his work. He exhibits at the 1<sup>st</sup> Art Salon, promoted by the *Curitiba City Council*, in *Curitiba*.

He participates in the 12<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon with the paintings *Little dancing circle*, *Figure and Nature*, in *Curitiba*.

He participates in the 7<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club, with *Study*, and other works entitled *Landscape*, in *Curitiba*.

**1956** Participates in the 13<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, at the Public Library of Paraná State, with the paintings *Church in Inventory*, *Solitary Partying* and *In an Impromptu*, in *Curitiba*.

**1957** He is awarded the Acquisition Prize in Painting - Department of Culture, at the 14<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon with his work *Landscape n.2*, and he also exhibits *Landscape n.1* and *Landscape n.3*, in *Curitiba*.

He participates in the 9<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club, with the paintings *Landscape and Portrait*, in *Curitiba*.

He exhibits at the show *Painters from Paraná State*, at the National Museum of Fine Arts in Rio de Janeiro and at MASP (Museum of Art of São Paulo) in São Paulo. He exhibits the works *Landscape and Dahlias*.

He presents his latest solo show at the Public Library of Paraná State, where the rooms entitled *Miguel Bakun 1* and *3* will be dedicated to his honor in the future. According to the artist in an interview with local newspapers, the works present a figuration sometimes treated as a smudge in a free process of abstraction, sometimes as subliminally perceived creatures. Fantastic creatures are observed within the landscape, in an animistic vision of nature, with human figures, animals in the midst of vegetation, sky or sea.

And in this last period of the artist's production, there is a greater use of white color and intensity of light directed towards his mystical, religious and metaphysical tendencies. However, he continues painting the landscapes which are present across his entire career.

About the exhibition, *Ennio Marques Ferreira*, artist and owner of the *Cocaco Gallery*, recounts stories about the artist and his work that are well known and widely commented on in the city, in the newspaper *Diário do Paraná* on September 29, 1957:

*Bakun has not been notably influenced by the local art scene. More spatula than brush, pasty texture, gray, green and blue tones always present in his palette (which now seeks to gain more light), still constitute the formula and character of his paintings. They reflect all that simple naivety of man and are based on an intuitive poetry without refinement [...] (Diário do Paraná, Sep. 29, 1957).*

At the same show, *Ennio* acquired the work *In the Clearing*, now part of the *Walter Gonçalves* collection. This painting demonstrates the vigor of the pictorial material, the action of a shifting whole between the forest and two enigmatic human figures, a singular authors' palette and a composition without hierarchies of planes. Professor, historian and art critic *Artur Freitas* comments in a text dedicated to the artist:

*In this work, the entire space of the painting is invaded by the unstable oscillation of nature. In a gentle plongée, the horizon escapes from above and forces us to look down. The angle is in fact a little strange: Bakun seems to have pulled the landscape by the leg, as if it were possible to bring the whole scene down, folding it over the very plane of the painting. The sky, already squeezed between other works, now doesn't even fit in the frame; all that remains is the continuous dispersion of a ground that is tree and leaf and grass, all at the same time. Like a strategist in combat, the artist doesn't paint a canvas: he occupies the spaces, advancing with his turbulent paste over every inch of the terrain (FREITAS, 2009 apud PROLIK, 2009, p.94).*

**1958** He receives the Acquisition Prize in Painting - UFPR, at the 15<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with his work *Repression*, which is currently in the collection of the UFPR Art Museum. He also exhibited *I dam and Individuate*. The award-winning work *Repression* denotes the artist's pictorial quality in a seascape of agitated waves with a boat. Bakun's work, due to the quality of its material aspect bound to light, can be associated with the work of two other great landscape painters: *Giovanni Castagneto* (1851-1900), an Italian who lived in Brazil, and the Venezuelan *Armando Reverón* (1889-1954).

He receives the Cash Prize at the 10<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club, for his work *Landscape II*, in *Curitiba*.

He participates in the 1<sup>st</sup> Pan-American Art Salon, at the Institute of Fine Arts of the State of Rio Grande do Sul, in *Porto Alegre*.

He exhibits at the collective show *Six Painters from Paraná State*, at the *Cocaco Gallery*, with *Alcy Xavier*, *Ennio Marques Ferreira*, *Fernando Velloso*, *Guido Viaro* and *Nilo Previdi*, in *Curitiba*.

**1959** He participates in the 16<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, with three works entitled *Landscape*, in *Curitiba*.

He takes part in the 11<sup>th</sup> Spring Salon of the Concórdia Club, with *Portrait*, in *Curitiba*.

**1960** During this last period, the artist works on his pictorial production of landscapes, still lifes and portraits, but he also creates works with a religious tendency and, in order to represent intense light, he uses lighter colors with a greater presence of white.

*Miguel Bakun* writes little about his life and oeuvre, but a manuscript from the period shows his struggles:

*The beginning of May.*

*I'm an up-to-date abstractionist. "My conception" was that painting didn't lie in drawing, shapes and colors. Once this expression had faded, I began to look for God and observed that he was to be found in flowers, fruits and colors. Life, light and movement are what I need in my paintings. An abstractionist of the epoch.*

*Today, May 28, 60, in the afternoon of this day, I have definitively realized myself in the field of painting, thanks to a program of notes of elaboration and method to be employed and deposited in the work box.*

*In the evening, at my usual prayer time, I begged Pope Pius XII to grant me the power to express God in my paintings. I received the sign immediately, a huge bang that shook the studio. Then the visible that [sic] and the light went out for a moment. After the prayer, I went on to read page 180 of *Giovanni Papini's History of Christ* ...*

The writer mentioned by the artist, *Giovanni Papini* (1881-1956), known for his controversial tendencies, was initially a skeptic, but became a fervent Catholic, producing works in literature and philosophy.

He is awarded the Acquisition Prize - *Prosdócimo*, at the 17<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, for his work *Alhear*, and also exhibits *Causing frenzy and Argos*. The artist writes a note on the entry form that his titles should be kept, as they were not mere descriptions of the scenes painted.

He receives the Acquisition Prize in the Modern Room of the 12<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club for his painting *Modern*. He also exhibits the work *Conservative*.

He won an Honorable Mention at the 1<sup>st</sup> Annual *Curitiba Salon*, held by the newly-created *Paraná Art Museum*, whose director was *Eduardo Rocha Virmond*. This museum, although it had no proper build-

ing and was short-lived, was sponsored by Assis Chateaubriand's Associated Diaries, which was also responsible for the creation of MASP. An exhibition of works from its collection, including Van Gogh's Arlesiana, is presented at the museum.

**1961** He receives the Silver Medal at the 13<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club and exhibits Landscape I. The jury was made up of Leonor Botteri, Erbo Stenzel and Arthur Nísio.

He participates in the 18<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, in which three works are submitted, *Dialectics, Sophistics and Sophism*, only one of which is included in the Jury Exempt category, created later and used by other artists such as Nílo Previdi and Paul Garfunkel. In the text *Open Letter to Bakun*, published in the newspaper *O Estado do Paraná*, on December 13, 1961, Paul Garfunkel, an artist and painter of French origin, complains that the Fine Arts Salon is being invaded by modern artists, or rather abstractionists, and that the presence of works by the "old chevronné painters", such as himself and Bakun, is only maintained in exceptional situations, as in the case of the agreement signed between the jury and Ennio Marques Ferreira, who was then organizing the event. Publicly, Garfunkel offered the space of his solo exhibition, which was taking place simultaneously in Curitiba, to host his friend's work, suggesting to Bakun that he withdraw them from the Salon, as he himself had already done. Bakun, however, did not withdraw his work on this occasion, just as he did not participate in the Art Salon of the Pre-Judged in 1957. At that time, in Curitiba, a new generation of artists and critics were fighting to affirm abstractionism in the art world, which ended up reducing the visibility of figurative artists. The work *Sophism* was immediately acquired by Oscar Martins Gomes and is currently in the collection of Walter Gonçalves.

He participates in the group exhibition *Painters from Paraná State Today*, in Ponta Grossa.

During this period, the artist needs medical treatment for his physical and mental health, due to depression, but he does not accept the prescribed medication.

**1962** He exhibits at the 14<sup>th</sup> Spring Fine Arts Salon of the Concórdia Club, in Curitiba. The paintings *Remaining* and *Coffee Harvesters* are exhibited.

By invitation of Oscar Martins Gomes, Bakun spends a season on his farm in *Bela Vista do Paraíso*, in the north of Paraná State, where he produces various studies and paintings about coffee planting and harvesting. In these paintings, the artist began to use the color red, as a result of the color of the earth in the region.

He was awarded the Arno Iwersen Acquisition Prize in *Painting at the Salon of Paraná State (the unification of the 18<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon and the 3<sup>rd</sup> Curitiba Salon)*. This event receives Brazilian artists and critics, welcoming new artistic trends. The jury included Frederico Moraes, Mário Pedrosa, Nelson Coelho and the organizers Eduardo Rocha Virmond and Ennio Marques Ferreira. Brazilian artists Antônio Henrique Amaral, Rubens Gerchman, Anna Bella Geiger and Tomie Ohtake took part. Of the four works entered by the artist, all entitled *Landscape*, only *Landscape (Coffee Plantation)* is included. The painting was going to be awarded the Acquisition Prize in cash, but because it no longer belonged to the artist, but to the collector Oscar Martins Gomes, he was unable to receive it. Bakun then received a painting kit as a prize, which is considered controversial due to his artistic maturity.

**1963** He paints the work *Our Lady of the Immaculate Conception* and some landscapes, such as *Countryside Landscape with Pine Tree*, which belongs to the collection of the *Museum of Contemporary Art of Paraná*.

On February 14, he commits suicide at the age of 53.

## POST MORTEM

**1963** He is granted with a special room at the 20<sup>th</sup> Paraná State Fine Arts Salon, as a posthumous tribute, in Curitiba.

*Exhibition of 40 of the artist's works and creation of the Miguel Bakun Room, in the basement of the Paraná State Public Library, by the Paraná Fine Arts Circle, in Curitiba. This room is intended for exhibiting works by new artists.*

The writer Walmor Marcelino publishes *Ode to Miguel Bakun*, in the newspaper *Gazeta do Povo*, February 16, 1963. In an excerpt:

*The night is no surprise in your arms  
Body heat and fatigue  
that painting has always been your craft;  
the eyes of dirty fabric  
- reflect the shifting city -  
And only retain their luster if you transport  
To the canvas the colors of the forest.*

**1965** The Curitiba City Council, by Bill No. 2.748, of December 31, creates the *Miguel Bakun Street*, in the *Guabirota* neighborhood.

**1968** The second Miguel Bakun Room is created for temporary exhibitions, housed in the Department of Culture of the Secretary of Education and Culture of Paraná (SECE), in its temporary headquarters at the Augusto Stelfeld Street, 248, in Curitiba.

**1969** *Retrospective Six Years Later*, at the Public Library of Paraná State, promoted by SECE, in Curitiba. The organizers were Nelson Padrella, Luís Carlos de Andrade Lima and Vasco José Taborada.

**1970** The Miguel Bakun Free Painting Studio is set up in the Rui Barbosa Square next to the Square of the Theater, directed and guided by Jair Mendes, in Curitiba.

*The painting Yellow Tree, considered one of the artist's most significant, is stolen from the Department of Culture of the Paraná Department of Education and later recovered. Today it belongs to the collection of the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**1972** Collective exhibition *Artists from Paraná*, at the *Cocaco Gallery* in Curitiba.

**1973** Art Exhibition - Private Collections, at the exhibition hall of the Paraná Development Bank (BADEP), coordinated by Domicio Pedroso, in Curitiba.

**1974** Miguel Bakun Retrospective, at BADEP, organized by coordinator Domicio Pedroso, with 95 works on show in Curitiba. The catalog includes a critical text by Eduardo Rocha Virmond and a selected collection: Miguel Bakun's pentagram, by Valêncio Xavier; *Ode to Miguel Bakun*, by Walmor Marcelino, among others.

**1976** Exhibition *Panorama of Art in Paraná State II - Disciples of Andersen & Independent Artists*, at BADEP, in Curitiba.

Nelson Luz writes Bakun, a text published in 2009 in the book *Miguel Bakun - The Nature of Destiny*. The author says: "Bakun is involvement, tension, diviner of the chaos-logos, listener to the mystery. He made himself. Only humble, naked, can someone be like that" (LUZ, 2009, p.101).

**1977** Paraná Exhibition: Art and Economy, at BADEP, in Curitiba.

*Solo exhibition Miguel Bakun Fortnight*, at *Gallery SH 316*, in Curitiba.

**1978** *The Landscape of Paraná*, at the *Acaia Gallery*, in Curitiba.

*Presence of the Sea*, at the *Eucatexpo Gallery*, in Curitiba.

*Exhibition and catalog Tribute to Bakun*, at the 2<sup>nd</sup> Week of Art and Culture, at *Clube Curitibaano*, in Curitiba.

*Miguel Bakun retrospective, with 27 works, in the exhibition room of the Londrina Commercial Association, in Londrina.*

**1980** Miguel Bakun Retrospective, with the inauguration of the third Miguel Bakun Room at the Paraná State Public Library in Curitiba. There is a total of 105 works by the artist. Professor, historian and art critic Adalice Araújo states in her text *Miguel Bakun*: One of the most authentic expressionists from Paraná: "Tremendously sincere, as a consequence, his painting will be subjective, because he will never

cease to be a pure, naive and instinctive, and at the same time a hypersensitive who will keep intact the expression of a dramatically human message" (ARAÚJO, 1980).

Collective exhibition From Expressionism to Conceptual Art, at the National Encounter of Art Critics, at the Curitiba Cultural Foundation.

**1982** His work is included in the book Painters of the Paraná State Landscape, published by the State Secretariat for Culture and Sport (re-edited in 2001 and 2005 by Solar do Rosário/SECE), in Curitiba. Bakun participates with six works.

Published in the Weekly Supplement of the newspaper O Estado do Paraná, on November 12, 1982, n.86, texts by Luiz Groff, Dionísio da Silva and Paulo Leminski on Miguel Bakun.

**1984** Exhibition Tradition and Rupture - 20<sup>th</sup> Century Modernism, curated by Ana Maria Belluzzo and Ivo Mesquita, at the São Paulo Biennial Foundation (FBSP), in São Paulo. It features the works Anchored Boat, from 1957, Navy and Sapucaia.

Exhibition Artists from Paraná, at the Álvares Penteado Foundation, in São Paulo.

Exhibition Iguaçú Palace Collection, at the Banestado Savings Art Gallery, in Curitiba.

Realization of the film Bakun's Self-Portrait, by Sylvio Back, with the collaboration of Nelson Padrella in the research and script, in 16 mm and 43 min. Produced by the Paraná State Secretariat and supported by Embrafilme and the Curitiba Cultural Foundation. In 1984, the film won the Glauber Rocha Award for Best Film at the 13<sup>th</sup> Brazilian Short Film Festival, a Special Jury Mention at the 1<sup>st</sup> Rio de Janeiro International Film, TV and Video Festival and the Best Cinematography Award at the 1<sup>st</sup> Caxambu Film Festival.

Conducted by a narrative of mysticism, the artist speaks through a medium. Several testimonies from friends, relatives and intellectuals are recorded. The artist's friend and professor Thomaz Wartelsteiner reports in the film:

When Bakun looked at a tree, a pine tree especially, a field, a flower, he often commented that he saw images, human figures, but generally figures that transcended the very condition of the ordinary image. I attribute this to his extremely high sensitivity. He was a creature that, undoubtedly, was endowed with paranormal gifts. He was a naturalist par excellence. But he saw beyond the conventional image. And this was a terrible drama for Bakun, because since he loved nature excessively, how could he mutilate it, to put that inner form that he saw? (Bakun's Self-Portrait, 1984).

Newton Stadler de Souza's biography of the artist is published in the book Bakun, Lítero Técnica, 1984, in Curitiba. The artist's life and work are commented on through the prism of his existential problems and conflicts between form and color, health and illness, mysticism and fetishism, inside the cultural context of Curitiba in the 1940s and 1950s.

Jorge Carlos Sade, artist and gallery owner, writes in A 3x4 little portrait, in Revista Maki, July 1984, No.1, Curitiba: "Bakun's Curitiba is, foggywhite, frostwhite, coldwhite, Bakunwhite. It's cerulean blue, navy-blue, autumnblue, Bakunblue. Ipe-yellow, pine-green, lily-whiteness, behold Bakun. Yellowish greens, blueish grays, autumnwhites, total Bakun, the genuine Curitiba" (SADE, 1984).

Bakun appears in the book General History of Art in Brazil, v. 2, by Walter Zanini, São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, in the chapter Aspects of Art in Various States, p. 640.

**1985** The work The Door of Dreams is exhibited at the 18<sup>th</sup> São Paulo International Biennial, in the exhibition Expressionism in Brazil: Heritages and Affinities, curated by Stella Teixeira de Barros and Ivo Mesquita, at the FBSP, in São Paulo.

**1986** Exhibition Tradition and Contradiction, curated by Maria José Justino, at the Museum of Contemporary Art of Paraná (MAC-PR), in Curitiba. It features the works: Landscape with Peach Tree, Landscape with Blue Tree and Calla lilies.

Exhibition Artists from Paraná awarded in the 42 editions of the Paraná State Fine Arts Salon, at the MAC-PR and the Guido Viaro Museum, in Curitiba.

Inaugural exhibition of the Paraná State Art Museum, which brings together a significant collection recovered and handed over to the people from public institutions and organizations in Curitiba.

Published in the newspaper Correio de Notícias on July 25, 1986, the text Bakun, by Paulo Leminski:

The Austrian passport. The surname, Slavic. The name, Miguel, an angel's name, an archangel's name, the face, in the photo, angular, and the pained Polish look. Miguel Bakun, Curitiba's greatest painter, the only one, in this land of artisans, touched by the wing of genius, the mortal wing, the sign of the passing of the angel of life and death, the forever photographed. (Correio de Notícias, July 25, 1986).

**1987** Miguel Bakun – unseen works, at Studio R. Krieger, in Curitiba.

The Project Artwork of the Month May features Bakun's Portrait of Romanowski, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

**1988** Inaugural exhibition at the Curitiba Municipal Museum, in Curitiba.

The Project Work and Artist of the Month, features the work Blue Tree, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

**1989** Exhibition Miguel Bakun 25 Years Later and inauguration of the fourth Miguel Bakun Room, at the headquarters of the Paraná State Department of Culture, curated by Ennio Marques Ferreira, in Curitiba. The exhibition features 101 works. The exhibition catalog and the video Miguel Bakun 25 Years Later are produced, directed by Heloísa Passos and Lucila Bruetto, SECE. On this date, the artist would have celebrated his 80<sup>th</sup> birthday.

The Newspaper Nicolau, issue 22, year 1989, published by SECE, contains several texts and poems dedicated to the artist. The writers are: Rodrigo Garcia Lopes, Joaquim Esteves, Eliane Prolik, Sérgio Rubens Sossélla, Walmor Marcelino and Wilson Bueno. In the main text entitled Who Killed Bakun? Rodrigo Garcia Lopes states:

In Bakun, the presence of nature is total. He identified himself with nature in its dynamic activity. It was in nature that the artist found the driving essence, the creative impulse that would give rise to all his talent. He maintained a poetic telepathy, a direct and sincere gaze towards nature. Only there - in wheat fields, waving clouds, dirt roads and pine trees - did Bakun find the peace he needed to ease his pain. A pain that gradually lightened, as did his palette, until he saw the full light that he said he saw during his mystical phase (Jornal Nicolau, 1989, p. 19-21).

Exhibition Miguel Bakun 25 Years Later, at the Curitiba Municipal Museum, in Curitiba.

Paraná State Art - Collection, at the Municipal Art Museum, in Curitiba.

Exhibition The Self-Portrait in Paintings from Paraná State, at the Paraná State Art Museum, in Curitiba.

Presentation of the play Miguel Bakun: Life, Work and Death, with booklet, text by Newton Stadler de Souza (adapted from his book Bakun), directed by Wasyl Stuparyk and with the participation of amateur actors, at the theater of the Pontifical Catholic University of Paraná, in Curitiba.

**1990** Poty Lazzarotto produces a portrait of Miguel Bakun, belonging to the Walter Gonçalves collection.

**1991** Abstract Art Exhibition - MAC Collection, curated by João Henrique Amaral, in Curitiba.

Collection - Human Figure, Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

Exhibition of the Municipal Art Museum Collection, in Curitiba.

**1992** City Views - Exhibition of the Collection, at the Municipal Art Museum, in Curitiba.

Presence of God - Collection, Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

**1993** Exhibition Homage to Miguel Bakun, at the Guido Viaro Museum, in Curitiba.

Miguel Bakun exhibition, a tribute to the 30<sup>th</sup> anniversary of the artist's death. Seven works from the artist's collection and his easel are exhibited at the Paraná Art Museum, in Curitiba.

Thirty years without Miguel Bakun, exhibition at Galeria Mold'Arte, in Curitiba.

Curitiba Expressed in Art, at the Municipal Art Museum, in Curitiba.

**1994** Biennial Brazil 20<sup>th</sup> Century, in The Modernism module, curated by Anna Teresa Fabris and Tadeu Chiarelli, at the São Paulo Biennial Foundation, in São Paulo. Exhibited are: Untitled ("Paranaguá Port Quay"), Untitled ("Araucaria Backyard") and Untitled ("Field Landscape with Pine Tree"), works from MAP and MAC/PR. Bakun's painting was featured in the exhibition and commented on in the newspapers of the time as a discovery of Brazilian modernism, generating controversies.

**1995** 50 Years of Paraná State Salon Retrospective Exhibition, curated by Maria José Justino, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

Collection on Display, curated by Domicio Pedrosa, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.

Project Municipal Artistic Collection - Acquisition of Works, by the Curitiba Cultural Foundation and the Solar do Rosário Cultural Association, at the Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

**1996** Brazilian Authors - Collection, at the Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

**1997** Exhibition Body Representation, at the Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

Project Brazil Reflection 97, at the Curitiba Metropolitan Museum of Art, in Curitiba

Miguel Bakun exhibition, curated by Ronald Simon, at Mold'Arte Gallery, in Curitiba. In the brochure, the curator writes:

*Even though he doesn't use a method, Bakun, as we can see in this exhibition, has a certain order, certain procedures that distance him from the so-called naive painters. He doesn't let himself be enchanted by pure color, by obvious contrast. Armed with intuition and practice, Bakun elaborates a very personal, strong language through the elements contained in his work (SIMON, 1997).*

**1998** Exhibition Paraná Art: Renewal Movement, curated by Fernando Bini, at the Caixa/CEF Gallery, in Curitiba. The painting Landscape with Pear Trees is exhibited.

**1999** Exhibition Our Modernity, at the Curitiba Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

Body Representation II, at the Curitiba Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

**2000** Rediscovery Exhibition - Brazil 500 years, at the São Paulo Biennial Foundation, in São Paulo.

*Bakun is the subject of Eliane Prolik's monograph, Miguel Bakun - The Nature of Destiny, under the guidance of critic and art history professor Ronaldo Brito, in the Postgraduate Course in 20<sup>th</sup> Century Art History at the Paraná State School of Music and Fine Arts in Curitiba. The study deals with the quality of the artist's production, his trajectory, his relationship with the production of Brazilian late modernism, and describes:*

*Formal freedoms and technical limits were simultaneously given to him and experienced in his work. The reduction of his technical resources did not prevent the potentialization of his poetics. Look at the pictorial eccentricity achieved by the few colors in his palette, markedly yellow, blue, green and white, and the composition tensioned by events at the extremities of the painting's lateral edges, a resource that emphasizes the sense of extension of the surface and produces a kind of friction and displacement of the importance of the subject in the painting. This is probably the result of the photographic technique that the artist experimented with, adapting this technique to painting in the composition of the image to be represented in the landscapes. [...]*

*[...] It can't be said that the artist was a colorist, even though he developed a coloristic vocabulary that favors yellowish-green, bluish-grey and other tones. His colors are not in*

*tension with greater contrast and luminosity, they are blurred and do not have vibrant autonomy in their relationships. Just like their spatiality, their colors are confirmed in half-voice and unite with the shifting whole of the painting. This produces material aggregates that don't add up due to the immediate freshness of their transparency. Denser and more opaque, they are displaced by the action of the brushstrokes; impregnated with the artist's use and suffered experimentation, they resemble washed-out or second-hand colors. [...]*

*[...] The uniqueness of Miguel Bakun's work is realized in the pictorial event of the canvas by using, above all, the resource of proximity. Compacted, the areas and colors of the landscape articulate and interpenetrate. In an intimate way, this painting configures tight and rhythmic material spacings. His work reduces the distances between the painter and the motif, between the subject and nature and between the various planes and elements of the landscape, bringing the viewer closer to the painting in order to understand it, to see it. [...]*

*[...] His landscape, which is not at all Faustian or grandiloquent, holds on to the melancholy of everyday life with obstinacy. The wandering, untamed and intimate nature demonstrates man's loneliness in the face of destiny. The migrant self is surrounded by physis (nature), the force that generates and maintains the world that surrounds him (PRO-LIK, 2000, p. 11, 13 and 14).*

**2001** Exhibition The Paraná State Landscape & its Painters, at the Casa Andrade Muricy, in Curitiba.

Publication of the children's book Miguel Bakun - that blue, yellow, green, by Luciano Buchmann, through the Municipal Culture Incentive Law, in Curitiba.

**2002** Banestado Collection - Art from Paraná Revisited, at the Casa Andrade Muricy, in Curitiba.

A Selection of the Collection, at the UFPR Art Museum, in Curitiba.

Paraná State Panorama, at the New Museum, now the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.

**2003** Exhibition A View on Art from Paraná - Collection of the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.

The Modern Discourse, at the Curitiba Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

Exhibition Miguel Bakun, curated by Suely Deschermayer, at the Pinacoteca of the Clube Curitibano, in Curitiba.

Exhibition Miguel Bakun, curated by Suely Deschermayer, at the Oscar Niemeyer Museum in Curitiba. 143 works are included. The works from the Walter Gonçalves collection taking part in the exhibition are: In the Clearing, c.1957; River mouth, n.d.; Untitled (Ship), n.d.; Untitled (Hovel), n.d.; Transcendent, n.d.; Sprout (Detail of palm blossom), 1954; Untitled (Dahlia, brushes and books), 1940.

*It is the subject of Katiucya Perigo's master's dissertation, supervised by Ana Maria de Oliveira Burmester, in the History Postgraduate course at the Federal University of Paraná. In her dissertation To Be Seen is To Be Dead - Miguel Bakun and the Artistic Environment of the State of Paraná (1940-1960), the author comments on the artist's difficult insertion into his cultural context.*

**2004** Exhibition by Tomie Ohtake - On the spiritual weave of Brazilian art, curated by Paulo Herkenhoff, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.

**2005** Exhibition Place, curated by Paulo Reis, at the UFPR Art Museum, in Curitiba.

Figures in the FCC Collection, at the Curitiba Metropolitan Museum of Art, in Curitiba.

**2006** Show Fragments of Modernity - Works from the Collection of the Oscar Niemeyer Museum, curated by Ennio Marques Ferreira, Fernando Bini, Fernando Velloso, Geraldo Leão and Maria José Justino, in Curitiba.

*Exhibition Other 60's: The MAC Collection in the 60's (and 70's), curated by Artur Freitas, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.*

*Paraná - Pathways of History and Art, a traveling art-education exhibition in various cities in Paraná, by the State Culture Department, Paraná State Government.*

*Creation of the Miguel Bakun Room, which is now Room 7, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**2007** *Exhibition Moments of Art - Collection of the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*Art in Space and Time - Collection of the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**2008** *Exhibition Project Museum at School, at the Curitiba Memorial, in Curitiba.*

*A reading of the Collection of the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**2009** *Exhibition and launch of the book Miguel Bakun - The Nature of Destiny, at the Casa Andrade Muricy, in Curitiba. This project commemorates the 100<sup>th</sup> anniversary of the artist's birth. The book is based on the postgraduate research by Eliane Prolik and includes the texts Concise, Convulsed, by Ronaldo Brito; Miguel Bakun and the Dispersion of the Landscape, by Artur Freitas and Bakun, by Nelson Luz, with funding from the Municipal Culture Incentive Law. The exhibition featured 43 paintings and 8 drawings, as well as a round table discussion. From the Walter Gonçalves collection, the paintings in this show are: In the Clearing, c. 1957 and River mouth, n.d. For the publication, Ronaldo Brito wrote his first text on the artist:*

*His modest paintings, marginal in the strictest sense, grab the world, his little moment of the world. Voracious in their own way, they take it over by their crude and brusque drawing, above all thanks to a distressed paint that absorbs the landscape through its pores until it becomes one with the artist. [...]*

*Here we have a modern fate of an artist, who invents in isolation, as best he can, the means and modes of his painting. Even because - his canvases repeat it ad infinitum - he feels alone in the world. It's obvious: you have to consider the almost virgin cultural environment in which he moved and allowed his painting to converse with shadows. But they were living shadows, still active. Van Gogh's lyrical yearning, for example, was a constant, irreplaceable companion. It teaches Bakun the path of an art capable of transfiguring the world in the image of the artist's Self. Let's not even think about unreasonable comparisons: let's just note a difference in instinct. Van Gogh takes reality by storm, drastically alters the scenic cube, forces unprecedented chromatic contrasts, almost drags us along with his impasto of paint, but all this fervor is imminently communicative. Miguel Bakun's humble, furtive manners exclude appeals to the Other, they seek aesthetic communion between the stray Self and a nature, no longer with a stable foundation, that can confirm his solitude and promptly redeem him (BRITO, apud PROLIK, 2009, p. 6-7).*

*Launch of the Virtual Museum and the creation of the Miguel Bakun Art and Communal Space, at the Paraná State Secretariat for Culture, also to commemorate the centenary of Miguel Bakun's birth, in Curitiba.*

*The text Bakun, the greatest, by Fabrício Vaz Nunes, is published in the newspaper Gazeta do Povo. The researcher writes:*

*It is precisely because of his almost religious commitment to an absolutely subjective technique that Bakun's painting impresses. His painting represents the world as a whirlwind of dirty brushstrokes, constructing each thing represented with a different procedure. Bakun invents at the same time as he makes. Here, a thick brushstroke, in a short horizontal line, reveals the top of an araucaria tree in blue; there, the diluted paint represents the surface of a lake, full of incoherent reflections (Gazeta do Povo, Aug. 04, 2009).*

*Solo exhibition Miguel Bakun – Nature and Destiny, curated by Eliane Prolik, at the Institute of Contemporary Art in São Paulo. A total of 26 paintings and 1 drawing were exhibited. From the collection of Walter Gonçalves, the painting In the Clearing, c. 1957, is part of this exhibition. In the exhibition's introductory text, critic Rodrigo Naves writes about the artist:*

*When properly evaluated, Bakun's oeuvre can acquire a weight that we currently don't even suspect. And this not because he constitutes an eccentric singularity, an emblematic romantic figure that worth more than his painting. As Ronaldo Brito rightly warned, turning him into just another case in the national art scene would be a disservice. Bakun's best paintings - whose irregularity should not be hidden - create an original and dissonant representation of our nature. Far removed from both the simple and welcoming nature of Tarsila (in the Pau-Brasil phase) and the porous and sad world of Guignard, Bakun's reality reveals both intense and dark traits.*

*The painter's reduced palette - generally limited to yellow, blue, green and white - achieves a form of representation in which light and shade, vivacity and abandonment coexist in a problematic and innovative way, both in pictorial terms - light and shade are never shown as chiaroscuro - and from the point of view of a conception of reality. Bakun's yellows suggest an affirmative reality that his blues immediately confront (NAVES, 2009).*

*The journalist Antônio Gonçalves Filho comments in his article Oitica and Bakun, a journey into the light, in the newspaper O Estado de São Paulo, on November 7 2009:*

*Light is a key word for understanding Bakun's painting. At the height of geometric abstractionism, dominant in the 1950s, he painted landscapes with a limited palette of colors - coincidence or not, the four of the Brazilian flag: green, yellow, blue and white. "The first impulse, a little simplistic" is to turn Bakun 'into one of those misplaced expressionists', observes critic Ronaldo Brito in the exhibition catalog. Oswaldo Goeldi (1985-1961), in fact, is a name that immediately comes to mind when you see Bakun's drawings, especially since there is a self-portrait in the exhibition (from 1948) in which the artist looks like one of those solitary characters from the great expressionist master from Rio de Janeiro.*

*However, as Eliane Prolik, the exhibition's curator, assures us, Bakun's self-taught painting is not indebted to tradition, but to intuition, despite the fact that many associate him with Van Gogh - and this not only because of his use of yellow, but also because of his mystical religiosity and the landscapes in which the human figure appears amalgamated with nature (O Estado de São Paulo, Nov. 7, 2009).*

**2010** *Exhibition and book-catalogue Miguel Bakun - On the Edge of the World, curated by Ronaldo Brito and Eliane Prolik, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba. 48 paintings and 14 drawings are exhibited. From the Walter Gonçalves collection are included the painting In the Clearing, c. 1957 and the drawings Untitled, 1948, charcoal and graphite on paper and Untitled, 1954, India ink on paper.*

*The curators comment on this in the catalogue text:*

*[...] alongside Guignard and Pancetti, Goeldi and Segall, Bakun's painting and drawing make perfect sense - his élan and his anguish emerge and could only emerge in the midst of a precarious but already inescapable modern Brazilian life. [...] Miguel Bakun, for his part, had the task of giving a remote nature, without a historical portrait - and which didn't even exude the tropical perfume that excited the European imagination - its modern lyrical physiognomy. He was the first to transfigure it in the full sense of the term: to make it the expressive subject of his art.*

*And, as is usually the case with significant artists, everything that at first conspired against him ended up favoring him, helping to shape the unique feature of an exceptional destiny. Starting with the elemental solitude, both physical and cultural, of those places, tailor-made for the legendary melancholy of the Slavic soul. Bakun felt perfectly at home there, in other words, an eternal foreigner. His important moments, which really set him apart, are modest and stripped down: small, elusive, somewhat oblique canvases that seek to surprise and illuminate forgotten corners of the world.*

And yet, our key to reading Miguel Bakun's oeuvre is precisely the broader concept of being in the world, emphasizing its existential dimension and thus its intrinsically modern character. And that, by definition, does not fit into regional boundaries. Of course, Bakun is not a chronicler or explorer who studies the nature of Paraná. Rather, he metabolizes it as the main poetic material of his spirit. Strictly speaking, the light in his paintings already retains little of the local color - it is a pictorial light, personalized, equal to itself, almost completely independent of circumstances. In the same way, his slight but effective distortions of perspective are the result of precise and unique expressive calculations that, needless to say, are unreachable by academic rules. With all the accidents along the way, the inevitable concessions, the frequent ups and downs - and this in an intellectual environment even more unprepared than the one where Guignard and Pancetti were working, to name two painters with whom he would have had affinities, and who didn't escape the same sad fate themselves - Miguel Bakun ended up doing among us what few, very few artists managed to do before the 1950s: transform the practice of art into an authentic way of life (BRITO; PROLIK, 2010, pp.13-15).

*Exhibition Bakun: Return to Origins at the Pechersk Gallery, in Kiev, Ukraine, with support from the Government of Paraná State. 33 works are featured.*

*Book and exhibition The Brazilian Art in the Collections of Curitiba - A Journey through the Museums of the FCC, at Solar do Barão, organized and curated by Daniela Vicentini and Fernando Burjato, in Curitiba. The works include Paranaguá Port Quay (from MON) and Countryside Landscape with Pine Tree (from MAC-PR).*

*Collective exhibition Port Series, commemorating the 75<sup>th</sup> anniversary of the Harbour of Paranaguá, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*The Cultural Foundation of Curitiba receives a donation to its collection of the painting Untitled, in oil on cardboard, and four Untitled drawings, dating from 1952, in India ink on paper, from the project Miguel Bakun - The Nature of Destiny.*

**2011** *Exhibition Gaze & Thought, curated by João Henrique do Amaral, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.*

*Multiple Faces, curated by Lenora Pedroso, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.*

*Itinerant exhibition Desire for the Salon - Paraná State Fine Arts Salon: a Retrospective, curated by Maria José Justino, Program of Itinerant Exhibitions of Museum Collections, organized by the Museum of Contemporary Art of Paraná, and shown at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**2012** *Exhibition PR/BR - Production of the Symbolic Image of Paraná in Brazilian Visual Culture, curated by Maria José Justino, Paulo Herkenhoff and Paulo Reis, at Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*Exhibition of Works from MuMA's Collection up to the 1980s, Portão Cultural, Curitiba.*

*Itinerant exhibition Desire for the Salon - Paraná State Fine Arts Salon: a Retrospective, curated by Maria José Justino, Program of Itinerant Exhibitions of Museum Collections, organized by the Museum of Contemporary Art of Paraná, at the Cultural Centre Raul Juglaire - Gallery Maria Genoveva Argenton, in Pato Branco and at House of Culture of UEL, in Londrina.*

*The São Paulo State Pinacoteca receives the donation of three works by Miguel Bakun to integrate its collection: Untitled (undated), oil painting, Untitled (1946) graphite on paper and Untitled, ink on paper. Donated by the Prolik family.*

**From 2012 to 2020**, the donated painting Untitled is featured in the exhibition Art in Brazil: A History, at the São Paulo State Pinacoteca, Pina Luz, in São Paulo.

**2013** *Exhibition Museological Geodesy - Art as Real or Imaginary Cartographic Representation, curated by José Francisco Alves, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.*

*Exhibition Violeta Franco: Little Garage (Garaginha) and Modern Art in Paraná, curated by Fernando Bini, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

**2014** *Exhibition Tupi or not Tupi, curated by Consuelo Cornelsen, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*Guided Tour Exhibition - MusA Collection and the Criticism of Adalce Araújo, curated by Paulo Reis, at the UFPR Art Museum, in Curitiba.*

**2016** *Exhibition Every Window is a Projectile, a Project, a Landscape, curated by Paulo Miyada, at SIM Gallery, in Curitiba.*

**2017** *Exhibition Light and Matter, curated by Agnaldo Farias, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*From Oil to Resin: Plastic Diversity in the MusA Collection, at the UFPR Art Museum, in Curitiba.*

**2018** *Sensible Times - Exhibition of the Collection, curated by Agnaldo Faria, at the Museum of Contemporary Art of Paraná, in Curitiba.*

**2019** *Exhibition Learning from Miguel Bakun: Subtropical, curated by Luise Malmaceda and Paulo Miyada, at the Tomie Ohtake Institute, in São Paulo. Thirty-five of Bakun's works are exhibited and the show has three sections: the southern landscape with works by the artist, Alfredo Andersen, Caio Reiszewitz and Marcelo Moschetta; Bakun against the Brazilian modernist backdrop with landscapes by Alfredo Volpi, Alberto Guignard, Iberê Camargo, José Pancetti and Bruno Lechowski; and the third section with contemporary artists such as Marina Camargo, Lucas Arruda and Fernando Lindote, who deal with the theme of landscape. The curators state in the catalog:*

*[...] the work of artists such as Bakun, Pancetti, Volpi, Guignard and Camargo can sign the emergence of visual thinking about cultural relations expressed in everyday perception. In the landscape imaginary of each of them, different parts of the country are present, seen up close and at length. At the same time, the landscapes painted by these artists in the first decades of their careers functioned as laboratories for expanding vocabulary and syntax in the ways of seeing and showing something, leaving their mark both on the later production of each of them and on the general repertoire of Brazilian art (MALMACEDA; MIYADA, 2019, p.77).*

*Antônio Gonçalves Filho comments on the show in his article Exhibition sheds light on the work of Paraná artist Miguel Bakun, in the newspaper O Estado de São Paulo:*

*Two painters who are part of the exhibition dominated by Bakun's paintings stand out in the exhibition for their intimate dialog with his art, even though they were not close: Volpi and Guignard. For both of them - and also for Bakun - Cézanne's maxim applies, for whom art operates a miracle, precisely "that of transforming the world into painting". Even if they didn't share Bakun's belief in a supernatural dimension, Volpi and Guignard, like Cézanne, were also working this miracle by transfiguring the landscape. They didn't restore the appearance of the visible world on the canvas, but, as Merleau-Ponty said of his fellow painter, they attached the part of the invisible which was perceived in a concealed manner by the artist (O Estado de São Paulo, May 06, 2019).*

*Miguel Bakun solo show, at Galeria Simões de Assis, in São Paulo. The exhibition catalog includes the text By Osmosis by Ronaldo Brito, Miguel Bakun: A Precarious Greatness, by Paulo Pasta, and Bakunianas, with excerpts by Luise Malmaceda and Paulo Miyada. The exhibition features 40 works by the artist. Paulo Pasta, an admirer of Bakun and a significant painter today, points out:*

*[...] no heroic accents or grandiose views can be found in his landscapes. Nor does nature portraits resounding tones. They are mostly scenes from his place of origin, made interesting by his ability to grasp what it is about them that is distant and lost. The best ones, to me, look like backyards, a place that is usually domestic, reserved, hidden away. Bakun seems to be one of the best interpreters of this uncertain space that is paradoxically full of memories. I remember Iberê saying he wanted to rescue, in his old age, the things forgotten in his childhood courtyard... Those deserted environments have always served as a drive for the poetry of our painters. And quite often they are responsible for the best of their work.*

*I suppose this is the case for Bakun. Maybe what I like most about him is how he constructed and revealed these places on the margins, these landscapes looked through an ordinary gaze, accentuating this state of mind in, and of the landscape, endowing them with a humble greatness [...].*

*[...] Thus, what would be precarious, by contingency, takes on an elevated appearance. This precarious materiality takes on and helps to compose the masterful form of his lyric. Form and content are hand in hand, in reciprocity, to compound the full meaning of such peculiar oeuvre (PASTA, 2019, p.50).*

*Exhibition and urban insertion Our, with images of paintings by Miguel Bakun and texts by Dalton Trevisan, applied to the wall of the Conselheiro Zacarias State College, on Rua Itupava, in Curitiba. The wheatpaste posters exhibition is realized by Eliane Prolik and Larissa Schip.*

**2021** *Exhibition Miguel Bakun Kabinett, Art Basel Miami Beach, by Gallery Simões de Assis, in Miami, USA. Nine works are exhibited. In the catalog's introductory text, curator and independent art historian Ivo Mesquita writes:*

*His originality resides on not committing to any of the two trends that marked the first stage of Brazilian modernism (1922-1951), being it the tradition inaugurated by cubist-constructivist reason, or that of expressionist subjectivity or social engagement. Like Maria Martins (1894-1973) and Oswaldo Goeldi (1895-1961), among a few others outside this modernist dichotomy, his pictorial production, although built with a lot of material and emotion, reveals an artist with an original imagery, an anguished spirit – between depression and mysticism –, who turned his work into a territory of confrontations and pacifications between man, art and nature. His oeuvre is somewhat isolated, the product*

*of a modern subject, hence, an autonomous painting that affirms the transformative power of art (MESQUITA, 2021).*

*In the exhibition Affinities I, curated by Marc Pottier and Juliana Vosnika, at the Oscar Niemeyer Museum in Curitiba, a selection by the artist Constance Pinheiro features: Volcano, by the artist, Seascape, by Miguel Bakun, Untitled, by Anna Maria Maiolino, and Sceptre of Chieftaincy, by the Bamileke Culture.*

*Exhibition Interior Landscapes, with paintings by Miguel Bakun and photographs by André Nacli, at Gallery Simões de Assis, in Curitiba.*

**2022** *The exhibition Affinities II - Elas! features a selection by artist Debora Santiago, including the drawings Untitled, Untitled (Benjamin Constant's Boat), the watercolor Marine, 1952 and the painting Untitled, 1961. Under the general curatorship of Marc Pottier, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba.*

*The Modern Body, exhibition at the Curitiba Municipal Art Museum, in Curitiba.*

**2023** *Exhibition Encounter of Moderns, at Galeria Simões de Assis, in Curitiba. The show brings together Andersen, Bakun, Cícero Dias, De Bona, Di Cavalcanti, Guignard, Pancetti and Viaro.*

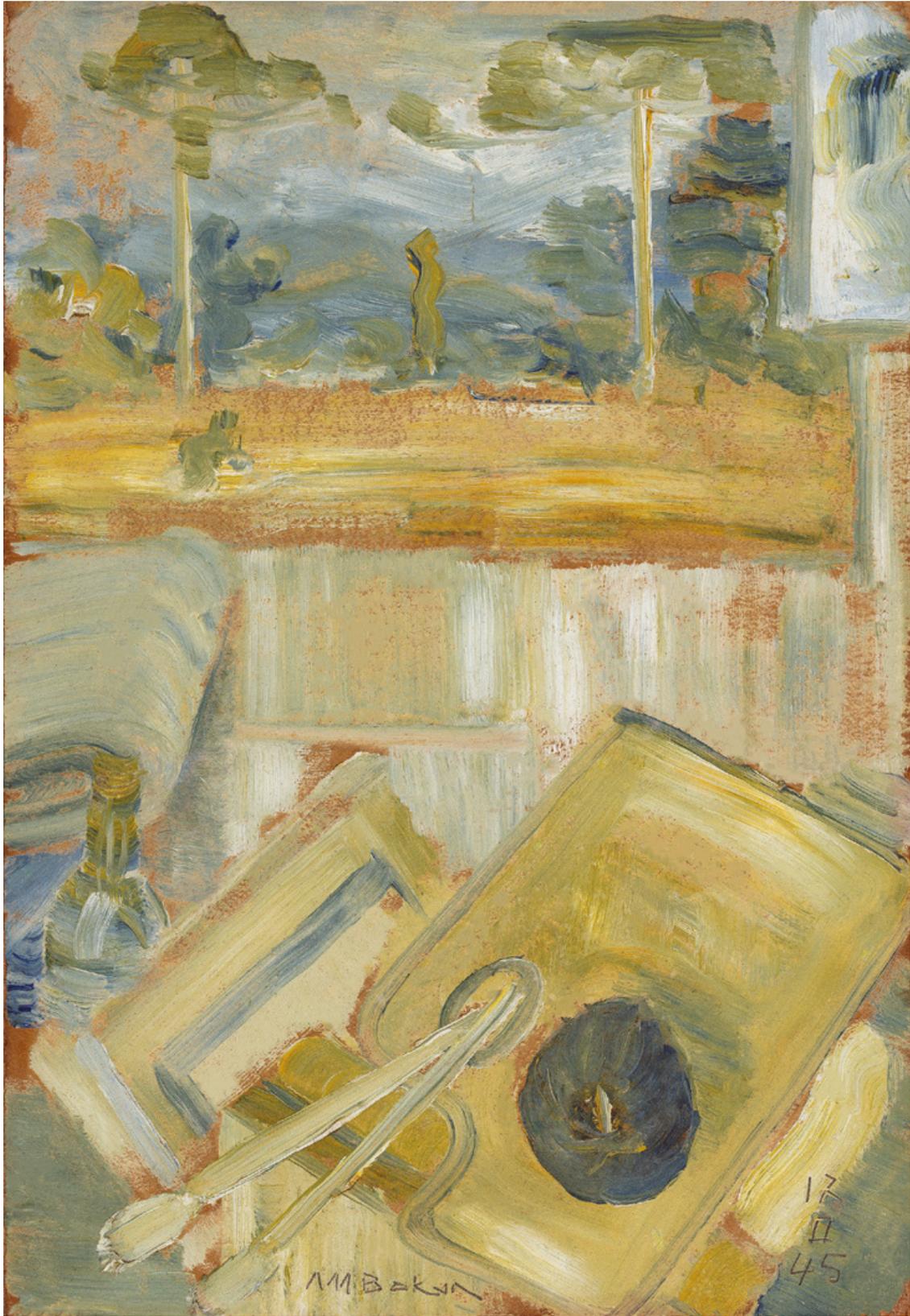
**2024** *Exhibition Before and Now, Far Away and In Here, curated by Galciani Neves, at the Oscar Niemeyer Museum, in Curitiba. Participants include paintings from the museum's collection: Backyard of the Araucarias, Yellow Tree and Rooster Fight and from the Simões de Assis collection: Landscape, from 1951 and Trunks, from 1940.*

*Miguel Bakun solo exhibition at the Mendes Wood Gallery, in Brussels, Belgium. Sixteen canvases are exhibited, including: Flowering Ipe, from 1954, Untitled (Landscape with Araucarias), from 1950 and Untitled (Yellow Dahlias), from the 1940s.*

Page 7 - **Untitled**, 1949, India ink on paper, 16 x 11,5 cm  
 Page 12 - **Untitled**, undated, oil on chipboard, 36 x 26 cm  
 Page 15 - **Untitled**, 1948, graphite on paper, 16 x 12 cm  
 Page 21 - [fig. 1] **In the Clearing**, c. 1957, oil on canvas, 54 x 45 cm  
 Page 22 - [fig. 3] **To Fray**, d. 1960, oil on canvas, 82 x 108 cm  
 Page 23 - [fig. 2] **Untitled**, undated, oil on canvas, 46 x 55 cm  
 Page 24 - [fig. 5] **Untitled (Pine trees)**, undated, oil on canvas, 34 x 27 cm  
 Page 25 - [fig. 4] **Untitled**, undated, oil on canvas, 37 x 26 cm  
 Page 26 - [fig. 6] **Untitled (Pine trees)**, undated, oil on cardboard, 31 x 26 cm  
 Page 28 - [fig. 9] **Untitled (Landscape with a house)**, undated, oil on canvas, 44 x 35 cm  
 Page 30 - [fig. 8] **Untitled (Hydrangeas)**, undated, oil on canvas, 34 x 28 cm  
 Page 31 - [fig. 7] **Untitled**, undated, oil on canvas, 26 x 31 cm  
 Page 33 - [fig. 10] **Untitled**, undated, oil on chipboard, 31,5 x 26 cm  
 Page 37 - [fig. 11] **Untitled**, 1948, charcoal on paper, 16 x 11,5 cm  
 Page 38 - [fig. 12] **Untitled**, undated, graphite on paper, 15,5 x 11 cm  
 Pages 40-41 - [fig. 13] **Untitled**, undated, graphite on paper, 12 x 16 cm  
 Page 42 - [fig. 15] **Untitled**, 1957, graphite on paper, 11 x 16 cm  
 Page 43 - [fig. 14] **Untitled**, 1948, graphite on paper, 13 x 16,5 cm  
 Pages 44-45 - **Transcendent**, undated, oil on canvas, 34,5 x 46 cm  
 Page 46 - **Untitled**, 1960, watercolor on cardboard, 13 x 17,5 cm  
 Page 47 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 26 x 34 cm  
 Page 49 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 35 x 26 cm  
 Page 50 - **Untitled**, undated, graphite on cardboard, 18,5 x 13,5 cm  
 Page 51 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 36 x 27 cm  
 Page 52 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 45 x 55 cm  
 Page 53 - **Untitled**, 1957, graphite on paper, 16,5 x 12 cm  
 Page 54 - **Untitled**, 1954, graphite on paper, 16,5 x 11,5 cm  
 Page 55 - **Sprout**, 1954, oil on canvas, 55,5 x 45,5 cm  
 Pages 56-57 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 47 x 54 cm  
 Pages 58-59 - **Untitled (Ship)**, undated, oil on canvas, 27 x 33 cm  
 Page 60 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 22,5 x 15,5 cm  
 Page 61 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 24 x 16 cm  
     **Untitled (Othelda)**, 1954, graphite and India ink on paper, 12,5 x 16 cm  
 Page 62 - **Untitled (House and pine trees)**, 1950, oil on canvas, 55,3 x 45,5 cm  
 Page 63 - **Untitled**, 1962, graphite on paper, 14 x 21 cm  
 Pages 64-65 - **Suphism**, 1944, oil on canvas, 62 x 76 cm  
 Page 67 - **River mouth**, undated, oil on canvas, 87 x 72 cm  
 Page 69 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 27 x 36 cm  
 Page 70 - **Untitled (Hovel)**, undated, oil on canvas, 45 x 55,5 cm  
 Page 73 - **Untitled**, 1948, graphite and charcoal on paper, 16 x 12 cm  
 Page 74 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 18 x 13,5 cm  
 Page 75 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 13 x 16,5 cm  
 Pages 76-77 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 45 x 56 cm  
 Pages 78-79 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 45 x 55 cm  
 Page 80 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 55 x 45 cm  
 Pages 82-83 - **Untitled**, d. 1950, oil on canvas, 45 x 54 cm  
 Page 85 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16,5 x 12 cm  
 Page 86 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 21,5 x 16 cm  
 Page 89 - **Untitled**, 1957, India ink on paper, 16 x 12 cm  
 Page 90 - **Untitled**, 1954, India ink on paper, 11,5 x 15,5 cm  
 Page 93 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 21 x 19 cm  
 Page 94 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 12 x 16 cm  
 Page 95 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 16,3 x 12,5 cm  
 Page 96 - **Untitled**, undated, graphite and India ink on paper, 11,5 x 16 cm  
     **Untitled**, 1948, India ink on paper, 10 x 14,3 cm  
 Page 97 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 17 x 11,5 cm  
 Page 99 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16,5 x 12 cm  
 Page 100 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16 x 12,5 cm  
 Page 103 - **Untitled**, 1954, graphite on paper, 16 x 12 cm  
     **Untitled**, 1941, India ink on paper, 17 x 12,5 cm  
     **Untitled**, 1954, graphite on paper, 16 x 12 cm  
     **Untitled**, 1954, graphite on paper, 16,5 x 12,5 cm

- Page 104 - **Untitled**, 1956, India ink and graphite on paper, 12 x 16 cm
- Page 106 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 11 x 16 cm
- Page 107 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 16 x 11 cm
- Pages 108-109 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 11,5 x 16 cm
- Page 111 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 11 x 16,2 cm  
**Untitled**, undated, graphite on paper, 11 x 15,5 cm
- Page 112 - **Untitled**, 1952, India ink on paper, 16 x 11 cm
- Page 113 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16 x 12,5 cm
- Page 114 - **Untitled**, 1962, graphite and India ink on paper, 18 x 13,5 cm (front)  
**Untitled**, 1962, graphite on paper, 18 x 13,5 cm (back)
- Page 115 - **Untitled**, 1962, India ink on paper, 17,5 x 13 cm
- Page 116 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16,5 x 12,5 cm
- Page 117 - **Untitled**, undated, India ink on paper, 16 x 11 cm  
**Untitled**, undated, India ink on paper, 11,3 x 16 cm
- Page 119 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 18 x 13,5 cm
- Page 120 - **Untitled**, undated, watercolor on paper, 12 x 16 cm
- Page 121 - **Untitled**, undated, graphite and watercolor on paper, 15 x 20 cm
- Page 123 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 16,5 x 12 cm
- Page 124 - **Untitled**, undated, India Ink on paper, 18 x 13,5 cm
- Page 125 - **Untitled**, undated, graphite on paper, 18 x 13,5 cm
- Page 126 - **Portrait of Pedro Bakun (artist's father)**, 1952, oil on canvas, 49 x 36 cm
- Page 129 - **Portrait of Glaucio Groff**, 1963, oil on canvas, 14,7 x 14,7 cm
- Page 131 - **Untitled**, 1956, oil on cardboard on chipboard, 30 x 20 cm
- Page 132 - **Untitled (Dahlias, brushes and books)**, d. 1940, oil on canvas, 34,5 x 41 cm
- Page 135 - **Untitled (Dahlias)**, undated, oil on chipboard, 32 x 26 cm
- Pages 136-137 - Artist's profile picture
- Page 138 - *The artist with brush, palette and hat, in the backyard of the house on Paraguassu Street*
- Page 139 - *The young Miguel Bakun at the School of Sailor's Apprentices of Rio de Janeiro*  
*The artist in his house on Silva Jardim Avenue*  
*Bakun and Teresa Veneri, his wife*  
*The family of Bakun, with Pedro and Julia in the center, seated, and Miguel, standing on the right. The other siblings, seated from left to right, are Leonardo and Antônio and, standing, Nicolau, Marina, Irene, Leni and Valdomiro*
- Page 140 - **Portrait of João Turin**, 1944, oil on canvas, 47 x 34 cm, Walter Gonçalves collection  
*Hoffmann Building, in Tiradentes Square, location of the collective studio in Curitiba, 1943. Photo by Arthur Wischral*
- Page 141 - *Photo of the quay at the Port of Paranaguá, attributed to Bakun by the artist's family*  
*Bakun in Curitiba*
- Page 142 - *Miguel Bakun, **Untitled**, undated, oil on canvas, 36 x 27 cm*  
*Arthur Wischral, Guaraqueçaba, 1928, Reisebilder vom Paranaenser Meeresstrand (Photo Album, Trip to the Coast of Paraná State)*
- Page 143 - **Bachelor**, undated, oil on cardboard paper, 32 x 26 cm, Walter Gonçalves collection  
**Portrait of Miguel Bakun**, by Loio Pêrsio, 1951, graphite on paper, 33,5 x 30 cm, Walter Gonçalves collection
- Page 144 - *Trip to the 1<sup>st</sup> São Paulo Biennial. Picture from inside the bus with Bakun, Werner Hering, Renato Pedroso, Zezo Negrão, Fernando Velloso, Heroniades Trindade. Standing, Francisco Betttega. Photo: Domicio Pedroso*  
*Valêncio Xavier, in the Bakun's studio, 1954*  
**Re-making yourself (Portrait of Valêncio Xavier)**, 1954, oil on canvas, 60 x 45 cm, Walter Gonçalves collection
- Page 145 - *From right to left: Guilherme Matter, Vasco José Taborda, Nelson Luz and Bakun at an exhibition*  
*Bakun, Werner Hering, Alcy Xavier, Paulo Gnecco, Domicio Pedroso, Fernando Velloso and Guido Viaro at an exhibition by Domicio at the Paraná Public Library*
- Page 146 - *Bakun on Guaratuba beach, on the coast of Paraná, in a photo from the artist's family collection*  
**Untitled**, undated, charcoal on paper, 16 x 11,5 cm, Walter Gonçalves collection
- Page 147 - **Untitled**, undated, graphite on canvas, 83 x 62 cm, Walter Gonçalves collection
- Page 148 - *Miguel Bakun in the 1960s*
- Page 150 - **Portrait of Miguel Bakun**, by Poty Lazzarotto, 1990, marker pen on paper, 40 x 30 cm, Walter Gonçalves collection
- Page 161 - **Untitled**, undated, oil on canvas, 36,5 x 27 cm
- Page 179 - **Untitled**, 1945, oil on paper on chipboard, 24 x 16 cm





Sem Título, 1945, óleo sobre papel em aglomerado de madeira, 24 x 16 cm

**Coordenação editorial** | *Editorial coordination*

Eliane Prolik

**Textos** | *Texts*

Adolfo Montejo Navas e Ronaldo Brito

**Cronologia e pesquisa** | *Cronology and research*

Eliane Prolik, Luiza Urban e Walter Gonçalves

**Projeto gráfico** | *Graphic design*

Karina Strapasson

**Fotografia** | *Photography*

Cadi Busatto

**Tratamento de imagem** | *Image editing*

Hay Graphiks

**Revisão** | *Revision*

Marílis Vizzotto Lopes

**Versão para inglês** | *English version*

Bruno Marcelino

**Gerenciamento do projeto** | *Project Manager*

Mônica Drummond

**Impressão** | *Printed by*

Maxi Gráfica

**Agradecimentos** | *Acknowledgments*

Museu Oscar Niemeyer, Amélia Siegel Corrêa,  
Claudiney Belgamo e Divaldo Bolsaneli,  
Irineu Xavier Wisniewski, Lilliana Cabral,  
Maria Cecília Cavalcanti Germano e Aline Pestana.

---

Gonçalves, Walter Roberto  
Miguel Bakun: O olhar de uma coleção / Walter Roberto  
Gonçalves; organização Eliane Prolik; textos de Adolfo Montejo  
Navas e de Ronaldo Brito - Curitiba, PR: Edição do autor, 2024.  
184 p. : il ; 25 x 21cm.

Edição bilingue

Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-88617-82-3

1. Bakun, Miguel, 1909-1963. 2. Arte - Coleções particula-  
res. 3. Pintores - Paraná. 4. Arte brasileira. 5. Pintura. 6. Desenho.  
I. Navas, Adolfo Montejo. II. Brito, Ronaldo. III. Título.

CDD (22° ed.)  
759.98162

---

ISBN: 978-65-01-17493-8













2.257.1948